FALTA A CAPA (PÁGINA 01) DO DIA

13 DE SETEMBRO DE 1952 (Nº 37)



SOA NOS ARES O CLARIM. São oito e vinte e cinco da noite. Há um mês, precisamente, morreu a "Chefe Espiritual da Nação". E a Argentina inteira fêz cinco minutos de silêncio, antes do cortejo cívico até o **ALTAR VOTIVO**, cheio de flores, à entrada da Confederação Geral dos Trabalhadores da Argentina.

EVA PERÓN SERÁ CANONIZADA?

O MOVIMENTO PRÓ-CANONIZAÇÃO ★ INTERESSARIA A PERON SANTIFICAR A ESPÔSA ★ CHOQUE COM A IGREJA ARGENTINA ★ O QUE PENSA A OPOSIÇÃO ★ DE QUE MODO TENTAM MANTER EVITA VIVA NO CORAÇÃO DO POVO

Texto de **DOMINGOS DE LUCCA JÚNIOR**

Fotos de **DARIO TERINI**



BUENOS AIRES, agôsto.

NEM mesmo a Roosevelt, perda lamentada em todo o mundo democrático, uma nação rendeu tantas homenagens póstumas como a Eva Maria Duarte de Perón, cujo primeiro mês de falecimento foi solenemente comemorado, em tôda a República Argentina, com a realização de funerais cívicos simbólicos, organizados pela Confederação Geral do Trabalho.

Para nós brasileiros, que já assistimos a homenagens póstumas a muitos homens públicos de destaque, que vimos de perto, os funerais da espôsa de um Presidente da República, nada mais fantástico do que presenciar à impressionante manifestação do último dia 26, quando centenas de trabalhadores, reunidos na praça da República, renderam tocante homenagem àquela a quem o Congresso argentino deu o título de Chefe Espiritual da Nação.

De maneira invulgar, Eva Perón vem sendo lembrada, pelos

EVA PERÓN SERÁ CANONIZADA?



CÊRCA DE UM MILHÃO DE PESSOAS participaram do funeral cívico, simbólico de Eva Perón, que foi um ídolo dos pobres da Argentina e a quem



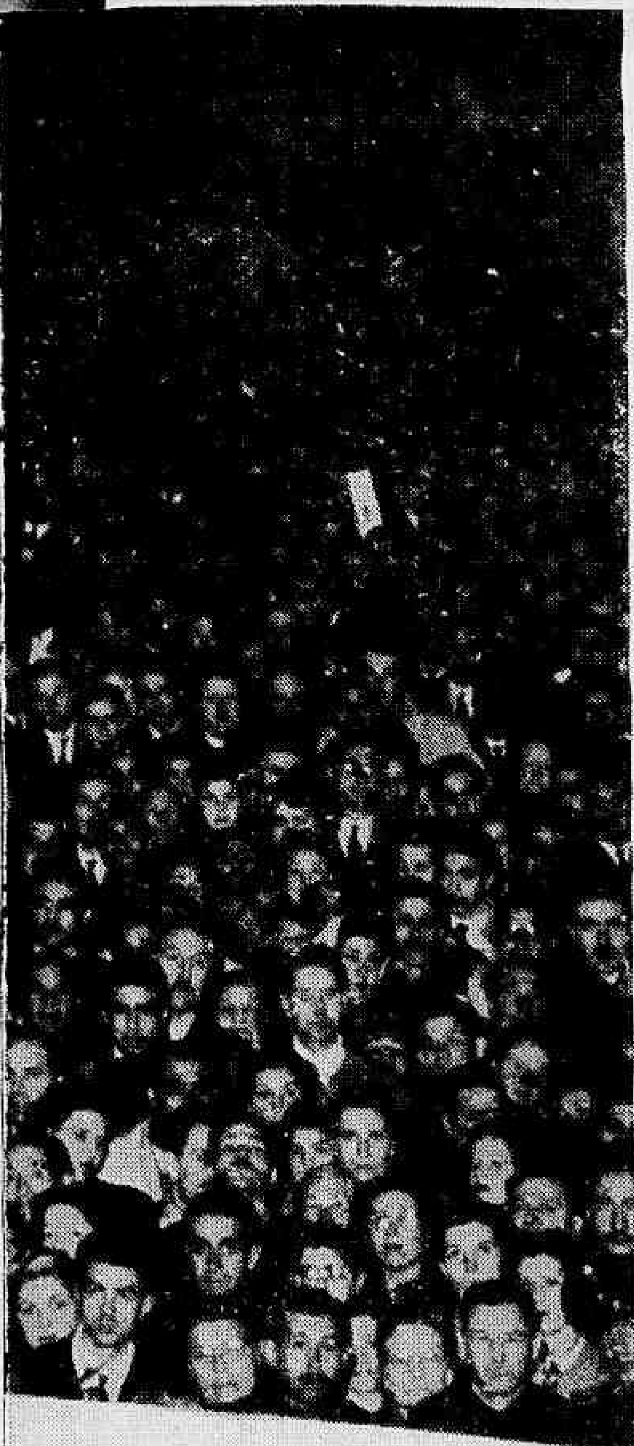
HOMENS, MULHERES E CRIANÇAS de tôdas as classes sociais: operários, comerciários, classe-média, uniram-se na gigantesca comemoração noturna.

poderes públicos, com constância matemática, e de uma forma tal que o povo queira ou não queira, participa, diretamente, das manifestações diárias de pesar. Nos cinemas, em tôdas as sessões e em caráter expressamente obrigatório, passa um documentário, de vinte minutos de projeção, intitulado: "Eva Perón, a Imortal", que faz um retrospecto total da vida da falecida, terminando com cenas de seus funerais. Nas praças, ruas e avenidas, quer no centro, quer nos bairros, foram erigidos altares votivos; nas repartições públicas, inaugurados bustos e os órgãos da imprensa escrita e falada lembram, em cada edição, em cada programa, Eva Perón.

O trabalho em tôda a República, diàriamente e dependendo da modalidade, é paralisado, por determinado período de tempo, que varia de 5 a 30 minutos, em homenagem à desaparecida. Assim é que os restaurantes não servem ninguém, das 20 às 20,30 horas; o trânsito é totalmente paralisado por alguns minutos, e os cinemas fazem intervalos forçados.

Por outro lado, o govêrno colocou o nome de Eva Perón na cidade de La Plata, no hipódromo de Palermo, num campo de futebol e num autódromo. Seja em Buenos Aires, ou em Jujui, em La Plata — onde os estudantes protestaram contra a mudança de nome — ou em Rosário, o povo vai recebendo essas modificações, passivamente, sem ao menos comentar. Os únicos que demonstram, claramente, opinião contrária são os Radicalistas, filiados à União Cívica Radical, partido da oposição.

Para êles, os peronistas têm fortes razões para assim agir, tentando transformar a ex-corista em figura imortal e histórica, como San Martin ou Mitre. Os Radicalistas dizem que tendo sido Eva o mais convincente instrumento de propaganda de Perón, interessa-lhe, hoje, transformá-la em uma santa, cujo nome invocará, nos momentos precisos, co-





Perón pretende transformar em santa.



AS TOCHAS ACESAS cobriram Buenos Aires com um fantástico oceano ondulante de fogo, contrastando com a luz baça e racionada dos dias comuns. Silêncio e dor deveriam ser a nota dominante. Mas houve quem acompanhasse o cortejo alegremente, o que fêz os inimigos do Presidente Perón afirmarem que o comparecimento fôra obrigatório...

movendo o povo, com suas eloqüentes orações.

O Partido Peronista Feminino, fundado pela extinta, por seu turno, deu início a uma campanha pró canonização, que vem tendo amplo acolhimento, entre suas filiadas. Pretenderiam, dessarte, os peronistas, avultar o movimento de maneira que, quando fôsse às mãos da Igreja Argentina, esta não pudesse se negar a dar início ao processo canônico.

Nas praças e ruas, não raro, senhoras, moças e até homens, benzem-se, fervorosamente, ao passar por um retrato de Evita, erguido em um altar votivo. Êsse endeusamento, ao ver da oposição, fortalece Perón, agiganta-o e enraíza-o mais, no seio do eleitorado, pois êle passa a ser não sòmente o homem, o líder, o presidente, mas também o que conviveu com a santa e com ela repartiu as alegrias e os sofrimentos.

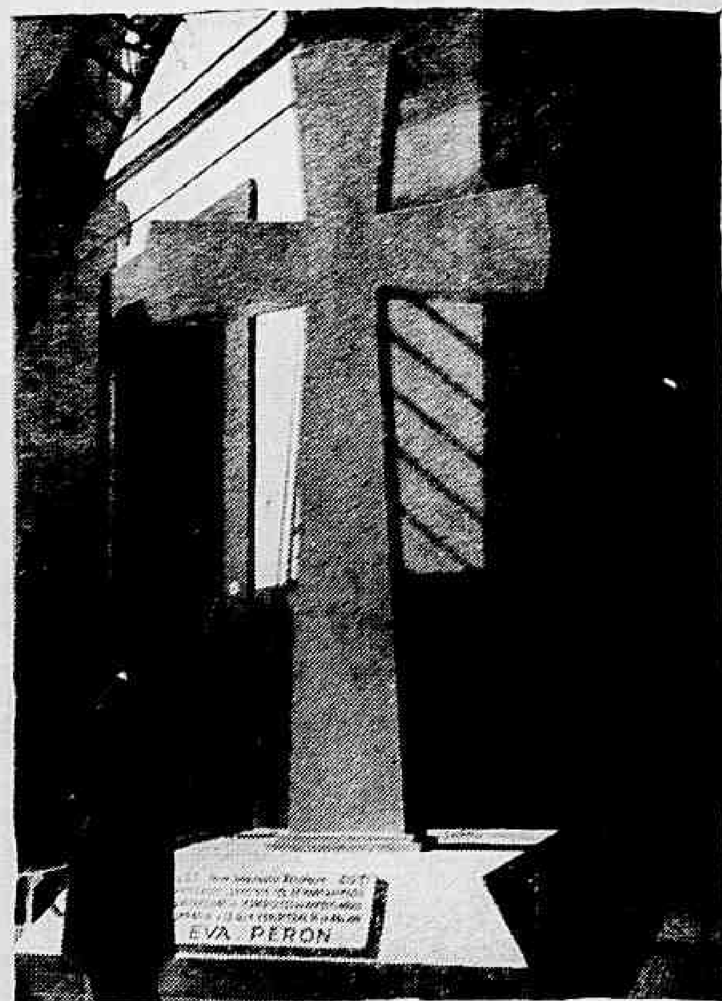
A Confederação Geral do Trabalho é quem determina quais as homenagens que os descamisados devem prestar à



EVA PERÓN SERÁ CANONIZADA?



AS MÃOS DE EVA PERÓN, as mãos que espargiam o bem, simbolizadas num enorme carro alegórico.



A CRUZ DA CANONIZAÇÃO, à porta da C. G. T., onde os peronistas esperam um dia será rezada a missa, quando ELA fôr santificada.

Chefe Espiritual. Flores são colocadas, diàriamente, nos altares votivos e as casas comerciais mantém retratos tarjados de negro em suas vitrinas ou fachadas. O govêrno baixou determinações severas no que diz respeito à confecção de bustos e retratos, que só podem ser reproduzidos de acôrdo com as matrizes oficiais.

E êsse gigantesco plano culminou, a 26 do mês de agôsto, com a manifestação monstro organizada pela CGT, em todo o país. Em Buenos Aires, exatamente às 19 horas, com a praça da República parcialmente tomada, os diretores da Confederação deram entrada no monumental palanque, encimado pela foto de Eva Perón, armado ao lado do Ministério da Viação, seguidos por alguns ministros e membros do govêrno..

Iniciando a cerimônia, a orquestra e o conjunto coral do Teatro Colon executaram algumas peças sacras, e trechos do livro "La Razon de Mi Vida", foram lidos ao microfone. Em seguida, José G. Espejo, secretário geral do CGT, leu uma pro-

(*Cont. na pág.* 51)



"A CHAMA DA LEMBRANÇA, que ficará sempre acesa em nossos corações", dístico do carro alegórico, que percorreu B. Aires, no longo trajeto das tochas.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 37 ★ 13-9-52

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Eva Perón será canonizada? (Domingos De Lucca Júnior) 3/ 6
O Mundo inteiro luta contra a Tuberculose (Leonel C. Ferreira) 11/13
A Cavalhada (José Siqueira) 15/17
Cinco menos dois, três (Tito Silveira) .. 24/25
Teatro Universitário Francês (L.C.F.) .. 38/41
Os presos quebram as grades 44/45

LITERATURA

Mêdo de ser grande (Generoso Ponce Filho) 7
Tudo azul (Geo William) 8
O rouxinol e a rosa (Oscar Wilde) 27
Semana Literária (Edmundo Lys) 35

SEÇÕES PERMANENTES

A semana em revista 8/ 9
A personagem da semana (Mossadegh) 9
Lido... visto... ouvido... (Jim) 22/23
Puxe pelo cérebro 36
Passatempo (Renato Cartaxo) 37

ROMANCE

Um príncipe em minha vida (Michel Davet) 28/29

FOLHETIM

Filho, meu filho 32/43

FEMININAS

Conta-me teus sonhos (Maria Paula) ... 26
Diversidade das blusas 32/33
Tarde de sol — casaco de verão 34
Dois bilhetes (Isolette) 36
Rotina de beleza 37
Week-end na cozinha 46
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) . 50
À luz da psicanálise (Dr. Luiz Fraga) .. 51

CINEMA

O desafio das estrêlas 48/49

MÚSICA

Turandot (José Siqueira) 20/21

CURIOSIDADES

O fantasma do peraltagem 14/15
O primeiro amor do duque de Edimburgo 18/19
...E o polegar passou a indicador .. 52/53
Seu cachorro sabe ler? 56/57

ATUALIDADES

Ferve o mundo árabe 30/31

CARICATURA

Êste mundo e o outro (Darcy) 47

CAPA:

Marilyn Monroe (20-th Century-Fox)

MÊDO DE SER GRANDE



O Brasil precisa não ter mêdo de ser grande. Eis a exclamação que me sai da alma, quando leio as recentes declarações, oportunas e inteligentes, de D. Alzira Vargas do Amaral Peixoto, ao volver da Europa, onde representou nosso país na Conferência do Trabalho, de Genebra.

Estou de acôrdo com a observação de Dona Alzira de ser êste um momento psicológico para o Brasil. A intranqüilidade mundial, o receio generalizado da eclosão do terceiro conflito, que se prenuncia catastrófico para a humanidade, inclinam os europeus ao desejo incontido de fugir ao foco do perigo, vindo procurar, nesta Canaan dos trópicos, o ambiente propício ao trabalho fecundo e à vida digna de ser vivida. Massas trabalhadoras, elites técnicas, capitães de indústria e capitalistas, por tôda a parte da Europa, encontram-se desejosos de vir para o Brasil. De onde a afirmação categórica da observadora de ser êste o momento psicológico para nossa Pátria. Saibamos, pois, aproveitar êsse momento e não perdê-lo, como tantas e tantas outras vêzes. Em 1945 tivemos a oportunidade de entrar para o Conselho Permanente das Nações Unidas. Estava eu em Nova York, quando soube por Oscar Correia, nosso Cônsul geral na metrópole tentacular, hoje Embaixador não sei onde, que Franklin Roosevelt iria propor em São Francisco a entrada do Brasil e da China para o Conselho Permanente, já preestabelecido em Dubarton Oaks. Contando com o voto dos Estados Unidos e o da Rússia, na época desejosa de reencetar conosco as relações cortadas, faltava-nos apenas um voto decisivo: o da França, ou da Inglaterra. Como qualquer brasileiro o tentaria fazer, tomei, na minha obscuridade, a iniciativa de procurar madame Geneviève Tabouis, na redação do **"Por la Victoire"**, e consegui sua boa-vontade e interferência junto a Paul Boncour, que acabara de ser nomeado chefe da delegação francesa à famosa Conferência.

Assentada essa preliminar, fui a Washington e expus o caso ao ilustre embaixador do Brasil. Sua excelência não participava do meu entusiasmo pela idéia. Gentilíssimo comigo, o Sr. Carlos Martins disse-me: o senhor não acha que isso é muita responsabilidade para o Brasil? Não lhe parece que ficaríamos melhor cuidando do nosso sistema interamericano de defesa?

Nada mais me cabia fazer, na insignificância da minha posição de modesto brasileiro, acidentalmente cuidando de cumprir o seu dever. E minha amargura subiu de ponto, quando, em Miami, a 27 ou 28 de Abril, de volta ao Brasil, li nos jornais que, por proposta de Anthony Eden, pela Inglaterra, Paul Boncour fôra escolhido relator exatamente do capítulo que tratava da organização do Conselho Permanente.

Tivemos mêdo de ser grandes. E é isso que precisamos afastar de nossa mente, êsse complexo, para usar do jargon freudiano.

Porque, com mêdo de ser grande, não poderemos aproveitar êsse momento psicológico, que a acuidade da Sra. Amaral Peixoto vislumbrou para nós neste turbilhonante mundo em que vivemos.

GENEROSO PONCE FILHO

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na Capital a cargo da Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569

Redator-Chefe de Publicidade: **J. M. COSTA JÚNIOR**

Paginação de **VICTOR TAPAJÓS** — Desenhos de **ALBERTO LIMA**

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

Diretor **GRATULIANO BRITO** — Assistente **RENATO DE ALENCAR**

TELEFONES:
Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 22-8647 ★ Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. — Êste número tem 60 páginas

A REVISTA HA 50 ANOS

14 de setembro de 1902

OS THEATROS

NOVIDADES theatrais, nenhuma. A Companhia Dramatica Portugueza partiu para São Paulo onde estréou com a "Zazá". A imprensa paulista dedica merecidos elogios à actriz Angela Pinto e recebe discretamente o resto do elenco. Taveira, já reconciliado com a sua collega reappareceu no "Caondal", da "Sapho", o seu melhor papel. A Companhia dará alli e em Santos um limitado numero de espectaculos regressando em seguida ao Rio, onde exhibirá a "Bola de Neve" (Plaisir d'Amour) e o "Billet de Logement" (Major do 36). Angela Pinto fará a sua festa artistica com "A Severa", de Julio Dantas. No Lyrico, o "Fausto", a obra prima de Gounod, a que a platéa fluminense prefere a "Mefistofeles", não sabemos por que motivo. A opera foi muito bem cantada por Zanatello e discretamente por Camilla Pasini e Nicoletti.



— Hum! Estou com medo. Mandei o Carlos verificar **que bicho deu hoje... e elle é muito capaz de** ver e ficar **com o cobre...**

A SETTA, A AZA E O CORAÇÃO



Toilette para praia, ultima novidade. Branca, verde pastel ou heliotropo pallido, fecha com uma gravata à marinheira. Chapéo de palha modelo da marinha francesa.

Ah! a minha amiga fez uma aposta e ganhou-a!

Um archeiro dizia:

— De todas as settas rapidas, a minha setta é a mais rapida. Em menos de um segundo, vae do arco ao alvo: nada ha no mundo que possa egualal-a em velocidade.

A minha amiga teve um sorriso de desdem.

— De todas as azas promptas, a minha aza é a mais prompta! Em muito menos de um segundo, vae de um extremo a outro extremo da planicie: nada ha sob o céo, cuja celeridade seja comparada à sua.

A minha amiga encolheu os hombros, zombando.

— Então — diz o archeiro — conhece alguma cousa mais rapida que a minha setta?

— Então — diz a ave — conhece alguma cousa mais rapida que a minha aza?

— Sim!

— Não!

— Não!

Apostaram e marcou-se o dia para a experiência. Mas, muito antes que a setta tivesse attingido o alvo, muito antes que a aza tivesse tocado a relva, no extremo longinquo da planicie, o coração da minha amada havia fugido para outro amor, de onde já voava! — **CATULLE MENDÉS**

A Semana

O Disco de Ubá

MINAS Gerais, Estado de grandes proporções e com a segunda população do Brasil, sempre nos oferece motivos de variada espécie para a vida dos jornais. E não poderia deixar de aparecer, vindo de Minas, qualquer coisa sôbre disco-voador. Há poucos anos, quando o disco era conhecido pelo modesto nome de "pires-voador", apareceu um lá pela zona da Lagoa Santa. O viajante fôra visto por algumas pessoas de ôlho vivo, apesar da noite escura. Depois disso não passou mais nenhum pires, prato ou disco-voador pelos céus mineiros. Mas agora, no penúltimo domingo, correu mundo a notícia sensacional: um disco-voador sôbre a cidade de Ubá. O povo veio às ruas e praças para ver o itinerante sem-cerimônia. E lá estava êle, ameaçador e feroz, querendo bombardear a pacatíssima cidade da Mata mineira. Os cinemas tiveram que suspender as sessões; pessoas que estavam jantando em hotéis e casas particulares, deixaram apressadamente a mesa e foram ver o fenômeno. As mães, pressurosas, andaram a recolher seus filhos, amparando-os contra qualquer agressão dos marcianos. O comércio fechou. Muita gente foi procurar os templos e as orações mais fervorosas foram dirigidas a Deus pedindo clemência contra aquêles invasores perigosos. Mas tudo não passou de uma brincadeira de menino. Não havia disco nenhum! Um garôto, imaginoso e pilhérico, amarrou uma lanterna à cauda de um papagaio e causou todo aquêle alvorôço...



A desvalorização do cruzeiro



O Sr. Horácio Láfer, Ministro da Fazenda, acaba de telegrafar à Delegacia do nosso Tesouro em Nova York, comunicando que o Govêrno brasileiro não cogitava de desvalorizar o cruzeiro com o fim de amenizar as dificuldades cambiais. Tranqüilizou o país declarando que, por maiores que fôssem as aperturas por que passamos, o remédio não seria essa desvalorização, e sim restringir as importações, reduzindo-as às nossas disponibilidades em ouro e divisas estrangeiras, mantendo-se equilibrado o nosso orçamento. Desmentiu ainda o titular da pasta que estivesse o nosso país a pleitear empréstimo destinado a liquidar os seus atrasados comerciais em dólares com os exportadores americanos. O total dêsses atrasados é de 195 bilhões de dólares, e serão liquidados em prazo relativamente breve, graças à política financeira do Govêrno de conservação do câmbio. A palavra de um homem como o Ministro da Fazenda sempre é ouvida com a maior atenção pelo país nos momentos de apreensões como o que passamos. Em tais circunstâncias, os exploradores da opinião pública procuram agir perturbando cada vez mais o ambiente nacional, mesmo que tais atividades nada mais sejam do que processos para produzir confusão. O país está numa encruzilhada. Não pode recuar. E' ir para a frente com todo o ânimo e entusiasmo pelo seu progresso. Se erramos algumas vêzes, devemos agora corrigir tudo.

Em Revista

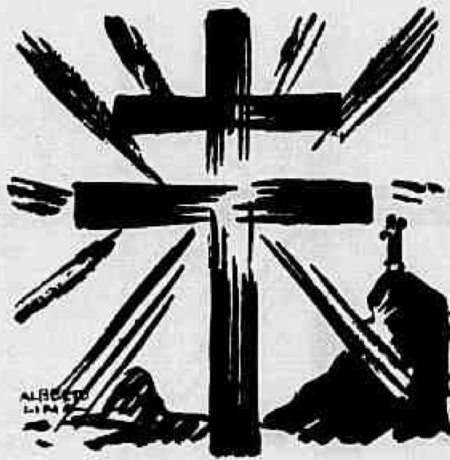
O fardamento dos motoristas

UMA portaria do Sr. Edgard Estrêla acaba de pôr em vigor dispositivos legais que obrigam os motoristas a usar paletó, quando ao volante de seus veículos, ao invés de usar uma simples blusa em mangas de camisa. Segundo declarações dos próprios volantes de ônibus e lotações, o indumento exigido vem combinar com a opinião da classe, que está de pleno acôrdo com os desejos do Diretor do Trânsito. Mas, segundo uns, ninguém veste mal pelo prazer de assim apresentar-se em público, e sim, muitas vêzes, pela falta de vestuários adequados. Nesse caso, as próprias emprêsas poderão colaborar com os profissionais e ajudá-los a vestir-se dentro do regulamento. Há um ponto que deve ficar bem claro: o da época em que os motoristas podem usar blusão: o do calor no Rio. Mas isso é muito vago. Mesmo em pleno inverno, às vêzes, a temperatura sobe. Qualquer pessoa pode vestir linho; mas os motoristas, mesmo suando, não podem tirar o paletó... O caso da indumentária é bastante difícil de ajustar-se ao tempo nesta cidade das maravilhas. Que um motorista de coletivo deve estar decentemente trajado, limpo e asseado, não se discute; mas seria também muito útil e recomendável ao Distrito Federal, que os motoristas de ônibus procurassem servir melhor aos passageiros das filas, deixando de passar de largo nos pontos, mesmo com seus veículos vazios. Que encostem para receber-nos. Mesmo em mangas de camisa...

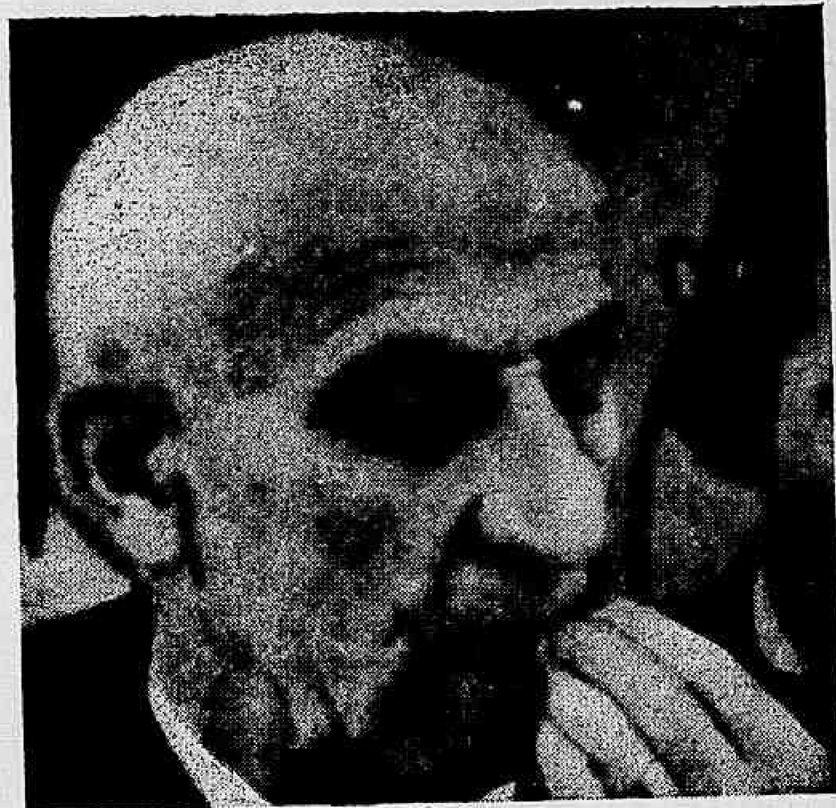


A Ciência Mundial no Rio

AO escrevermos estas notas, está reunido na Capital Federal o maior certame de especialistas contra a tuberculose pulmonar. Sábios de vários países do mundo, dentre êstes França, Suiça, Inglaterra, Itália, Estados Unidos, etc., estiveram debatendo todos os problemas em tôrno da melhor maneira de combater a peste branca, um dos maiores flagelos da humanidade. Veio à baila o caso dos antibióticos, ora em aplicação na luta contra a tuberculose. Médicos especialistas da Itália, Paraguai e Haiti mostraram, através de impressionantes estatísticas, o que é a devastação da terrível doença nas populações mais humildes daquelas nações, onde as massas de trabalhadores são dizimadas impiedosamente. Nenhum dos nossos ilustres visitantes escondeu sua admiração ao que temos feito em favor da saúde do povo e no combate à tuberculose pulmonar nestes últimos anos. Na Itália o após-guerra trouxe grande surto de portadores da moléstia vindos dos campos de concentração da Rússia e da Alemanha. O índice de contágios cresceu assustadoramente; noutros países, a mortalidade baixou, mas o número de contagiados aumentou. O que deteve a marcha da morte foi a aplicação dos antibióticos em uso. Se não fôra isso, as perdas de vidas teriam sido alarmantes e irreparáveis. O Brasil apresentou trabalhos de grande valor científico, destacando-se o do Prof. Cabral Mota, da Universidade de Minas Gerais.



A PERSONAGEM DA SEMANA



Ministro Mossadegh

CONTINUA efervescente a panela internacional temperada com o petróleo do Irã. A Inglaterra e os Estados Unidos, procurando uma saída para a momentosa questão, apresentaram ao Primeiro-Ministro daquele país, o já famoso Mossadegh, uma proposta que, após vários dias de estudos e meditações, foi rejeitada. O petróleo tem dado muita riqueza, mas, da mesma forma, continua a causar muita dor de cabeça, especialmente a Ministros. E Mr. Churchill está com esta nova espinha atravessada na garganta, enquanto o Govêrno dos Estados Unidos procura, já não uma nova saída, mas uma **entrada** para a velha Pérsia. Enquanto isso, o Ministro Mossadegh se mostra inabalável, deixando muita gente a chuchar no dedo...

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando pêso e dôr de cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrôtos, mau gôsto na bôca, indigestão, muita sêde, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, lingua suja, mau hálito, certas coceiras e erupções na pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar êstes males use Ventre-Livre, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substancias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use Ventre-Livre

* * *

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

* * *

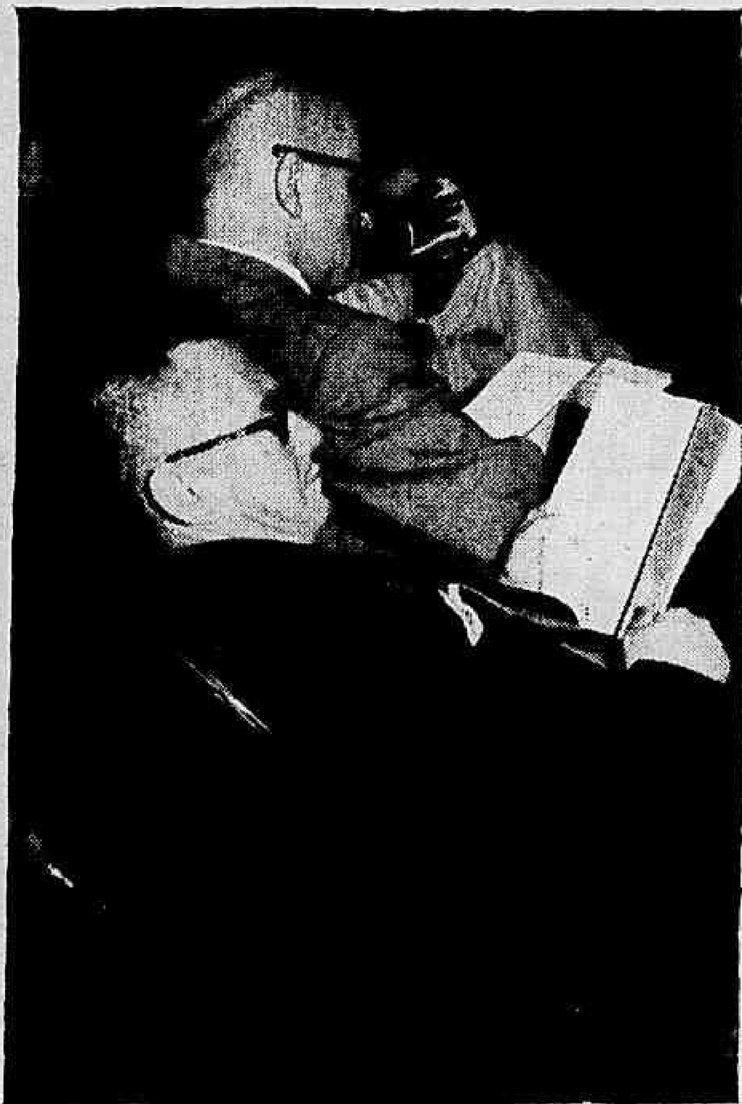
Tenha sempre em casa
Ventre-Livre



Flagrante da instalação da XII Conferência Internacional contra a Tuberculose e do II Congresso do American College, no Ministério da Educação e Saúde.

O MUNDO INTEIRO LUTA

Texto de **LEONEL C. FERREIRA**



Vários Estados se fizeram representar; na foto Elísio de Menezes, B. Horizonte, Aloísio de Paula, Rio.

ESTAMOS atravessando uma hora de incertezas. Por tôda parte há uma perturbação geral. O Homem do nosso século, desvendando a natureza, aprendeu a desintegrar a matéria. Tornou-se, assim, capaz de notáveis empreendimentos. Tanto pode atear o fogo de uma nova Hiroshima, como construir um futuro de verdadeira paz para a humanidade. E a Ciência, por vêzes, tem-se tornado escrava daqueles que procuram destruir. Por isso nos acabrunha o mêdo.

Enquanto tal acontece unem-se as nações nesse recanto livre do Novo Mundo, sob a égide da Ciência, no desejo imenso de querer salvar a humanidade dos bacilos da morte. O imponente conclave médico realizado no Brasil teve uma significação extraordinária. Foi um teste soberbo de fé nos destinos de um mundo mais puro, que êsses pioneiros da verdadeira benquerença universal fizeram, nesta mesma hora de geral desalento.

★

A XII Conferência Internacional contra a Tuberculose e o II Congresso Internacional do American College of Chest Physicians contaram com a participação de lídimos representantes da ciência médica de mais de quarenta e duas nacionalidades.

O importante Congresso foi instalado solenemente, na noite de 24 de agôsto, no majestoso auditório do Ministério da Educação e Saúde, participando da solenidade destacadas figuras de nosso meio social e diplomático.

Presidiu a sessão magna de instalação, representando o Sr. Presidente da República, o Sr. Ernesto Simões Filho, Ministro da Educação. Ladearam a mesa várias personalidades de destaque, entre as quais o Sr. Nereu Ramos, presidente da Câmara dos Deputados; os professôres Arlindo de Assis, diretor do Departamento Nacional de Saúde; Manuel de Abreu, presidente da União Internacional contra a Tuberculose; Andrew Banyai, presidente do American College of Chest Physicians; Etienne Bernard, secretário geral da União; Reginaldo Fernandes, secretário geral dos dois Congressos e muitos outros membros da delegação do Brasil e do estrangeiro.

Depois de dar as boas-vindas aos congressistas, em nome do Presidente do Brasil o Sr. Simões Filho deu a palavra ao cientista brasileiro Manuel de Abreu, que dirigiu uma mensagem de confraternização aos seus colegas estrangeiros e terminou auspiciando pleno êxito para os trabalhos do Congresso. Nesta ocasião falaram, ainda, os profes-



Parte da assistência, vendo-se ao fundo o conjunto sinfônico. Altas personalidades do nosso meio social e cultural tomaram assento à mesa na solenidade.

CONTRA A TUBERCULOSE

Fotos de ALBERTO FERREIRA

sôres Etienne Bernard, da França, e Andrew Benyai, dos Estados Unidos. Ambos teceram um hino de louvor à Ciência médica brasileira. Durante os intervalos da solenidade de instalação do Congresso tocou um conjunto sinfônico, sob a regência do Maestro José Siqueira, trechos de música clássica.

★

Sob a presidência do famoso cientista sueco, professor Arvid Walgren, teve início na segunda-feira, 25 de agôsto, no auditório do Ministério da Educação — a primeira sessão plenária do Congresso. Foi o prof. Walgren, relator oficial do tema: "Imunidade e Alergia". Seguiram-se outros co-relatores, merecendo especial atenção o prof. José Rosemberg, de São Paulo, pela sua magnífica exposição em tôrno da aplicação e vantagens, na clínica brasileira, do BCG. Leram ainda seus co-relatórios os professôres H. V. Sivilla, da Colômbia; Karl A. Jensen, da Dinamarca; Rafael Navarro Gutierrez e J. Perez Pardo, da Espanha. Esmond S. Long, Estados Unidos; Gernez-Rieux, da França; Gennaro Constantini, da Itália; Vincenzo Monaldi, da Itália; Gaspar Ancira Villareal, do México; Celso Arrellano, do Peru, e J. Cândido de Oliveira, de Portugal.

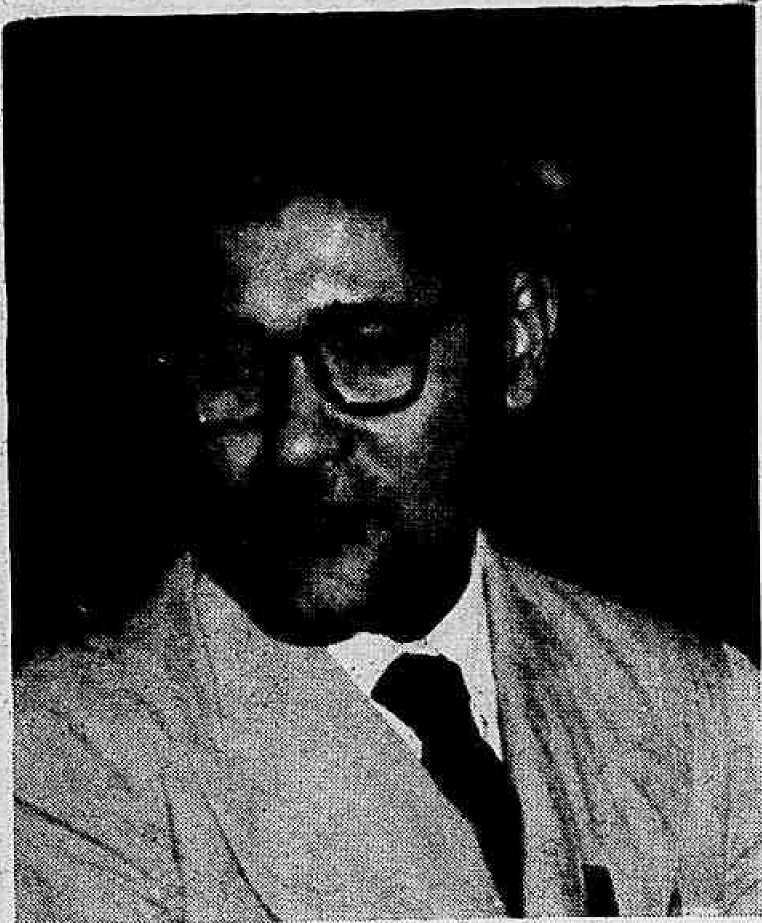
Na segunda sessão plenária, do dia 26, foi relator oficial o professor J. Burns Amberson, dos Estados Unidos, tendo abordado o tema: "Tratamento e prognóstico das lesões mínimas do pulmão". O tema despertou grande interêsse devido aos conceitos emitidos pelo ilustre cientista. Sôbre o assunto ocuparam a tribuna os médicos brasileiros Reginaldo Fernandes e Gil Ribeiro — como contribuição brasileira ao palpitante tema. Os demais trabalhos foram apresentados pelos seguintes co-relatores: H. Orrego Puelma, do Chile; Garcia Peres, de Cuba; José Alix e J. Abelló, da Espanha; Herbert L. Mants, dos Estados Unidos; E. Rist e Etienne Bernard, da França; F. H. Young, da Inglaterra; Umberto Carpi, da Itália; Jean Chenebalt, de Marrocos; Ovídio Garcia Rossel, do Peru; F. Masselot e J. Coupin, da Tunísia, e Armando Sarno, do Uruguai.

★

Prosseguindo em suas atividades científicas a União Internacional contra a Tuberculose apresentou o terceiro tema: "Organização e rendimento para a luta antituberculosa do exame sistemático das coletividades". Foi relator oficial o professor Fernando D. Gomez, do Uruguai. Segui-



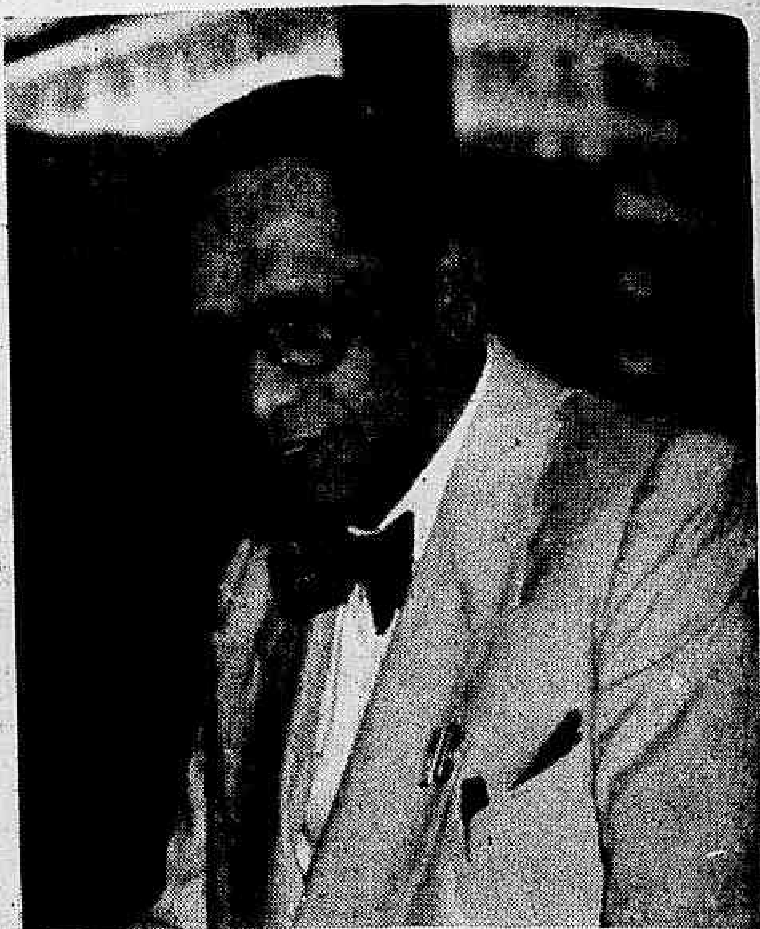
A delegação da França, chefiada por Etienne Bernard, foi brilhante. Na foto os profs. Prevost e Veran.



Professor Mahomed Ibrahim (Paquistão)



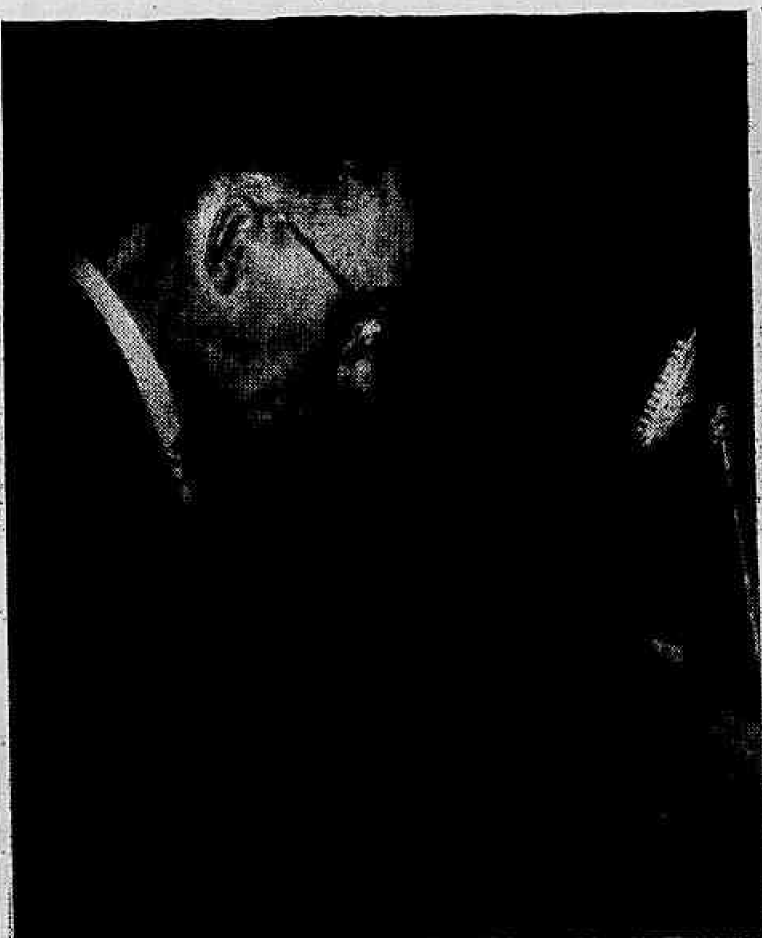
Professor R. V. Benjamin (Índia)



Dr. George Renawake (Ceilão)



Professor Umberto Carpi (Itália)



Professor Bedford Elwell Brishane (Austrália)



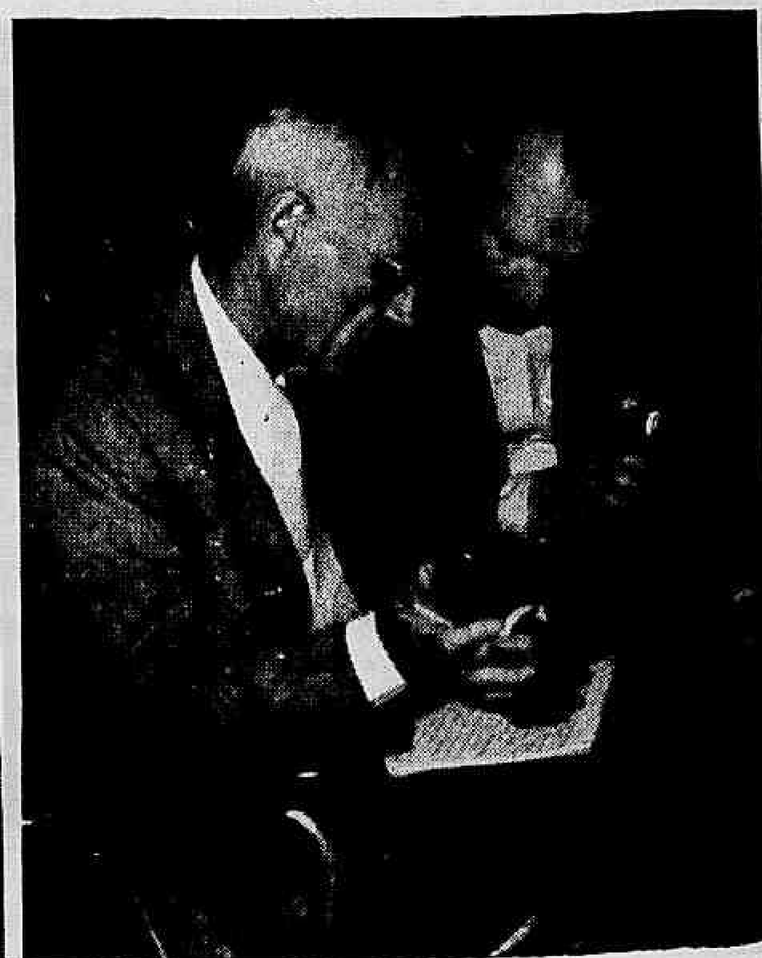
Dr. Tewfik Saglan (Turquia)



Dr. Mário Espinos Galarssa (Peru)
Professor Fernando D. Gomez (Uruguai)



Professor H. Orrego Puelma (Chile)



Professor Esmondi S. Long (Estados Unidos)
Juan Max Boettner (Paraguai)

ram-se na tribuna os demais correlatores: Gumersindo Sayago, da Argentina; Manuel de Abreu, do Brasil; Juan Castillo, de Cuba; Álvaro Urgoitti, da Espanha; Robert Anderson, dos Estados Unidos; J. Harley Williams, da Inglaterra; A. Courcoux, M. Bariéty et Ch. Coury, da França; P. V. Benjamin, da Índia; L. Sagona, da Itália; Miguel Jimenez, do México; W. A. Griep, Países Baixos; Angel Ginés, do Paraguai; Luiz Cano Gironda, do Peru; Lopo de Carvalho Cancela de Abreu, de Portugal; Carl Vegelius, da Suécia, e Pedro Iturbe, da Venezuela.

★

Encerrada em assembléia geral as atividades da XII Conferência da União Internacional contra a Tuberculose, teve início o II Congresso Internacional de Medicina do Tórax do American College of Chest Physicians. As opiniões mais abalizadas dos mais célebres tisiologistas do mundo foram expendidas num intercâmbio cultural admirável. Falaram vários oradores, que abordaram diferentes temas sôbre diagnóstico, tratamento e terapêutica de várias afecções toráxicas. No dia 29 — continuação das atividades científicas, conjuntamente com a Sociedade Internacional de Broncoesofagologia. No sábado, dia 30, às 21 horas — realizou-se a sessão de encerramento das atividades do 2.º Congresso do American College em conjunto com a XII Conferência Internacional contra a Tuberculose, seguido do banquete e baile de gala no Copacabana Pálace.

Terminou o notável Congresso. A luta sem tréguas está declarada aos terríveis bacilos de Kock e de Hansen. E' a Ciência que marcha unindo os povos de diferentes raças. Agora são cinqüenta e cinco países que, unidos, prosseguirão na tarefa ingente de debelar os males da tuberculose.

Entre as diversas personalidades agraciadas pelo Colégio Americano do Tórax, destacam-se o eminente cientista brasileiro Manuel de Abreu e o famoso cientista sueco Jorge Lehman, o descobridor do P.A.S.

Das atividades e dos simpósios desta XII Conferência Internacional contra a Tuberculose surgiram a confiança e a certeza num mundo melhor. E em nome da Ciência o Homem realizará na terra a sua felicidade, sem os horrores e as misérias das doenças do pulmão. E' o que todos esperam do Congresso de sábios realizado no Rio de Janeiro.



Na foto, o representante de Puerto Rico — Dr. Pesquera — em curiosa atitude de profunda meditação.



Dr. Max Augustin e Dr. Louis Roy (Haiti)



Prof. Abelos e Prof. Abelló (Espanha)

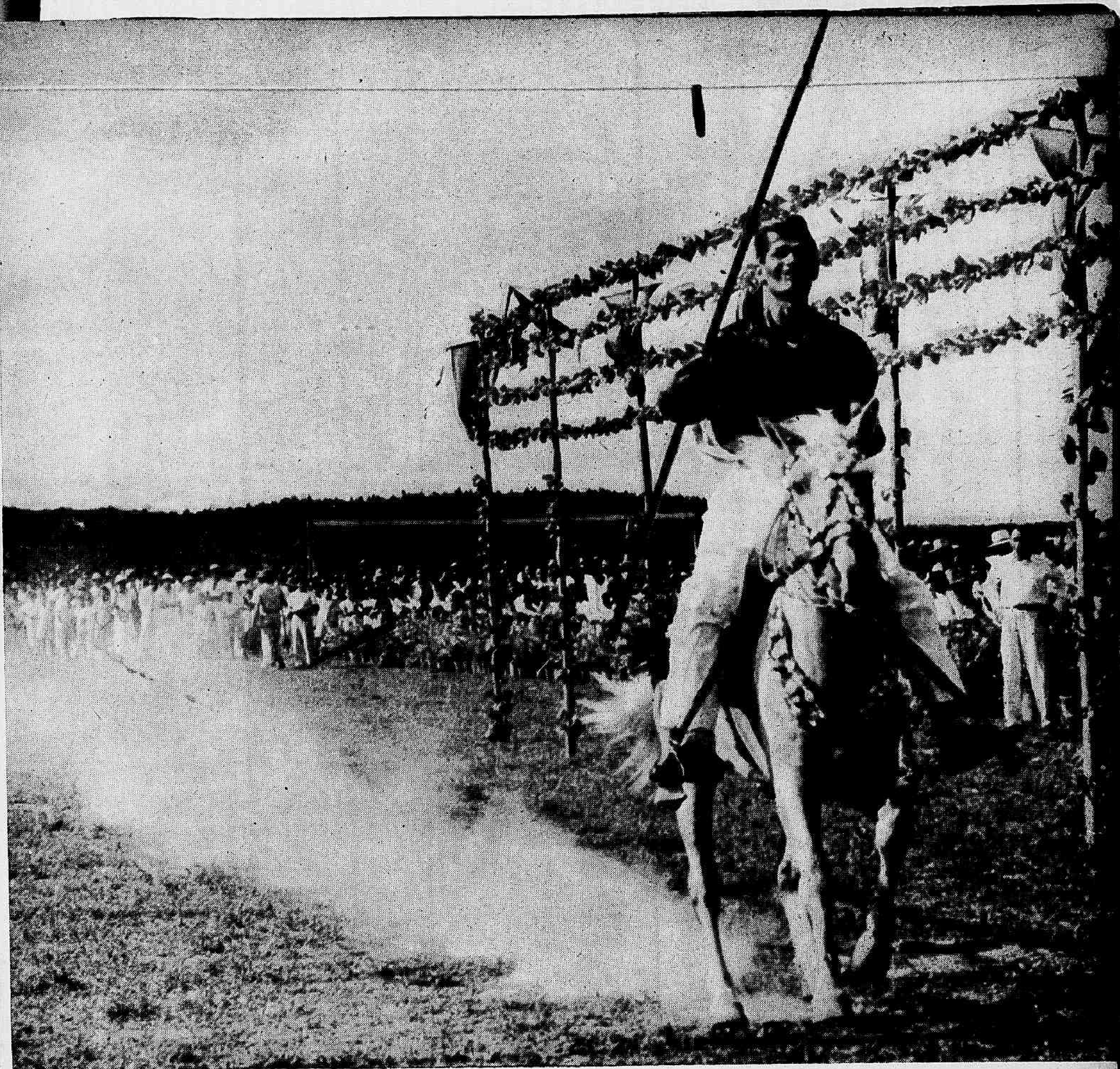
O FANTASMA DA PERALTAGEM





O fantasma da peraltagem persegue os pais. Que andarão fazendo os garotos? E' o que deviam andar indagando as mãezinhas destas duas, porque a foto acima, não é nenhuma aparição espírita, mas de uma linda menina. Acredite, se quiser. Nancy Gustafson (será parenta da Greta Garbo, cujo nome verdadeiro é êsse?) antes de ir para o colégio, em Mineápolis, foi à cozinha, riscou um fósforo, deixou o bico de gás aberto, enquanto acendia outro, e... deu-se o estouro! Gritos, susto, queimadura... Pronto socorro.

A outra, mais feliz, é Carol Mackall, uma volante precoce. O pai saíra, ela entrou na garagem e o imitou bem, bem... engrenou, acelerou, soltou a embreagem... e — pum! — o carro saiu e arrebentou-se na parede da garagem, felizmente, sem maiores conseqüências. E Carol, depois do susto, parece orgulhosa da proeza...



Fase inicial da cavalhada: o cavaleiro, empunhando a lança, e sem freiar o cavalo, correndo de verdade, procura atingir a argola. E' o momento decisivo.

A CAVALHADA

Reportagem de JOSE' SIQUEIRA

Fotos de R. STUKERT

VIAJEI à cidade-rainha dos sertões alagoanos, Palmeira dos Índios. Meu objetivo era colhêr "in loco" material abundante para um sucinto estudo do divertimento predileto dos "cow-boys" nordestinos — a cavalhada. Há nesse esporte do sertão matizes originais de um delicioso folclore.

Tive a minha curiosidade satisfeita porquanto a descrição que faço foi colhida dos lábios de André Albuquerque Pontes, simpática figura de sertanejo.

★

A parte preparatória da cavalhada compreende dois momentos: começa com a cerimônia da continência à santa padroeira. Os cavaleiros em fila, depois da função se separam em coluna por dois, em direção ao "trilho" ou "raia". Trilho ou raia é a pista da corrida. O escopo da brincadeira consiste na façanha do cavaleiro arrancar a "argola" da "garra" que fica suspensa na corda esticada entre dois postes. Começa a segunda fase preparatória. Os cavaleiros rodeiam a pista pelo lado de fora dos postes. Penetram no trilho mostrando a pista aos animais. Dão a primeira carreira emparelhados. Um cavaleiro de cada grupo é escolhido para afrouxar a corda e realizar a proeza de, em pé sôbre seus cavalos, colocar na corda "bamba" a "garra" que servirá de suporte para a "argola". Termina a segunda fase preparatória quando o matinador (o primeiro cavaleiro de cada grupo de seis) coloca a argola na garra.

A CAVALHADA



A banda de música — composta de pífanos e chamada "Esquenta Mulher" porque, é claro, acende o entusiasmo feminino — conduz o desfile, executando em seus instrumentos músicas regionais de ritmo bastante conhecido.

Finda a parte inicial, os cavaleiros estão prontos para a cavalhada. Trajam calças brancas e camisas azuis ou encarnadas. Seguram grandes lanças e à cintura carregam punhais. Os cavalos trazem guizos ao pescoço. Os espectadores logo de início se dividem nos que aplaudem os cavaleiros azuis, nos que aplaudem os cavaleiros vermelhos. A nota pitoresca é o zabumba nordestino. Músicos maltrapilhos e descalços arrancam melodias de aplauso de seus grosseiros instrumentos. A festa tem o sabor de uma alegria indescritível.

★

São cinco as corridas da cavalhada. Na primeira a lança fica todo tempo sôbre a cabeça do cavaleiro. Na segunda em frente. Passa para os quadris, no princípio da terceira corrida; depois desce mais e volta à altura da cabeça na direção da argola. Começa a quarta corrida com a lança à altura do ouvido; depois sobe com ímpeto e descreve dois círculos, antes de tomar a direção da argola. Toma a posição inversa na quinta investida; durante a corrida é levada com ímpeto para a frente, depois desce para o natural buscando sempre a argola.

Tôdas essas evoluções são executadas com impecável agilidade e destreza, desenvolvendo os animais uma espantosa velocidade.



Um cavaleiro colocando a argola na "garra", que é um dispositivo suspenso entre dois postes. Esta argola é o alvo de tôda a ação, o motivo único da renhida disputa que se observa entre os concorrentes ao certame.

Detalhe de um cavaleiro com sua indumentária. Isto lembra os árabes, a península ibérica, os mouros e, afinal, os portuguêses. O próprio tipo do homem, como se pode observar pela fotografia, concorre para tais evocações.

A função da retirada da argola é a parte principal da cavalhada. O cavaleiro que tirar a argola pela primeira vez, dá um lindo laço de fita da côr a que pertence à santa padroeira. Se a igreja fica distante, recebe o presente uma senhorita de sua predileção. À medida que a argola fôr sendo retirada, os organizadores da festa põem os presentes na lança do cavaleiro, que os distribui às pessoas de sua amizade. Cada retirada da argola é recebida por estrondosa ovação por parte da assistência, que aplaude com efusão os cavaleiros. Antes de qualquer corrida, os cavaleiros beijam as suas lanças. A argola retirada é também beijada, antes de ser posta no lugar.

*

Termina a cavalhada com uma cerimônia bonita. Os cavaleiros executam vários movimentos, sempre com ordem e simetria. O povo delira. Os pares se sucedem merecendo maior aplauso os que se sagraram campeões da argola. Na última apresentação colocam o braço estendido no ombro do companheiro. E' a despedida.

Para o sertanejo, a cavalhada é uma singela evocação dos 12 cavaleiros de França. A tradição assim se conserva naquele belo colorido folclórico do nordeste. E' um espetáculo inesquecível pela sugestão e emoção que nos deixa êsse querido folguedo do sertanejo. Sobretudo, é uma página aberta aos estudiosos do folclore nacional.

Cavaleiro vitorioso recebe um prêmio. Veja-se a ornamentação do cavalo, sobretudo os arreios da cabeça, ricamente feitos. Nisto, também a competição se faz sentir, demonstrando o carinho com que são confeccionados.







O PRIMEIRO AMOR DO DUQUE DE EDIMBURGO

SUA PAIXÃO PELA ARTISTA COBINA WRIGHT NA ITÁLIA. ★ DADOS COLHIDOS NUM LIVRO DE «MEMÓRIAS» DE SUA QUASE SOGRA, COBINA WRIGHT, MÃE DA LINDA ARTISTA QUE TANTO O PERTURBOU



Philip da Grécia no dia de seu casamento com Elizabeth

MUITA gente pensa que o Príncipe Philip da Grécia, o atual Duque de Edimburgo, real espôso da atual Rainha da Inglaterra, só teve um amor: aquêle que uniu sua vida à vida de Elizabeth II. Por que? Porque o Príncipe grego sempre foi um homem de poucas expansões na vida social, morigerado e até mesmo tímido. Nunca se meteu em aventuras, nem nutriu sua posição de Alteza Real com exibições de prestígio dentro e fora de sua pátria.

Philip, alto, elegante, culto, louro, muito moço, podia ter-se tornado um galã das Côrtes européias ainda existentes ou uma figura de romance e aventuras galantes em qualquer das grandes cidades da Europa. Mas sua compostura, seu procedimento compatível com a sua posição e tradições, não permitiam que o Príncipe helênico saisse do caminho reto que sempre trilhou para servir de motivo a cochichos e mussitações de recantos de palácios.

Mas, com a divulgação do livro "I Never Grew", da autoria de Cobina Wright (mãe), uma espécie de "memórias" de sua vida e da vida de sua filha do mesmo nome, ficou-se sabendo que o Duque de Edimburgo, como qualquer jovem casadouro, antes de amarrar-se também teve seus idílios...

Com quem? Com a lindíssima Cobina Wright, filha da outra Cobina Wright autora do livro revelador. O romance do Príncipe Philip se deu sem que mãe e filha desconfiassem de que estavam sendo envolvidas por um representante de sangue azul. O episódio se deu, em linhas gerais, da seguinte maneira: Uma bela manhã, quando mãe e filha se dirigiam para o mais elegante restaurante de Veneza, o "Harry's", também lá estava a almoçar um jovem alto, louro e simpático.

Os olhos da mãe Cobina não tiveram dificuldades de reconhecer que os de sua filha estava interessados naquele guapo jovem de maneiras distintas e fina educação. A filha, para mostrar a Mrs. Wright que o caso já estava animado, dirigiu-se à velha e falou: "Está vendo, mamãe, aquêle belo moço sentado ali? Êle não se cansa de olhar-me, ao mesmo tempo em que troca palavras com a velha e a moça que o acompanham. Estou certa de que falam a meu respeito".

Algumas horas mais tarde as duas Cobinas compareciam a uma festa em casa de Lady Castleross. E lá estava o belo homem louro. Madame Cobina não se surpreende com o interêsse que sua filha estava despertando no coração do moço, pois todos sabiam que, por onde ela passava ia provocando uma espécie de pequena revolução.

Em dado momento aquêle jovem esbelto e simpático veio até onde estava a linda Cobina e a convidou para dançar. Nos volteios da valsa ela lhe perguntou:

— Como se chama o senhor?

— Philip.

— Sim, mas o senhor deve ter outro nome, o nome completo.

— Não. Meu nome é simplesmente êste: Philip. — E desatou a rir como se houvesse descoberto uma novidade engraçada.

Cobina ficou um tanto perplexa, mas não insistiu. No dia seguinte ela assistia em companhia de sua mãe a uma festa oferecida pelo Conde Volpi, quando viu entrar aquêle misterioso Philip trazendo pelo braço a encantadora jovem com quem almoçara no "Harry's".

Cobina não se contém e pergunta ao Conde Volpi:

— Quem é aquêle rapaz?

— Oh! E' o Príncipe Philip da Grécia, com sua prima, a Princesa Alexandra.

Mal acabava de pronunciar estas palavras, o Príncipe se dirige para Cobina, a qual, sabendo que se tratava de uma Alteza Real, vai fazendo uma daquelas saudações mesureiras, curvando o dorso e baixando a cabeça, numa reverência tôda protocolar e tradicional. Mas o Príncipe, percebendo sua intenção, estira um pé e lhe diz com muita graça:

— Se você me saudar assim, eu lhe dou um calço com o pé, que você se estende no chão!

Começou aí um encantador conto de fadas. Os gondoleiros de Veneza ficaram habituados a levar aquêle casalzinho todos os dias a deslizar sôbre as águas de um ponto a outro dos canais, durante longas horas.

No seu livro de memórias, declara Madame Cobina Wright: "Foi um romance de amor, muito juvenil, muito encantador, muito inocente..." Quando ela disse à filha, que era chegada a hora de partir, a jovem não pôde suster as lágrimas. A moça desejava permanecer junto ao seu Príncipe. Depois de três semanas de estada ali, a partida já não mais podia ser retardada, e as duas mulheres tomaram o trem com destino a Paris, seguindo depois para Londres. Mas, por sua vez, o Príncipe não pudera suportar as saudades de Cobina, e a seguiu no dia imediato, com destina à capital britânica.

Ao saber que ambas tinham ido passar uns dias no campo, numa propriedade de amigo da família, Philip se faz convidado e vai passar uma longa semana com sua eleita. Está êle tão cheio de amor que lhe declara emocionado:

— Eu vou acompanhá-la aos Estados Unidos, onde me lançarei em negócios sob o nome de Auguste Jenks.

Mas êle não foi. Elas é que viajaram. Antes, porém, Cobina e o Príncipe iam tôdas as noites assistir ao filme "Mayerling", e viram tanto, que podiam recitar tôdas as suas seqüências fielmente decoradas. Na véspera da partida para os Estados Unidos, Philip foi despedir-se de sua Cinderela, num dos aposentos que ela e sua mamãe ocupavam no "Claridge", de Londres. A velha, percebendo que êles desejavam ficar a sós, disfarçou e foi refugiar-se no banheiro, enquanto o casalzinho se entregava aos mais amenos e deliciosos juramentos de amor. Ao voltar ao quarto, sua filha tinha no punho lindo bracelete de ouro, no qual estava gravada a seguinte frase: "Eu te amo".

O primeiro amor do Príncipe estava encerrado. Mas foi tal o amor que sentia pela moça, que chegou a oferecer à velha Cobina Wright, um retrato com uma dedicatória na qual a tratava por "minha mãe".

Cobina Wright deve estar hoje com seus trinta e dois anos. E' mãe de três lindas crianças, casada e muito feliz. E o Príncipe Philip? O espôso da Rainha da Inglaterra, sua prima, com quem vive numa harmonia que só tem similar com a felicidade conjugal de sua boníssima mamãe, a rainha viúva.

Por um triz, pois, não vem a cantora e atriz Cobina Wright, a casar-se com um príncipe grego. Recordando-se do romance sôbre as águas dos canais venezianos e no campo dos arredores de Londres, Mrs. Wright diz num dos capítulos de seu livro: "Minha filha conheceu nos braços do seu príncipe, êxtases impossíveis de descrever..." O nome Wright vem do primeiro matrimônio de Cobina (mãe) com o homem de negócios e multimilionário William May Wright. A velha era considerada uma das mulheres mais elegantes e de maior nível social daquela época. Foi a chefe da chamada "Brigada dos 400", agrupando, aí por volta de 1920 tôdas as personagens da aristocracia que se divertem e gozam a vida.

Suas recepções atraíam os mais destacados elementos das finanças e da arte, como Grace Moore, os Astor, os Vanderbilt, etc. E sua linda e talentosa filha não podia deixar de ter um príncipe na história de sua vida. E por pouco não foi princesa...



O Imperador Altum no seu trono, na ópera "Turandot". Aqui a interpretação é de Geraldo Chagas.

TURANDOT

MÚSICA DE PUCCINI — LIBRETO DE ADAMI E SIMONI ★ O AUTOR MORREU ANTES DE TERMINAR A ÓPERA ★ FRANCO ALFANO, COMPOSITOR ITALIANO, A COMPLETOU E AINDA ESTA VIVO

Texto de JOSÉ SIQUEIRA

COMO segunda récita de assinatura da TEMPORADA LÍRICA INTERNACIONAL, foi-nos dada a ópera em 3 atos e 5 quadros, "TURANDOT", de Giacomo Puccini, libreto de Adami e Simoni.

Esta ópera não chegou a ser concluida por Puccini, que fôra vitimado por um câncer na garganta em 1924 e sim por Franco Alfano insigne compositor italiano, ainda vivo.

Foi apresentada pela primeira vez no Teatro Scala de Milão, em 1926, sob a regência de Toscanini.

A Comissão Artística e Cultural do Teatro Municipal a quem coube, pela primeira vez, depois da autonomia do teatro, organizar e dirigir a temporada, escolheu um repertório cujas óperas nem tôdas estão em condições de proporcionar aos freqüentadores assiduos da estação lírica, espetáculos de elevado plano estético e cultural.

Na parte relativa às óperas alemãs e francesas, a escolha foi boa e merece os nossos louvores. Veremos além do NAVIO FANTASMA, já representada com sucesso, FIDELIS, TRISTÃO E ISOLDA, DON GIOVANNI, MANON e FAUST.

No que toca ao repertório italiano, a escolha não só foi muito alentada como pouco feliz, se considerarmos os propósitos da Comissão, ditos alto e em bom som, pela voz de três dos seus principais representantes, críticos musicais de nomeada.

Traviata, Gioconda, Tosca, Andréa Chenier, Iris e Rigoletto, não devem figurar num programa de alto nível artístico, a não ser que se tenha em vista dois propósitos muito comuns entre os empresários gananciosos. De um lado dar oportunidade a que certos cantores mostrem ao público as suas possibilidades vocais, em surradas árias, duetos, etc.; doutro lado, aumentar em razão dêsses cantores, a renda da bilheteria.

E' preciso partir do repertório para os cantores, isto é, determinar as obras que devem ser representadas, tendo em vista tão sòmente o alto padrão cultural dos espetáculos, para depois buscar, em qualquer parte, os respectivos intérpretes.

Os empresários usam a recíproca e é por isso mesmo que o Brasil, cujos teatros oficiais do Rio de Janeiro e São Paulo, que sempre estiveram a serviço dêsse tipo de negociantes, ignora a evolução do teatro lírico e um Navio Fantasma é representado, aqui, 100 anos depois de sua estréia na Alemanha.

E' provável que a Comissão Artistica nos anos subseqüentes modifique essa orientação e nos dê a conhecer *óperas* e *oratórias* doutros países. Os americanos do norte, os inglêses, os russos, os espanhóis, os argentinos e outros, estão a reclamar sua inclusão em nossas temporadas.

Por que não fazê-lo? Por que não pensar num sistema de intercâmbio de obras e intérpretes, do qual só teríamos a lucrar?

Deixemos de lado essas considerações para fazermos uma apreciação geral sôbre a ópera "TURANDOT" e sua representação.

Puccini tentou nessa ópera criar uma atmosfera chinesa, mas apesar de usar certas melodias calcadas nos *modos chineses*, ou seja nas escalas *pentafônicas* e por *tons*, não conseguiu realizar seu intento. O ambiente musical italianíssimo, contrasta flagrante e lamentàvelmente com o *assunto*, os *cenários*, a *indumentária* e a *mise-en scène*, salvo em algumas passagens.

A ópera *Turandot executada* depois do *Navio Fantasma*, apesar de ser, esta, uma obra em que o genial mestre de Bayreuth ainda não usara seus poderosos recursos técnicos, mostra já a distância que separa a estética alemã da italiana, nos domínios do teatro lírico, para só citar aqui esta faceta da arte tedesca.

Êsse julgamento, porém, é o julgamento de um músico. O público pensará doutro modo, tanto assim que se mostrou caloroso em seus aplausos, após cada um dos trechos mais conhecidos da ópera, dessas que nossas estações de rádio *batem* e *euxugam* diàriamente.



OLIVIERO DE FABRITIIS
Maestro



CARLA MARTINS
Princesa Turandot



ROBERTO TURRINI
Príncipe Ignoto



ARACY BELLAS CAMPOS
Princesa Liú

A polifonia pucciniana, no mais das vêzes, substituída pelos trêmulos nos instrumentos de corda, a harmonização e a orquestração, esta última completada por Franco Alfano, em confronto com a wagneriana, deixa o autor de "La Bohème" na posição de um pigmeu perto de um gigante.

Carla Martinis interpretou o papel da Princesa Turandot com real agrado. Sua voz possantíssima, de belo timbre e excelente afinação, a situa entre os melhores cantores italianos do presente, embora não seja muito alta e nos pareça um pouco gorda. Sua representação cênica foi praticada com desenvoltura, correspondendo sempre à posição desumana que Turandot ocupa no drama, embora em dados momentos parecesse não saber o que fazer com as mãos. Seria intencional?

Seu guarda-roupa não é dos mais ricos e apresenta pouca variedade.

O Imperador Altum teve em Geraldo Chagas um intérprete sofrível. A voz não é muito grande, mas foi conduzida com segurança e justa afinação.

Mário Petri no papel de Timur, Rei Tártaro, mostrou-nos possuir voz agradável, boa cena, além de encarnar o personagem com real agrado e funda convicção.

Calaf, Príncipe Ignoto, filho de Timur, foi interpretado por Roberto Turrini, tenor que não está no mesmo plano dos grandes divos italianos. Sua voz, porém, possui um timbre agradável e é de boa escola. E' um tenor dos que não comprometem, mas pouco empolga. O público queria ouví-lo novamente no 3º ato, após conhecido trecho, porém o maestro não consentiu e teve de prosseguir por alguns segundos sob entusiásticos aplausos que abafaram a orquestra no início do bailado.

Quereria a assistência ouvir o tenor novamente, ou estaria enlevado pela beleza da melodia, a mais italiana, a mais encantado-

(Cont. na pág. 54)



Ping, Pang e Pong, personagens da peça num flagrante apanhado durante um intervalo da representação



LIDO... VISTO...

VACA BRAVA...

ENTRE as figuras interessantes da Velha República, uma das mais curiosas, conhecidas e comentadas pela imprensa, era a do Marechal Firmino Pires Ferreira.

Militar, herói do Paraguai, oficial promovido por ato de bravura, ainda nos albores do novo regime, envolveu-se em política, no seu Estado, o do Piauí. Deputado, na Constituinte de 91, Senador, desde a segunda legislatura, até 1930, espírito irreverente, cheio de bom-humor, estrovertido por excelência, não sabia ficar calado e sempre dava sua opinião, chegando, muitas vêzes, a apartear Rui Barbosa, coisa de que o grande homem não gostava. A imprensa punha-o constantemente à bulha, ora contando anedotas a seu respeito, ora repetindo o seu famoso "slogan": quero ser o primeiro a abraçá-lo... Qualquer político que subia ao ministério, à governança de um Estado, ou alto funcionário promovido, recebia, indefectìvelmente, em pessoa, ou por telegrama, suas palavras: quero ser o primeiro a abraçá-lo! diziam os repórteres, com maledicência, como a querer fazê-lo o patriarca do puxa-saquismo nacional. Também não se esqueciam de vulgarizar o apelido, que êle detestava: "Vaca Brava"...

Parece que a alcunha lhe veio às primeiras horas do novo regime. Pires Ferreira era figura de mando, no Arsenal de Guerra, na Ponta do Calabouço, onde hoje é o Museu Histórico. Não inspirando muita confiança a alguns cadetes e intelectuais republicanos exaltados, como Pardal Mallet, Olavo Bilac, Coelho Neto e Paula Ney, foram êstes fazer-lhe uma intempestiva visita. Pires Ferreira recebeu-os magnìficamente; deu-lhes lauto almôço, regado a bons vinhos, coisa mui de agrado daquela boêmia tôda, e no melhor da festa pregou um susto na guapa rapaziada; mandou abrir os estábulos e algumas vacas, que ali forneciam leite para o consumo da guarnição e do operariado (bons tempos, aquêles) saíram assustadas e assustando os moços. Êstes vingaram-se apelidando-o de vaca brava, em suas crônicas, na época.

Dos episódios glosados pelos jornalistas de então, lembra-me êste. Do Piauí telegrafa o tesoureiro dos correios, seu correligionário, pedindo, para uma filha, o cargo de fiel, isto é, sua substituta.

O feminismo não havia tomado ainda o surto de hoje. Raros eram os lugares ocupados pelo elemento feminino nas repartições.

E o Senador responde, incontinente, sem atinar, na barbaridade dos têrmos de seu telegrama:

"Não há precedente de mulher fiel no Brasil".

Enquanto o Oriente protesta...



O japonêsinho é francamente do "movimento de resistência" contra a "americanização" de sua pátria. Alimentação intensiva, concurso de robustez, balanças — para quê? Para provar que só depois da ocupação norte-americana é que o japonês ficou forte? Pois sim...

RESPONDA ESTAS:

51 Quem inventou o celofane?

52 De que povo provêem os bascos?

53 Quem era Cabeça de Vaca?

54 Quando foi criada a Província do Amazonas?

55 Que quantidade de terra é carreada anualmente para o mar?

RESPOSTAS ÀS ÚLTIMAS

46 — Cipião, o Africano; 47 — O poeta italiano Lorenzo Stechetti; 48 — Expressão erradamente atribuída a Horácio, mas, na verdade, o pensamento foi antes expresso por Eurípides; 49 — Frase de Tobias Barreto; 50 — O ex-presidente Prudente de Morais, numa carta ao Senador Generoso Ponce.



NOS DOMÍNIOS DO ESTRÊLA

— Eu vim procurar o inspetor a quem convenci, na Quinta da Boa Vista, há nove meses, de não me "escrever"...

OUVIDO... ONTEM, HOJE, AMANHÃ... (JIM)

o Ocidente se defende!



Enquanto êstes garotos americanos, pragmatistas (se fôssem europeus seriam "existencialistas"...) tratam de ir saboreando a vida, desde cedo... E devem pensar: — Será que os japonêses não conhecem mesmo o beijo? O' como êles são tolinhos... chorar em vez de beijar?



FIGARO... FIGARO!...

— Quando deixarás de discutir política com o teu barbeiro?

POUCAS... E BOAS...

● **INTERESSANTE**

Esta é autêntica e aconteceu na Itália, a 24 de Junho último, diz o "Domenica del Corriere":

Numa escola elementar numa aldeia submetem-se a exame alunos de tôdas as categorias.

Tema para prova escrita: "Descrevam o animal mais interessante".

Recolhidas as provas com o desenvolvimento do tema, em uma delas está escrita apenas uma palavra: "O homem". A banca examinadora inclina-se a julgar a prova insuficiente. Mas, por escrúpulo, o presidente quer ver o examinando e manda chamá-lo. E' uma pequena de dezoito anos... Foi aprovada.

● **OBEDIÊNCIA**

Desanimado da vida um jovem vai ao médico psicanalista e recebe um conselho do doutor: "Arrange uma boa amiga e ficará bom em oito dias". Uma semana depois o rapaz apareceu no consultório, acompanhado pela mulher do médico.

● **INFLAÇÃO**

Na Suécia, o encarregado das "toilettes" de um grande hotel, de Trolhattan, a exemplo dos Barnabés cá de casa, esperava há tempos o aumento de salário implorado. A direção do grã-finíssimo estabelecimento negou o pedido. Mas, em compensação, mandou ao homenzinho nada menos de seiscentos rolos de papel higiênico, de presente. Mas, seu gerente, isso é papel que se faça?

QUEM DISSE ISTO?

51 "Confiança em si mesmo é a essência do heroísmo."

52 "Que podem fazer as leis sem a moral?"

53 "Nada se perde, nada se cria na natureza."

54 "Eu nunca briguei e sou presidente da República."

55 "Entusiasmo é a febre da razão."

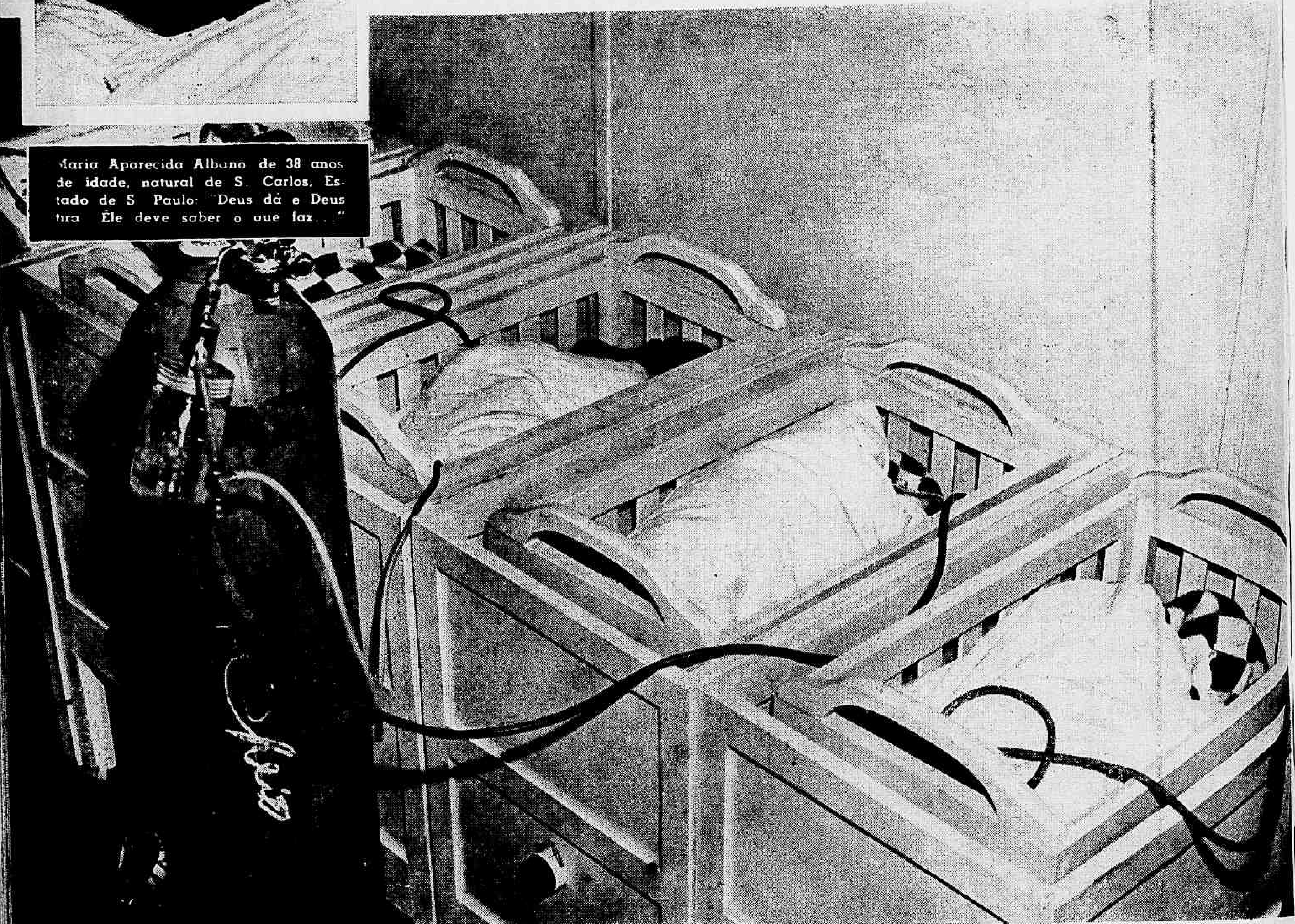
RESPOSTAS ÀS ANTERIORES:

46 — *Setenta laranjas por ano, "per capita"*; 47 — *Cada argentino consome dez quilos de mate por ano, cada brasileiro, incluindo os gaúchos, quatrocentas gramas, excluindo o consumo de chimarrão, apenas oitenta gramas...*; 48 — *Um leão pesa, em média, 250 quilos*; 49 — *Desde a antiguidade mais remota. Embora árabes e hebreus o conhecessem, parece que se originou na China e através a India veio para o ocidente.* 50 — *Não, Boris Karloff nasceu em Londres.*

CINCO MENOS DUAS - TRÊS



Maria Aparecida Albano de 38 anos de idade, natural de S. Carlos, Estado de S. Paulo: "Deus dá e Deus tira. Êle deve saber o que faz..."



As cinco Marias já em seus aposentos na Maternidade de São Paulo. As duas que morreram, não o fizeram sem sentir antes o máximo confôrto possível, pois todos os recursos, materiais e científicos, lhes foram fornecidos.

ACONTECEU NO BRASIL, MAS NÃO VINGOU ★ SEGUNDO CASO NO MUNDO ★ REAÇÕES DO PAI ★ A MÃE, TRÊS DIAS ANTES, LAVAVA ROUPA NO TANQUE! ★ A CASA DA FAMÍLIA ALBANO NÃO TEM NÚMERO, NEM RUA ★ O GOVERNADOR DO ESTADO SERA' O PADRINHO!

Reportagem de TITO SILVEIRA

— «Na sexta-feira, à tardinha — contou d. Isaura André — meu cunhado Zé Albano ficou **desesperado. Botou** as mãos na **cabeça** e disse: — «Ih!, meu Deus do céu! Como é **que** eu vou me arranjar **com mais cinco** crianças?» **Também, é natural. Êle** ganha seis cruzeiros **por hora, como** servente de pedreiro, e os **mil** e **duzentos** cruzeiros **mensais mal dão para** a despesa...»

Ao lado da informante, o **quarto modesto** em que **haviam nascido as cinco Marias. Junto à porta da entrada,** a cama do **casal, em que** tivera **lugar** o parto. No lado **oposto, as caminhas** dos outros dois filhos (Rubens, de 11 **anos, e Sebastião, de 3**). Acompanhando a parede perpendicular aos leitos, o **fogão** a carvão, a bateria de cozinha, duas mesas e um armário improvisado com caixotes. Pelas paredes, revezando-se, **estampas** de santos e latas vazias com várias finalidades, para colocar lamparina — **por** exemplo — que não há luz elétrica.

DAS CINCO E CINCO ÀS OITO EM PONTO

Ana Delfina Vieira não vinha pela **primeira** vez à **casa modesta em** esplanada perto do Tanque da **Pólvora,** uma lagoa à beira da Estrada do Vergueiro, entre os bairros paulistanos de Vila Mariana e Ipiranga. Como parteira, trouxera ao mundo outras crianças da família Albano. **Às 17 horas** e cinco minutos de **têrça-feira nascia** a primeira **criança.** Viu, entretanto, que haveria mais nascimento e mandou chamar o médico.

Foi o dr. Amilcar Yazbeck, porisso, que trouxe à luz, **três horas depois,** e dentro de um **prazo** de **quinze minutos** aproximadamente, as quatro **gêmeas** restantes. Então o pai se desesperou.

A MAIOR PULSEIRA DA HISTÓRIA

As recém-nascidas só seis horas depois **puderam** ser removidas para a **Maternidade de São Paulo.** Já pela **natureza do parto muito franzinas** (pesavam **940 gramas,** 1.020 **gramas,** 1.040 **gramas,** 1.160 gramas e 1.180 gramas), **a** demora em receber assistência mais completa **contribuiu** para **debilitar os organismos** das pequenas. A mãe, Maria Aparecida Albano, até **três dias antes** do parto (segundo **declarou a avó materna das** quintuplas, **Josefina Antônia André**), ainda **lavava roupa no tanque! Não** teve o me-

nor cuidado pré-natal. Limitou-se, como das vêzes anteriores, a chamar a parteira, no momento das dores.

Na Maternidade, entretanto, além do recorde, Maria Aparecida ficou detentora da maior «pulseira» na história do estabelecimento. Os recém-nascidos são identificados por chapinhas prêsas a cordões, das quais uma réplica fica no pulso da mãe. Maria tinha cinco chapinhas de uma vez.

ERAM CINCO MARIAS

Concordaram os pais em que as meninas se chamassem Maria. Para segundo nome escolheram Ângela, Teresa, Benedita, Aparecida e Lurdes. Embora a mãe passe bem, as circunstâncias do nascimento trouxeram confirmação da pessimista mas realista previsão do médico assistente, dr. Silvio de Araripe Sucupira.

— «E' muito difícil progredir criança nascida com cêrca de um quilograma de pêso. As estatísticas mostram que o índice de mortalidade, em tais casos, é de 96,7%. Caso como o das irmãs Dione é exceção. Aliás, devemos, a propósito, ressaltar que as gêmeas Albano são o segundo caso, no mundo, de quíntuplos do mesmo sexo».

Quinta-feira, cedo, faleceu Maria Ângela, e na tarde do mesmo dia sua irmã Maria Teresa. Ambas de escleredema.

O COMPADRE GARCEZ

População e autoridades se interessaram profundamente, logo que a notícia correu. O governador paulista, professor Lucas Nogueira Garcez, declarou à imprensa:

— «O Estado prestará auxílio total à família do sr. José Albano e às recém-nascidas».

E encarregou o chefe do Serviço Social, dr. Rodrigues Alves, de tomar as necessárias providências. Disse aos jornalistas esta autoridade:

— «Tudo que estiver a nosso alcance será feito, da assistência financeira à social. Cuidaremos, inclusive, de arranjar um melhor emprêgo para o pai das crianças».

Além dos nomes para as crianças, entretanto, seus progenitores haviam concordado em outro ponto: escolher para padrinhos o governador e senhora.

INTERÊSSE POPULAR

A cidade acompanha de instante a instante o caso das quíntuplas paulistanas. Além da raridade do fato, contribuem para o interêsse popular outras circunstâncias, como a pobreza da família e por serem de côr os Albano. Quase todos os jornais abriram listas para auxiliar as gêmeas. A de «A Gazeta» em dois dias atingia vinte mil cruzeiros, além de enorme quantidade de pacotes com os mais diversos presentes. Ao receber a importância, na caixa daquele jornal, o felizardo José Albano exibia, satisfeitíssimo, sua dentadura perfeita. Esquecera-se da primeira reação, quando os vagidos das crianças lhe pareciam presságios de mau agouro.

As três Marias que lhe restam serão, doravante, suas estrêlas da fortuna, no caminho de felicidade da família.



Neste quarto vieram ao mundo as "Diones" brasileiras. O aspecto do ambiente é muito modesto; mas muito menino tem nascido em ambiente pior. Não cinco de uma vez, é lógico. Em baixo, o pai cheio de presentes para as felizardas. E agora que são três, depois do infausto falecimento de duas Marias, os presentes vão render mais.



Viaje *pelo* LÓIDE AÉREO



do RIO *para:*

ANAPOLIS	Cr$ 1.031,70	MACEIO	Cr$ 1.682,80
BELEM	Cr$ 3.286,50	MANAUS	Cr$ 3.153,50
BELO HORIZONTE	Cr$ 372,00	NATAL	Cr$ 2.054,80
CAROLINA	Cr$ 1.917,30	PORTO ALEGRE	Cr$ 1.421,20
CURITIBA	Cr$ 699,80	RECIFE	Cr$ 1.842,30
CAMPINA GRANDE	Cr$ 1.961,70	SALVADOR	Cr$ 1.262,00
FORTALEZA	Cr$ 2.413,80	SÃO LUIZ	Cr$ 2.488,70
FLORIANOPOLIS	Cr$ 1.018,40	SÃO PAULO	Cr$ 327,80
ILHEUS	Cr$ 1.067,20	SANTAREM	Cr$ 2.701,60
LAGUNA	Cr$ 1.102,60	VITORIA	Cr$ 473,80

LÓIDE AÉREO

- AVENIDA 13 DE MAIO, 13 - 27.° — Tel. 32-5195
- Agências: Rua México, 11 loja C — Tel. 42-9967; Rua Gonçalves Dias, 17 — Tel. 22-3901; Av. Pres. Wilson, 210-B — Tel. 52-2567
- Aeroporto Santos Dumont: Balcão de embarque — Tel. 22-9434; Depósito de carga — Tel. 52-5741

CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

VEM da mais remota antigüidade, a curiosidade dos homens pela interpretação dos sonhos. Exemplos históricos, como os de José do Egito, contam-se às centenas, provando que, desde a infância do mundo, os intérpretes de sonhos tiveram grande prestígio, não só junto à massa, mas diante dos próprios potentados. Hoje, em pleno século XX, a velha arte divinatória, que conferia aos que a praticavam uma auréola de magia, foi elevada à categoria de ciência por Freud e seus discípulos. A moderna psicologia, cruel no seu realismo, descobriu que, através dos sonhos, deixamos coar, sob a forma de símbolos, nossos recalques, nossas preocupações, a verdadeira face do nosso Eu.

● **Daí, interpretar sonhos passou a ser um elemento importante da moderna psiquiatria, pois nêles vem à tona o subconsciente, êsse mundo escuro e soterrado ao pêso da consciência e que, tantas vêzes se vinga, apagando com sua revolta a luz do pensamento. Nesta seção da REVISTA DA SEMANA oferecemos aos nossos leitores uma oportunidade de conhecer o porquê de seus sonhos e sua interpretação.**

● **Os que desejarem consultar Maria Paula, enviem sua correspondência para nossa redação, identificando-se pelo próprio nome, ou pseudônimo. Basta contar o sonho,** *com tôdas as suas minúcias,* **pois, nessa matéria não há detalhes insignificantes. O subconsciente é caprichoso e matreiro e, às vêzes, esconde, numa minúcia ínfima, exatamente o elemento mais importante para a interpretação.**

● NAVI — (Rio)

SONHO: — "Sonhei que minha avó, minha namorada e eu estávamos nadando em certa piscina. Já havíamos percorrido cêrca de 500 metros, quando minha avó afundou. O seu grito, vindo do fundo da piscina, me acordou."

INTERPRETAÇAO: — Você acreditou ter sufocado um "velho" amor que foi e ainda é, para você, o seu sonho dourado, e cujas lembranças ainda enchem as suas reflexões. E quando pensou que estava extinta (afogada) aquela paixão, eis que ela grita alto, sacode todo o seu ser, avivando ainda mais a chama do desejo que você nutre de desposar aquela pessoa, que você já vê ligada à sua cadeia genealógica (avó) como em seu elemento natural. (água) Seu sonho, breve, que talvez não tenha durado mais que uma fração de segundo, traduz um mundo de sentimentos seus, em oposição aos de sua família. Meu jovem amiguinho, consulte seu coração. Se sentir que, realmente, ama e é amado, siga os ditames de sua consciência e viva a sua própria vida.

● SÍLVIA — (Rio)

SONHO: — Você sonhou que saiu correndo de casa e, de repente se viu numa igreja em construção, mas onde, entretanto, já se celebravam os ofícios religiosos. Ali viu uma multidão de fiéis ajoelhados e vestidos de branco, com véus na cabeça. No meio dessa multidão e sobressaindo acima de suas cabeças, havia velas acesas, que tremeluziam agitadas pelo vento que vinha do alto da igreja, ainda sem teto. Então, com imensa surprêsa, você viu que estava de combinação e trazia sôbre os ombros apenas uma leve blusa de pijama. Para evitar que a vissem nesses trajes, apanhou às pressas uma charrete, rumando para casa. Nessa ocasião um senhor que você conhece, apenas ligeiramente, foi entregar-lhe um dinheiro que, no sonho, você sabia ser um pagamento de um compromisso lícito; no entanto, receou imediatamente que a senhora dêle viesse a saber e pensasse mal de você.

INTERPRETAÇAO: — Seu sonho é bem claro e deixa ver sua alma, como realmente é: algo mística, porém ciosa de que alguém penetre em seu íntimo. Para você está sendo uma surprêsa deixar-se levar por qualquer crença extra-terrena, e procura ocultá-la aos olhos dos que a rodeiam. Então, apressadamente, para que não vejam sua intimidade (combinação, pijama) você se mete na carruagem de sua introspecção e volta à sua antiga vida isolada. Bem pouca importância dá você às multidões que lhe parecem estultos rebanhos que se ajoelham passivamente; entretanto, no meio da turba, reconhece uma ou outra individualidade que se eleva sôbre a vulgaridade, com lampejos espirituais. (as velas) Sente-se que você não deposita confiança em seus companheiros de trabalho e os julga capazes de falsas interpretações de atitudes perfeitamente honestas. Não crê que a sorte a bafeje algum dia com sua aragem de ouro, por isso, tem certeza de que todo o dinheiro que lhe vem às mãos, é o pagamento de um trabalho. Sonhe mais, Sílvia, mas não conte seus sonhos a qualquer pessoa.

● MARIKA — (Rio)

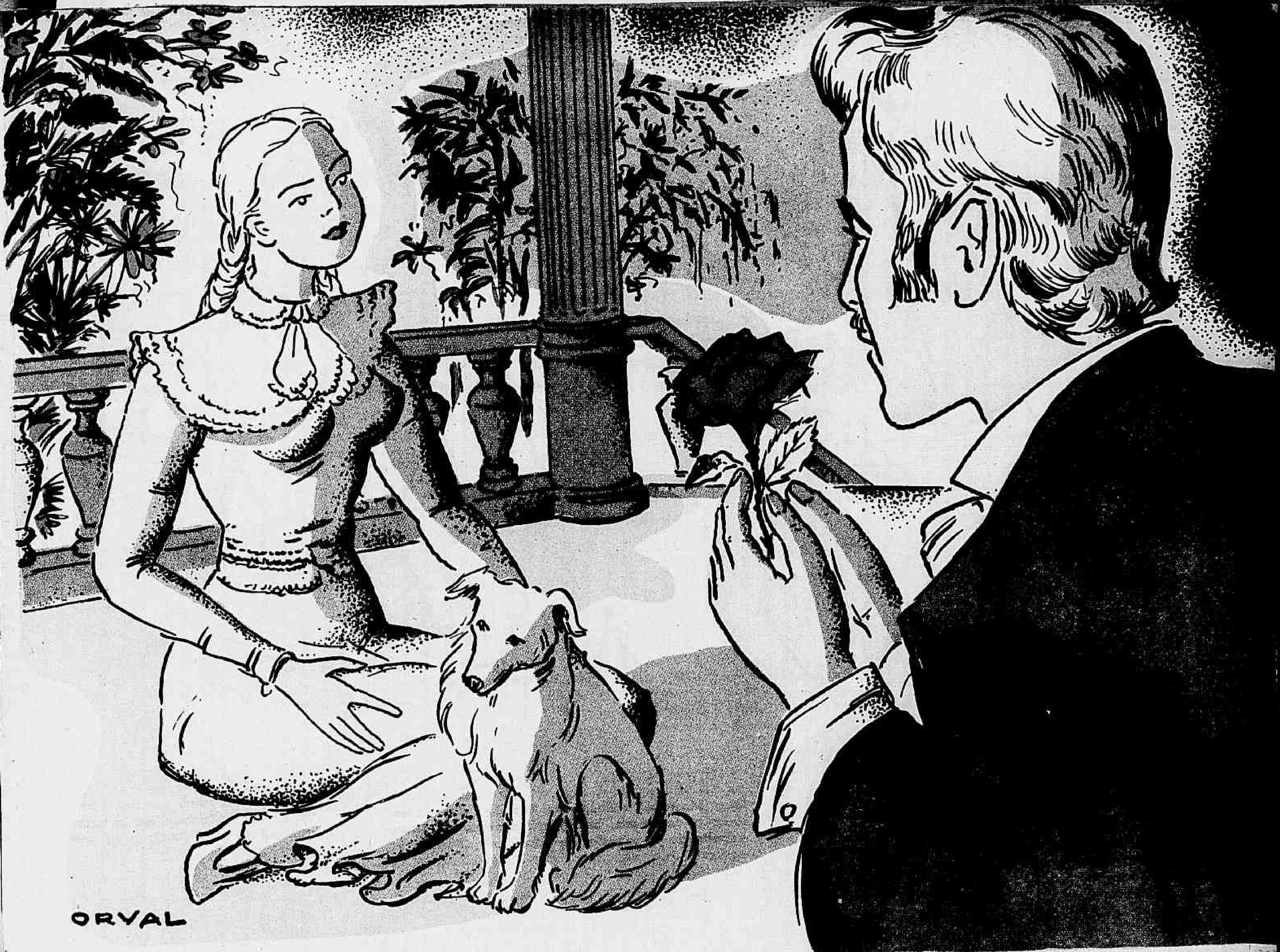
SONHO: — Você sonhou que, indo visitar uma sua parenta, encontrou um dos seus filhos doente, submetido a um tratamento que muito a surpreendeu: ministravam-lhes um reconstituinte, através de dois longos tubos de borracha. Com grande surprêsa sua, o menino, alevantado por êsse tratamento, conseguiu erguer-se do leito. Nesta ocasião, você olhou pela janela aberta à sua frente e viu uma paisagem desolada: mar sujo, praia de restinga com vegetação rala e meio ressequida. Ao voltar de sua visita, você caminhava lentamente, deparando com um terreno esquisito, em forma de uma grande cratera, árido e de côr rósea, com listras brancas. Êsse terreno era recoberto por uma infinidade de pequenas excrescências que se poderiam comparar às vilosidades intestinais. Você teve mêdo de atravessar êsse boqueirão, porém, logo se reanimou, continuando sua jornada, até entrar numa ampla estrada, à direita da qual, numa pequena elevação, havia algumas casas de boa aparência. Aí você estacionou e viu à sua frente, uma bela estrada, em cujo término, havia festa e muita alegria.

INTERPRETAÇAO: — Seu sonho é, positivamente, uma representação fálica, com tôda a característica de recalques e impulsos insatisfeitos. A seu ver, se êsses impulsos fôssem realizados trariam fôrça ao seu organismo algo debilitado. (o menino doente, a vegetação ressequida, etc.) No entanto, apesar de raciocinar assim, você julga êsse um meio pouco limpo de readquirir suas energias perdidas e volta as costas a êsse processo, continuando seu caminho. A idéia sexual continua, porém, a atormentá-la e, na segunda parte do seu sonho, você vê na própria terra, a mesma representação fálica, um pouco atenuada, mas muito mais generalizada. (o terreno em forma de cratera, coberto de excrecências). Você teme não ter fôrças para alijar de seu Eu êsses desejos inferiores, mas, como está no bom caminho (a estrada ampla) mais uma vez consegue se libertar e tem a felicidade de ver o seu Ego (às casas) já livre de perigo e em certa elevação espiritual. Nesse ponto você parou; sabe, entretanto, que, se continuar em seus belos propósitos, no final da estrada da vida encontrará paz e alegria.

● MME. R. — (Rio)

SONHO: — Você subia uma altíssima escada e, em cada degrau, depositava uma moeda. Ao galgar o tôpo da escada, tinha as mãos cheias de moedas douradas.

INTERPRETAÇAO: — Você tem tido uma luta insana, mas, persistente e valorosa como é, tem-se saído sempre galhardamente dos embates da vida. (Chegar ao tôpo da escada) Ainda hoje, seu sonho deixa ver que terá alguns obstáculos a vencer (subir escada) com certa lentidão, é verdade, mas tudo indica que se elevará e terá uma situação estável.



O rouxinol e a rosa

— Ela prometeu dançar comigo se eu lhe levar uma rosa vermelha — disse o jovem estudante — mas não existe uma só rosa vermelha em todo o jardim.

De seu ninho, no Carvalho Verde, o Rouxinol o ouviu; olhou através da folhagem e se admirou.

— Nem uma rosa vermelha em todo o jardim! — exclamou o Estudante, e seus belos olhos se encheram de lágrimas. — Ah, como a felicidade depende de pequenas coisas! Já li tudo o que escreveram os sábios, tornei meus todos os segredos da Filosofia, e, entretanto, por falta de uma rosa vermelha minha vida se torna desgraçada.

— Êsse, pelo menos, é um verdadeiro amoroso! — disse o Rouxinol — Noite após noite eu o venho cantando sem o conhecer; noite após noite venho dizendo a sua história às estrêlas, e eis que o vejo. Seus cabelos são da côr do jacinto e seus lábios vermelhos como a rosa de seus desejos; a paixão, porém, fêz-lhe o rosto de marfim pálido e a dor marcou sua fronte.

— O Príncipe dará um baile amanhã — murmurou o jovem estudante — e minha amada irá à festa. Se eu lhe levar uma rosa vermelha ela dançará comigo até ao alvorecer, eu a terei nos meus braços, ela inclinará a cabeça sôbre o meu ombro, minha mão apertará a sua. Mas não há uma só rosa vermelha em meu jardim e eu ficarei só e abandonado e ela nem me verá. Nem se preocupará comigo, e meu coração se irá partir.

— Êsse, sim, é um verdadeiro amante! — disse o Rouxinol. — O que inspira meu canto, para êle é sofrimento; o que para mim é alegria, para êle é dor. Realmente, o Amor é uma coisa maravilhosa. E' mais precioso que a esmeralda e mais raro que a fina opala. Pérolas e granadas não o compram, não é encontrado no mercado. Não é adquirível dos negociantes nem pode ser pesado a ouro nas balanças.

— Os músicos ficarão sentados na galeria — disse o jovem Estudante — tocando seus instrumentos de corda. E minha bem-amada dançará ao som da harpa e do violão. Dançará, tão leve, que seus pés não chegarão a tocar o chão, e os cortesãos, alegremente vestidos, a cercarão. Mas não dançará comigo, pois não tenho uma rosa vermelha para lhe dar.

E o Estudante deixou-se cair no relvado, escondeu o rosto nas mãos e chorou.

— Por que chora êle? — indagou um pequeno Lagarto Cinza, deslizando ao seu lado, de cauda arrebitada.

— Por quê? — perguntou uma Borboleta que, tremendo as asas, seguia um raio de sol.

— Por que, na verdade? — repetiu uma Margarida à sua vizinha, em voz baixa e suave.

— Chora por uma rosa vermelha — disse o Rouxinol.

— Por uma rosa vermelha? — surpreenderam-se — Mas que tolice!

E o pequenino Lagarto, que era um tanto cínico, riu a bandeiras despregadas.

Mas o Rouxinol compreendia o segrêdo da tristeza do Estudante; permaneceu silencioso, em seu carvalho, pensando no mistério do Amor.

Abriu sùbitamente as asas pardas e alçou vôo. Atravessou o bosque como uma sombra, e como uma sombra voou por sôbre o jardim.

No centro do gramado havia uma bela Roseira e êle, vendo-a, voou até lá e pousou num de seus galhos.

— Dá-me uma rosa vermelha — pediu — e eu te cantarei minha mais bela canção.

Mas a Roseira abanou a cabeça.

— Minhas rosas são brancas — respondeu. — Tão brancas como a espuma do mar e mais brancas que a neve das montanhas. Mas vá procurar minha irmã que cresce perto do velho relógio de sol, talvez ela te dê o que desejas.

E o Rouxinol voou para a Roseira que crescia perto do relógio de sol.

— Dá-me uma rosa vermelha — suplicou — e eu te cantarei minha mais bela canção.

Mas a Roseira abanou a cabeça.

— Minhas rosas são amarelas, — respondeu — mais louras que os cabelos da sereia sentada em seu trono de âmbar, que o narciso que floresce no prado antes de ser cortado pela foice. Mas vá ver minha irmã que cresce sob a janela do Estudante, talvez ela te dê o que desejas.

(Cont. na pág. 50)

Conto de OSCAR WILDE

Ilustração de ORVAL

UM PRINCIPE EM MINHA VIDA

Bertille, orfã, é criada por uma tia velha, Manoue, e vivia em sua fazendola do sul da França. Influenciada pelas histórias da tia, ela vivia a sonhar com príncipes encantados, apesar de não ter ainda dez anos. Com elas vivia Malique, outro filho adotivo. Entre ambos começou a surgir um amor, misto de fraternidade e sensualismo. Aos dezessete anos, quando Bertille já estava moça bonita e atraente, morreu Manoue. Ela passou a viver a sós com Malique. O padre da aldeia, muito amigo da família, aconselhou Malique a desposar Bertille. Ela ouviu tôda a conversa, involuntàriamente, e ficou esperando a atitude de Malique. O vigário achava que não ficava bem uma situação dessas, pois a vizinhança poderia murmurar. Malique deu de ombros. Êle não achava jeito de desposá-la, pois a considerava sua irmã.

ESTAVA eu nessa madorna e relembranças quando percebi que o sol já estava a bilhar. Uma vez mais me lembrei de uma manhã assim, quando a terra estava revolvida e fresca, quando baixou à sepultura o corpo de nossa Manoue.

Malique me avisou:

— Vê, Bertille! E' uma roseira de Bengala. Ela estará tôda em flor, mesmo no Natal com a neve.

Não havia sob as rosas caídas, mais que uma cruz negra mal fincada, e já as ervas tinham pressa de crescer, para cobrir tudo, e para que a cova, naquela moldura, ficasse parecendo mais um berço.

Muitas vêzes, a caminho da igreja, o vigário me falava de Manoue, das colheitas, dos mistérios da eternidade, até que, sôbre o caminho avermelhado pelos últimos reflexos do dia, vinham as sombras da noite, avançando como um grande braço.

O cura, com uma das mãos erguida acima de sua cabeça encanecida, recitava como um profeta:

— E fiquem todos calmos, meus fiéis irmãos, calmos em suas penas, até que se esmaeçam as trevas e a alvorada anuncie a luz de uma nova manhã.

Eu, sempre ouvindo aquelas palavras, esperava, cada manhã com impaciência, sedenta de uma felicidade desconhecida.

Rolaram os tempos. Mais um inverno e mais outra primavera. Eu vi reflorescer a amendoeira do terreiro. Pela madrugada as flores das macieiras flutuavam como uma poeira em meio ao nevoeiro de prata. Tôda a minha dor se foi apagando, o meu coração se tornou mais doce e minhas penas lentamente se desvaneceram. O sofrimento que se desejaria guardar porque é êle, ainda, a melhor lembrança, não se torna no curso da vida, mais que uma tormenta perdida em meio de outras tormentas.

CAPÍTULO XIII

Naquela manhã eu fui andar. Andar por aí, pelos campos, descuidadamente, em liberdade. Chovera na noite anterior. As relvas estavam molhadas, e do chão subia o perfume das ervas novas, de flores selvagens, de mato novo, de fontes frescas, e todo êsse perfume misturado passava em turbilhão em volta das árvores. Eu caminhava sorvendo-o com ânsia, a bôca aberta, como se bebesse capitoso vinho. As pedras luziam e pareciam dançar aos raios luzentes do sol, e sôbre tôdas estas coisas lavadas pela chuva da madrugada, a luz, na sua plenitude, dava a tudo a alegre pincelada de sua beleza. No vermelho, no verde, no ouro das fôlhas antigas, os novos brotos surgiam pálidos, enquanto que se destacavam, um a um, os velhos troncos deixando a casca estalar, para que o tronco remoçado pudesse exibir sua nova indumentária, como se fôsse a epiderme lisa e sadia de um corpo de mulher.

Naquele dia eu estava eufórica, sentindo n'alma uma alegria estonteante e inusitada. O campo estava estrelado de bonitas alvas como a neve, sôbre as quais o vento espalhara ramos secos das árvores próximas. Eu me pus a dançar, possuída de não sei que alegria íntima, como se alguém me houvesse transmitido alguma notícia exultante.

Quantas vêzes eu vira nascer nas campinas aquelas florinhas mimosas, e quantos meses de abril já não passara eu ali na fazenda, sem que sentisse dentro d'alma uma alegria tão radiosa, um tal desejo de viver! Eu sentia como que o prazer de ser jovem, de poder esperar da vida tôdas as promessas que ela pode dar. Contentamento misterioso, espontâneo, alegria de esperar o amor. E esta súbita primavera a desabrochar em mim, despertava em meu coração algo que dormia, algo que havia no mais recôndito de minh'alma, despertando sentimentos estranhos, deslizando em mim sensações de estranho humor e de inexplicáveis desejos. As roseiras estavam apenas em botão, pois que o mês de março havia sido chuvoso e frio como se fôsse tempo de inverno, e retardava o brotar das flores, cujos ramos apenas começavam a exibir os botõezinhos como se quisessem respirar o ar fresco e puro. As ameixeiras se cobriam de flores, e dentro em breve os frutos surgiriam e as flores murchariam caindo dos galhos em breve e simples eclosão, para morrer depois e deixar na árvore os frutos longos e amarelados, doces como um confeito.

Eu me pus a cantar, e o cuco, êsse pássaro da primavera, também cantou uma canção muito parecida com a minha, feita de gritos que anunciavam a felicidade. O canto do pássaro, sempre com as mesmas notas, contava histórias de amor, histórias divertidas, que, conforme dizia Malique, sòmente os que amam têm o dom de entender.

Saindo de casa para o campo, com um machado ao ombro, Malique me viu assim alegre e perguntou:

— Eh! Você conversa com o cuco, Bertillotte!

Malique sempre experimentava grande alegria quando me via alegre.

— Sim, procuro compreender sua canção.

— Mas você não poderá compreendê-la. Só os que amam podem compreender o cuco. Êle está a dizer que há frutinhos aí pelo mato, e que, colhidos por dois, são mais gostosos... bem como recantos sombrios onde se possa amar.

Eu andava e ria com as histórias de Malique, curiosa de surpreender os pares de avezinhas em pleno idílio amoroso, a beijarem-se felizes. Em minha imaginação eu mesma reproduzia histórias de amor para mim mesma. Então me imaginava uma princesa, princesa loura, de cabelos côr-de-mel brilhando sob os raios solares, como as das histórias que Manoue me contava, e das quais era o cuco uma fada sob disfarces. Meu belo vestido se enchia de pequeninos alfinêtes despregados das relvas por onde eu passava, e o cetim azul de minhas sandálias se manchava com o piçarro negro das estradas. De súbito, a um recanto verde eu encontrava o príncipe que me entontecia a imaginação. Eu o reconhecia. Seu beijo quente vinha à minha bôca, úmido como um fruto, mas a minha imaginação vagante não sabia que gôsto dar a tais beijos. Seria doce, ou amargo? E enquanto êle me abraçava e beijava lá ao longe, muito em baixo, na floresta o sol se destacava em sua plenitude gloriosa, para que o céu e os vales resplandecessem de luz magnífica. Então eu apoiaria minha face contra sua face. Eu achava o amor uma coisa tão simples! Uma coisa tão fácil! Assim como um grande jardim em que duas almas amantes estivessem unidas para colhêr rosas, ou os frutos do amor.

Estava eu nesses sonhos quando um melro negro com vivos verdes em suas asas luzentes saltou em tôrno de um fruto maduro. O passarinho beliscou-o e, em seguida voou graciosamente, batendo as asas felizes por sua liberdade. Foi então que eu procurando o meu caminho, encontrei novamente aquela pequenina clareira onde flores silvestres se misturavam com a erva luxuriante sob as sombras frescas do arvoredo ambiente, pintalgadas de manchas de sol, cujos raios atravessavam os ramos. O mato rasteiro havia crescido, e eu também havia crescido com êle. Mas não me esquecera da visão que tivera ao adormecer ali, e revia

na imaginação aquêle meu príncipe que me havia surpreendido com os seus beijos quentes. Êle também havia crescido e ficara na minha imaginação como tantas outras imagens queridas.

Não sei por que motivo, eu que ria antes comecei a chorar, sem razão. Vi passar uma lebre esguia e longa, da côr da terra, parecendo procurar raízes para alimentar-se. Então me lembrei de uma pequena história de Manoue que terminava assim:

"E o coelhinho fêz uma cabriola sob a lua e se foi."

Pensando na necessidade de amar, eu sonhava com o príncipe encantado e pensava que tôdas as jovens lá da cidade tinham os seus amôres. Aos domingos, ei-las a passar para a missa, e da igreja para a praça, a rir sob as árvores, alegres sem saber por quê. Eu me pus a pensar num rapaz lá da cidade, um eleito que me servisse de marido. Passei revista mental a todos os que eu conhecia. Não encontrei nenhum que me servisse. Não achei nenhum porque o meu coração não era simples, uma vez que meu coração estava repleto de contos e de sonhos, numa esperança insensata nascida em mim como portadora de prodigiosa e maravilhosa felicidade. E Manoue, a pobre velhinha querida, sem o saber, havia nutrido essa estúpida crença de minh'alma.

Malique, mais experiente, costumava dizer-lhe:

— Isso fará mal à menina, quando ela, sem instrução nem experiência, chegar à idade adulta e não achar nada do que lhe dizem estas histórias de fadas e príncipes encantados.

E era o que se estava dando agora, quando eu ainda guardava no coração tôdas as minhas ilusões da infância. E quem poderia fazer perdê-las? Quem poderia instruir-me e mostrar-me o caminho certo entre a realidade e o sonho? Quem poderia ajudar-me a escolher a verdade, adquirir experiência e desembaraçar de meu pensamento o emaranhado existente em meu coração? Eu vivia sòzinha entre as grandes árvores e o céu!

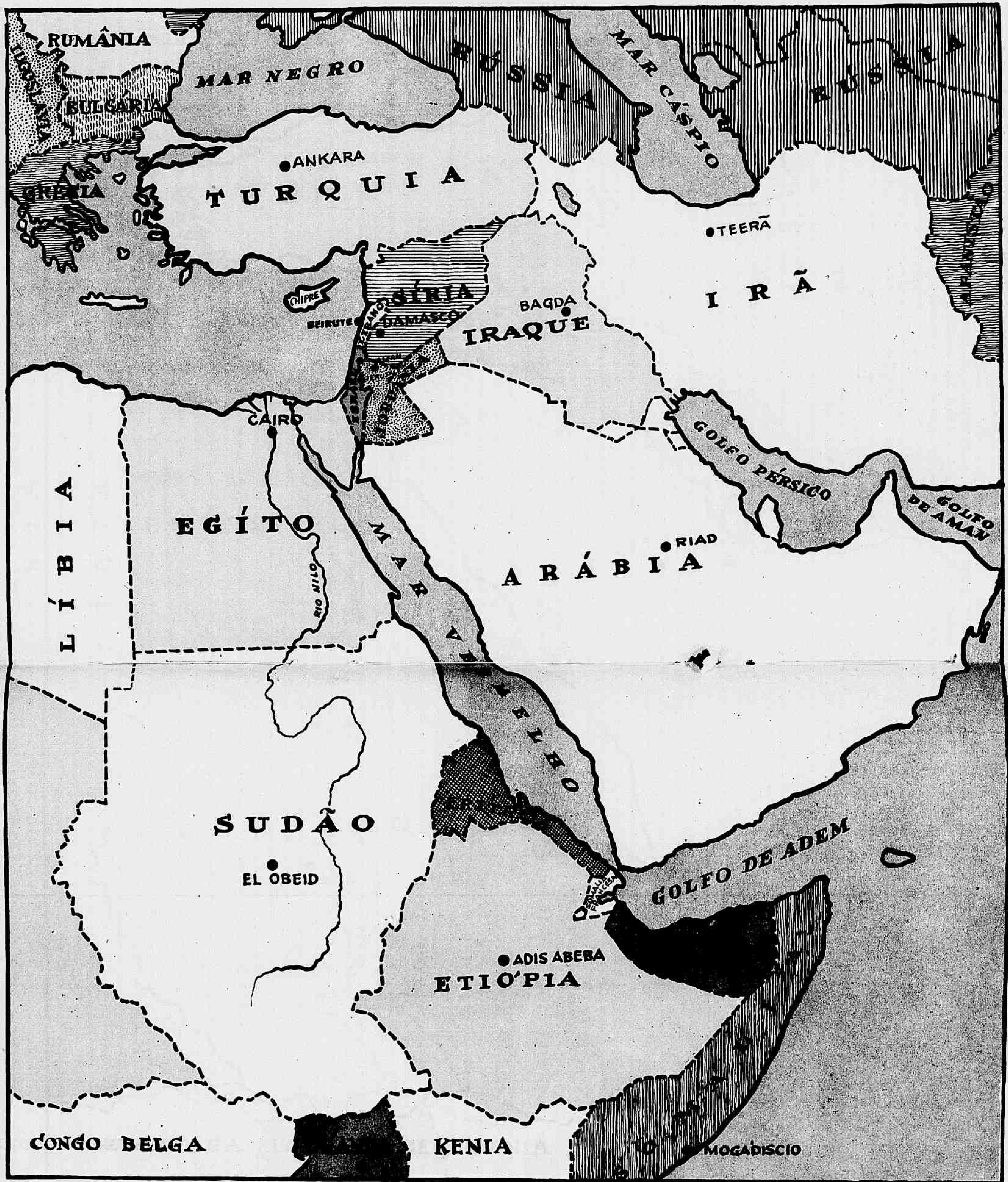
Eu era como aquêle coelhinho do conto de Manoue. Cabriolando sob a luz da lua e correndo...

Eu me recordava de Manoue e lamentava sua ausência, agora que eu já estava com dezoito anos, e me via sem amigos, sem amor, sem mãe, sobretudo sem mãe. Ah! minha mãe!

Não suportei êstes pensamentos e caí em pranto. E, de repente, a uma clareira da floresta, ouvi uma voz de um pássaro canoro, que também parecia ser o cantar de dez outros, de cem ou de mil, um cantar muito mais lânguido e suave que o do rouxinol; mas profundo e mais harmonioso, mais belo do que tudo o que já eu ouvira da voz humana ou de cânticos das igrejas. Mas era um música divina, sem palavras. Sùbitamente aquêle canto estacou e eu soltei um grito e me apoiei a uma árvore, para não cair de esapnto. Vi, ofegante, um homem aproximar-se de mim. Chegou bem diante de mim e falou:

Continua no próximo número)

FERVE O MUNDO ÁRABE



OFERECEMOS, hoje, um mapa geral do mundo árabe, que é objeto de indisfarçável agitação: — O Egito, país de 20.045.000 habitantes, no nordeste da África, com uma extensão territorial de 940.000 km². O Sudão Anglo-Egípcio, com uma população de 4.000.000 de habitantes, numa área de 2.500.00 km². O Irã, com superfície de 1.645.000 km² e uma população de 18.387.000 habitantes. O Iraque, país central, com superfície de 390.000 km² e uma população de 4.499.500 habitantes. O mais novo país do Oriente Médio, Israel — com uma extensão territorial de 1.250.000 km² e uma população de 1.100.000. A Jordânia, antiga Transjordânia, cuja superfície é de 30.000.000 km², com uma população absoluta de 1.686.365 habitantes. A oeste do Mediterrâneo — o Líbano, com 12.000 km² e com uma população absoluta de 4.000.000 de habitantes. A leste do gôlfo pérsico — a Arábia, cuja superfície é de 1.600.000 km², com uma população absoluta superior a 1.000.000 de habitantes. Ao norte do Mar Negro — a Turquia, com uma extensão de 460.000 km² de superfície e uma população, de 16.000.000 de habitantes.

A Turquia, embora tenha na Ásia a sua maior extensão territorial, é um caso à parte. Já tem características diferentes. O mapa serve, antes de tudo, para ressaltar a posição de Israel, uma nesga de terra, entre o mar e o mundo árabe. Uma situação de absoluto atraso, decadência e desorganização caracterizava todos êsses países. Isto contribuía para favorecer a situação dos judeus e da Inglaterra.

Agora, porém, há reações e reformas profundas, internas, em quase todos êsses países. Será que êles vão entrar com proveito numa fase de reorganização interna? E, uma vez civilizados e refeitos, unir-se-ão? Da fervura sairá a fusão dos países muçulmanos numa liga ou coisa equivalente?

E' o que os dias futuros irão dizer ao mundo, que observa atentamente aquelas paisagens lendárias e bíblicas.

Diversidade das blusas

A variedade das blusas não dá tréguas ao nosso encantamento. Estudadas para horas diferentes, cada uma contribui, para a elegância, com um elemento novo de requinte e personalidade. CARVEN — em organdi branco com "siarinha". JACQUES FATH — gola imensa e largas mangas, em organdi. GRÈS — sêda rosa com postilhas brancas, lembrando um colête. CASTILLO (Lauvén) — gola e punhos muito engomados, numa blusa de tecido transparente. RAUGUIN — em "shauting" cinza e branco, com gravata do mesmo tecido pespontado para ocultar listras brancas. JACQUES FATH — conjunto bastante vistoso êste, em organdi listrado de violeta e branco, com gravata de veludo violeta.



CARVEN



JACQUES FATH

ibui,
siari-
lem-
RAU-
JAC-
oleta.

LANVIN







GRÈS

MANGUIN



JACQUÈS FATH



tarde de sol

Vestidos leves e amplos para os dias claros: Pierre Balmain recorta de "jours" êste modêlo para os dias mais quentes.



casaco de verão

Schiaparelli lançou êste casaco de linha simples na nova gaze alentiana, armada e muito leve. "Martingale" muito justa.

Semana LITERÁRIA

FORA DO PRELO

LA VIE QUOTIDIENNE — Êste romance que nos chega do Canadá, assinado por Thérèse Tardif, não nos traz uma "réprise" da literatura de Mazo de La Roche, nem nos vem contar um doce conto à maneira de "Marie Chapdeleine". A romancista aborda aqui os problemas espirituais, a complexidade da vida material, em choque com as complicações do espírito, situando tôda a angústia de seu personagem central no plano do conflito entre seus ideais altos e a vulgaridade da vida cotidiana. Êsse jôgo não é, entretanto, gratuito. A romancista conduz sua história com participação, fazendo-nos, assim, sentir bem fundo êsse conflito pelo poder de criação altamente impressivo, tanto devido à fôrça de seu talento, como graças à aguda psicologia, apoiada na observação e na penetração que consegue fazer, em traços simples e marcantes. Uma epígrafe de capítulo, o primeiro, logo nos apresenta o herói do livro em pleno problema: "Hyacinthe vivait à l'écart parmi la foule". E, no capítulo terceiro: "La vie s'acharnait cruellement à lui, la vie ordinaire, la vie quotidienne". Essa maneira simples de fixar, em uma síntese sêca, todo o problema — impressiona fundamente, dá-nos inteiro e vivo o sentimento dessa cruel e pegajosa vida cotidiana. Outro quadro largo e pungente fixado em uma frase: "Hyacinthe sollicitait l'approbation du péché". Não é todo um largo quadro de miséria moral? Mais nítido e mais cruel, contudo, é êste resumo que os leitores do livro encontram justificado, no enrêdo, mas que, mesmo assim isolado, nos impõe sua pungência tremenda: "La gloire d'Hyacinthe montait de la cuisine". Belo e comovente êste livro, com revelar uma grande escritora canadense moderna, bem à altura das gloriosas tradições literárias da terra de Marie Chapdeleine.

CRAVO BEM TEMPERADO — Oswaldino Marques, que publicou há pouco uma obra-prima de nosso teatro, "Ciméria", tem agora editado mais um livro de seus admiráveis poemas — deixem passar o adjetivo vulgar, sabemos, neste breve registro destinado apenas a alertar os leitores sôbre um dos livros dignos de interêsse de aparecimento recente. Em outra nota falaremos de "Cravo Bem Temperado", edição da "Revista Branca", em bela apresentação gráfica e com ilustrações de Aldary Toledo.

TONS VERDES EM FUNDO ESCURO — Por gentileza da Livraria Antunes, recebemos êste e outros livros do escritor Joaquim Paço d'Arcos, um dos modernos e mais apreciados prosadores de Portugal. Trata-se de um romance. Registramos aqui o recebimento dos livros de Paço d'Arcos, sôbre os quais falaremos mais longamente à medida que os formos lendo. De tôda forma, nossa primeira impressão é de que o romancista é alguém, um escritor que se poderá discutir, que se deve discutir, tão novo e original nos pareceu, logo às primeiras cinqüenta páginas de "Tons Verdes em Fundo Escuro", um título de livro intrigante e sugestivo.

UM AUTOR:

ÁLVARO FEIJÓ



UM dos últimos números do excelente "Ler", que se edita em Lisboa, nos traz esta efígie do poeta morto, como Anto e Álvares de Azevedo — à flor dos seus anos: Álvaro Feijó. Desaparecendo em 1941, êsse jovem estudante de direito de 25 anos (nascera em 1916) deixou em seus versos de adolescente os sinais da grande obra que a morte não deixou que realizasse. Entretanto, nos seus poemas (apresentados na coleção "Novo Cancioneiro") há a marca de uma grande e nobre vocação, das mais puras de sua geração. Álvaro Feijó é considerado um dos renovadores da lírica portuguêsa, iniciando, com outros poetas de seu tempo, o néo-realismo poético de Portugal. Nesse sentido, foi um descobridor de caminhos, um herdeiro dos avoengos, reveladores de rotas marítimas e de novos mundos. Seus versos, aliás, são extremosamente marítimos, sua poesia uma grande nau de quilha espumejante, rompendo oceanos insuspeitos, com êle sempre ao leme ou à gávea, como um rebento de velhos lôbos. Versos que sabem a salsugem, que cheiram a mar aberto, que se colorem de vagas verdejantes. Essa alegoria náutica não vem, naturalmente, do assunto dêstes poemas de Álvaro Feijó: vem de seu clima poético, da largueza de sua inspiração, da violência "raging tide" que é sua atmosfera inspirada e realista. Seu único livro, publicado pouco antes de sua morte, se chama precisamente "Corsário", o que de novo nos impõe, como um tema de obsessão dêste poeta — o mar... principalmente as aventuras, as lutas, as violências do mar. Álvaro Feijó é um poeta considerado fácil, o que é mera aparência: pelo contrário, Álvaro, sobrinho de outro grande lírico português, Antônio Feijó, que se excedeu na simplicidade, não conservou êsse traço de família — pois no fundo de sua lírica de vozes singelas, mas de abismos insondáveis de mar alto, há sempre, como nos horizontes marítimos — um mais além que perturba e intriga, quando nos defrontamos com sua poesia de tão graves acentos. (No clichê, gravura em madeira que acompanha o volume de poemas de Álvaro Feijó, que aproveitamos da carinhosa publicação de "Ler".).

UM LIVRO:

"e a seara de Caim..."

POUCOS livros no Brasil de tanto êxito quanto êste romance de Rosalina Coelho Lisboa. O fato é surpreendente, principalmente porque constitui uma estréia, no gênero, da poetisa, da ensaísta, da conferencista, agora se apresentando, pela primeira vez, nos largos horizontes da ficção e, logo de saída, trabalhando um romance muito sério, no qual a criação serve, por assim dizer, a unificar assuntos mais vastos e mais importantes, quais sejam os que se relacionam com a vida nacional, em seus múltiplos aspectos, em um prolongado período que chega até nossos dias, a homens e a acontecimentos de nossa atualidade.

Rosalina repete, com êste livro, o maravilhoso acontecimento de "Gone With The Wind". E' o exemplo de Margaret Mitchel que nos sugere sua obra. Se, entretanto, a escritora americana, que assinou uma **das obras-primas de** nosso tempo — de que muita gente fala mal porque viu o filme, sem ler o livro — abordou uma época remota da história americana, a romancista brasileira se dedicou a um tempo mais próximo, em grande parte vivido por ela, e de cujos eventos ela foi testemunha lúcida. Era natural que o livro despertasse o espírito polêmico, determinando o choque de opiniões, os melindres pessoais, as naturais irritabilidades de partido, de ideologias e pontos-de-vista, de boa e má-fé, de "contrismo", de todo êsse arsenal de pessoalismo que não poderia faltar ao encontro, tanto mais que êsse choque-de-armas parece ter sido marcado pelo próprio romance, pelo temperamento combativo da autora dêste vasto e movimentado painel da História romanceada.

O livro fêz assim duas espécies de sensação: a literária — porque se trata de um livro de alta categoria artística — e a política, determinada pelo assunto que a romancista abordou. Êsse assunto, por assim dizer, está menos no entrecho romanesco, do que no ambiente da intriga, isto é, nosso extenso período revolucionário, ainda não fixado em suas linhas exatas, pelos historiadores, ainda no período do debate e do esclarecimento.

De forma alguma se justificam os ataques violentos feitos ao livro. Rosalina dá-nos aqui seu depoimento, não quer torcer nem deturpar a História revolucionária brasileira, quis dar, dêsse fenômeno, sua opinião respeitável, como as que melhor o sejam. Isso, do aspecto político do livro, aspecto inseparável do romance. Quanto à sua qualidade literária, a obra pode espantar, sim, pelo estilo que revela, pelos dotes criadores da romancista, pelas excelências de sua composição, por sua estrutura sólida, pelo seu conteúdo vibrante de sinceridade, pela vivência que tem do assunto esta escritora pessoal, de prosa aliciante, pondo real interêsse em sua matéria.

"...a seara de Caim" é, de qualquer aspecto, um dos grandes livros de nossa literatura. Êsse valor já foi ratificado pelo público que esgotou em poucos dias a primeira edição dêste romance singularmente expressivo do gênio feminino em nossa literatura.

EDMUNDO LYS

NOTICIÁRIO DOS ESTADOS

DEVIDO ao fato de têrmos esquecido em um táxi um envelope com a matéria destinada a esta seção, extraviaram-se tôdas as notícias que deviamos publicar hoje e referentes ao movimento literário dos Estados. Aqui nos desculpamos com os amigos que nos remetem tão gentilmente essas notas semanais, aos quais pedimos repetir as que nos enviaram por último.

dias cla- "jours" quentes.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa	**Estado primitivo**	**Homem-macaco**
De 1 a 3	Cultura inferior	**Selvagem**
De 4 a 6	Cultura média	**Estudante ginasial**
De 7 a 11	Cultura superior	**Universitário**
De 12 a 14	Genial	**Um sábio**
Tôdas as quinze		**O gênio em pessoa**

1 — EM QUE LITORAL HÁ A RESTINGA DA MARAMBAIA:

— No do Estado do Rio?
— Em São Paulo?
— No Espírito Santo?

2 — A CIDADE DE FLORIANÓPOLIS FICA:

— Numa ilha?
— Na terra firme do continente?
— Numa península?

3 — QUAL DESTAS CIDADES GAÚCHAS FICA NA FRONTEIRA COM A ARGENTINA:

— Cachoeira?
— Uruguaiana?
— Santa Maria?

4 — QUANTOS ANOS TEM O CHAMADO PERÍODO DE «SAROS», NO QUAL OS ECLIPSES SE REPETEM MATEMATICAMENTE:

— Cinco e meio?
— Vinte e sete?
— Quarenta e nove?

5 — POR FALAR EM ECLIPSE, QUAL É O NÚMERO MÁXIMO DE ECLIPSES NUM ANO:

— Dez?
— Nove?
— Sete?

6 — O TERRITÓRIO DO ATUAL ESTADO DO PARANÁ JÁ FÊZ PARTE DE:

— São Paulo?
— Santa Catarina?
— Mato Grosso?

7 — EM QUE ESTADO DO SUL HÁ UMA CIDADE COM O NOME DE ARARANGUÁ:

— Rio Grande?
— Santa Catarina?
— Paraná?

8 — QUAL DÊSTES PREFEITOS DO DISTRITO FEDERAL OFERECEU, GRATUITAMENTE, À ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA, O TERRENO ONDE HOJE SE ERGUE A SUA SEDE NO RIO:

— Pedro Ernesto?
— Adolfo Bergamini?
— Coriolano de Gois?

9 — QUE SÃO OS LEUCÓCITOS:

— Glóbulos brancos do sangue?
— Micróbio da tuberculose?
— Ou a substância vermelha do sangue?

10 — A QUEM DEVEMOS A «SINFONIA PATÉTICA»:

— A Brahms?
— A Beethoven?
— Ou a Tchaikowsky?

11 — O «LEVÍTICO» ESTÁ:

— No Velho Testamento?
— No Novo Testamento?
— No Rigveda dos indús?

12 — EM QUAL DÊSTES ESTADOS DO BRASIL HÁ UMA CIDADEZINHA CHAMADA NOVA YORK:

— No Ceará?
— No Maranhão?
— Em Minas Gerais?

13 — QUAL DESTAS CIDADES É A MAIS ANTIGA:

— Ouro Prêto? (Minas)
— São Vicente? (S. Paulo)
— Caruaru? (Pernambuco)

14 — EM QUE ESTADO DO BRASIL HÁ UMA CIDADE COM O NOME DE ORLEANS:

— Pará?
— Santa Catarina?
— Pernambuco?

15 — QUAL DESTAS REVISTAS É A MAIS ANTIGA:

— Eu Sei Tudo?
— Cena Muda?
— Revista da Semana?

(Respostas na página 50)

CONVERSA DE MULHER

DOIS BILHETES

● **"MÃE,**



"Today I am "brokíssima" andathat is why I did not leave you any money for the cigarettes But H. is getting paid this afternoon and tomorrow I shal have "du frick" (ou será "frique"?).

"Estou com muitas saudades e gostaria de poder conversar com você sem hora marcada. Nada de especial, não, só bate-papo de mãe e filha.

"Êsse negócio de morar em Niterói é chato porque nunca vejo você e, believe me, sinto muita falta. Acho também que sou meio gata, pois sinto saudades da casa — chego aqui e não tenho mais vontade de ir embora. Agora é que vejo como era bom morar com você, apesar das nossas famosas brigas (dou inteiramente a mão à palmatória, a impossível fui sempre eu).

"Sabe que o meu patrão foi namorado da M.? Êle hoje telefonou para agradecer à mãe dela um cartão de felicitações e disse que quem estava falando era o seu "substituto de genro"... "blasted machine"! Ah, entrando no terreno das xingações, a última do meu chefe é "hell's bells and buckets of blood"!!! Deve ser algo de fortíssimo.

"Deixo aqui para você uma redundante declaração de amor do gênero mau-cinema-italiano.

"Muitos bus,

L."

● **"MINHA FILHA,**

"Sua avó leu antes de mim o bilhete que você deixou em cima da mesa e se declarou horrorizada com o "estilo das moças de hoje". Quando eu traduzi o período inicial: "Hoje estou quebradíssima e foi por isso que não deixei dinheiro para os cigarros, mas esta tarde o H. vai receber e amanhã terei dinheiro", ela disse que seria melhor que você tivesse aprendido menos inglês e mais "outras coisas". Eu aproveitei para me divertir perguntando se ela, que estudou tanto francês, sabia o que é "fric" (é assim que se escreve, e não "frick" nem "frique"), dinheiro em "argot", e naturalmente ela não sabia. Observei então que, por sua vez, o "estilo" dela não deixa de ser um tanto "courant d'air" e "rez-de-chaussée", para desarmá-la em relação a você.

"Logo a seguir ela se animou de novo e se insurgiu violentamente contra o "chato", forçando-me a ir primeiro ao Eça e depois ao Camilo Castelo Branco para desmoralizar a prevenção dela. E com isso impedi que me perguntasse a significação dos impetuosos impropérios em inglês (bem pitorescos, aliás, em suas versões brasileiras ao pé da letra: "máquina maldita", "campainhas do inferno e baldes de sangue").

"Minhas saudades não são menores do que as suas. E' uma pena que agora que você não mora mais comigo que o meu horário de trabalho não me permita mais estar com você para almoçar; de qualquer modo é um consôlo que você, com mais tempo do que eu, venha almoçar aqui em casa, cercada dos mesmos confortos e hábitos do tempo de solteira. Procuro me consolar pensando que o seu isolamento parcial com o H. em Niterói deve ter vantagens para casadinhos novos como vocês.

"Não se preocupe com o dinheiro dos cigarros, que não é coisa de importância.

"Muitos beijos (sua avó me perguntou o que eram "bus" e achou que beijos é uma palavra mais bonita) de

Mamãe."

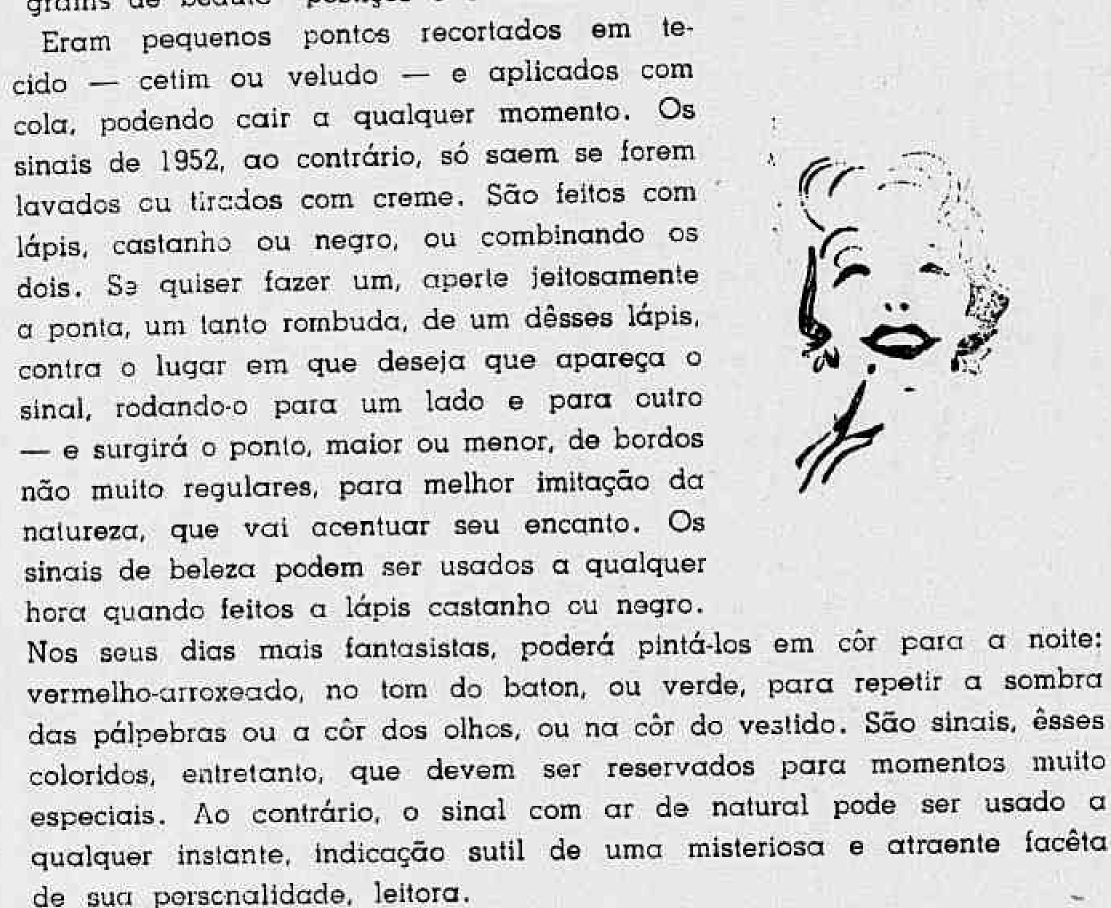
"P.S. — Amigas minhas, mais experientes que eu, me disseram que êsse seu derretimento de recém-casada para comigo vai aumentar ainda quando aparecerem os bebês."

Pela transcrição — **ISOLETTE**.

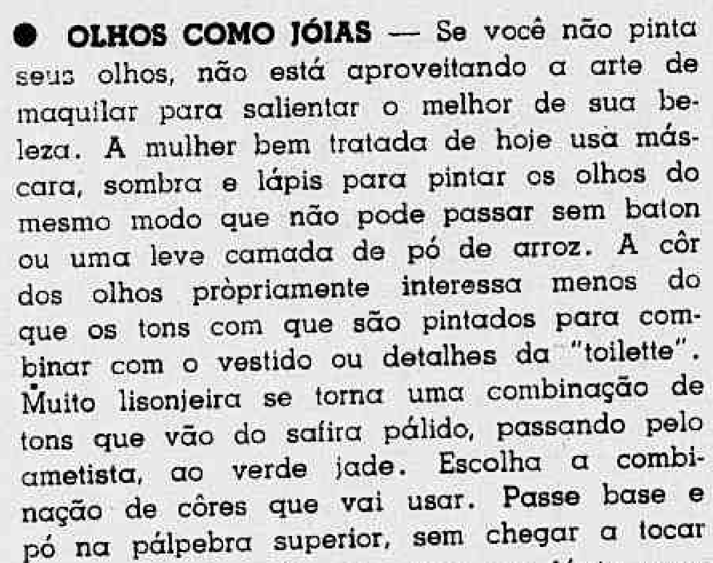
ROTINA DE BELEZA

UM SINAL DE BELEZA

As mulheres aparecem atualmente quase sempre com um sinal de beleza — mas, apesar da perfeição com que a natureza é imitada, a freqüência dêsses sinais faz desconfiar que sejam falsos. O indispensável é que, feitos com o lápis de sobrancelhas, se apresentem como obras de arte. Vemo-los numa pálpebra, entre as pestanas e a sobrancelha, quando a dona pretende chamar atenção para seus grandes olhos. Ou um pouco afastado do canto externo do olho, focalizando interêsse num olhar secreto, de olhos rasgados à oriental. Se uma linda bôca é a sua feição mais atraente, leitora, o sinal pode ser feito sob o lábio inferior, como Gloria Swanson, ou se prefere que não lhe olhem muito o queixo um pouco para um lado. Através dos séculos, o sinal de beleza vem sendo usado pelas faceiras. Não se trata absolutamente de uma idéia nova. Maria Antonieta recorria aos "grains de beauté" postiços e o mesmo fizeram as melindrosas de 1920.



Eram pequenos pontos recortados em tecido — cetim ou veludo — e aplicados com cola, podendo cair a qualquer momento. Os sinais de 1952, ao contrário, só saem se forem lavados ou tirados com creme. São feitos com lápis, castanho ou negro, ou combinando os dois. Se quiser fazer um, aperte jeitosamente a ponta, um tanto rombuda, de um dêsses lápis, contra o lugar em que deseja que apareça o sinal, rodando-o para um lado e para outro — e surgirá o ponto, maior ou menor, de bordos não muito regulares, para melhor imitação da natureza, que vai acentuar seu encanto. Os sinais de beleza podem ser usados a qualquer hora quando feitos a lápis castanho ou negro. Nos seus dias mais fantasistas, poderá pintá-los em côr para a noite: vermelho-arroxeado, no tom do baton, ou verde, para repetir a sombra das pálpebras ou a côr dos olhos, ou na côr do vestido. São sinais, êsses coloridos, entretanto, que devem ser reservados para momentos muito especiais. Ao contrário, o sinal com ar de natural pode ser usado a qualquer instante, indicação sutil de uma misteriosa e atraente facêta de sua personalidade, leitora.



● **OLHOS COMO JÓIAS** — Se você não pinta seus olhos, não está aproveitando a arte de maquilar para salientar o melhor de sua beleza. A mulher bem tratada de hoje usa máscara, sombra e lápis para pintar os olhos do mesmo modo que não pode passar sem baton ou uma leve camada de pó de arroz. A côr dos olhos pròpriamente interessa menos do que os tons com que são pintados para combinar com o vestido ou detalhes da "toilette". Muito lisonjeira se torna uma combinação de tons que vão do safira pálido, passando pelo ametista, ao verde jade. Escolha a combinação de côres que vai usar. Passe base e pó na pálpebra superior, sem chegar a tocar nas pestanas. Esbata bem os bordos da aplicação. Com um lápis apropriado, siga o contôrno das pestanas, puxando um pequeno traço para cima no final da pálpebra. Passe máscara só nas pestanas superiores, e com as pestanas bem sêcas, primeiramente com a escôva pouco carregada, depois molhando-a em água quente e bem cheia de máscara. Com o lápis, corrija ou melhore o traçado das sobrancelhas, não de um risco só, mas com pequenos tracinhos, imitando os fios das sobrancelhas — e então passe com fôrça uma escovinha dura para maior naturalidade do resultado. A sombra só pode ser usada na pálpebra superior e num traço sutil na inferior apenas da metade para fora, logo abaixo das pestanas. E não esqueça de usar a tesourinha de frisar as pestanas, pelo menos uma vez por semana.

PASSATEMPO

LIDERGRAMA N.º 20

A	Fragmentos de madeira →	13	49	63	99	111	128	
B	Ação de passear →	70	3	30	102	123	9	82
C	Alas →	15	41	80	1	78	94	132
D	Suavizas, consolas →	8	39	116	60	53	134	95
E	Reprêsas, obstáculos →	16	55	77	2	115	62	
F	O dia anterior ao de hoje →	6	42	81	106	59		
G	Espíritos →	26	47	7	129	87		
H	Abanos com varetas →	90	58	51	40	126	133	
I	Limpai com escova →	17	104	27	71	65	113	36
J	De dimensões extensas →	109	135	103	37	50	84	107
K	Tocarás tambor →	22	24	38	48	125	57	35
L	Seguiríamos →	29	54	66	19	118	100	10
M	Cotejada e harmonizada com os padrões →	12	88	46	92	120	67	131
N	Bêbedos →	69	21	56	101	76	117	
O	Batidas involuntárias com a ponta do pé →	5	20	124	119	93	64	74
P	Versejando →	72	34	83	45	4	105	137
Q	Igualam, aparelham-se →	44	110	32	68	85	91	25
R	Decretos do antigo Czar →	52	43	33	75	98	23	127
S	Boiavas, flutuavas →	96	14	122	89	114	108	121
T	Ave notável pela beleza de sua plumagem →	11	31	73	18	136	86	
U	Inchados →	28	130	97	112	61	19	

		C 1	E 2	B 3	P 4	O 5	F 6		G 7	D 8	B 9	L 10
	T 11	M 12	A 13	S 14	C 15	E 16	I 17	T 18		U 19	O 20	N 21
K 22	R 23		K 24	Q 25	G 26		I 27	U 28	L 29	B 30	T 31	
Q 32	R 33	P 34	K 35		I 36	J 37	K 38	D 39	H 40	C 41	F 42	R 43
Q 44	P 45		M 46	G 47	K 48		A 49	J 50	H 51	R 52	D 53	L 54
E 55	N 56	K 57		H 58	F 59		D 60	U 61	C 62	A 63	O 64	
I 65	L 66	M 67	Q 68		N 69		B 70	I 71	P 72		T 73	O 74
R 75	N 76		E 77	C 78	L 79	C 80	F 81	B 82		P 83	J 84	Q 85
T 86	G 87		M 88	S 89	H 90	Q 91	M 92	O 93	C 94	D 95		S 96
U 97	R 98		A 99	L 100	N 101	B 102	J 103	I 104		P 105	F 106	J 107
S 108	J 109	Q 110	A 111	U 112	I 113	S 114	E 115	D 116	N 117		L 118	O 119
M 120	S 121		S 122	B 123	O 124	K 125	H 126	R 127	A 128	G 129		U 130
M 131	C 132	H 133	D 134	J 135	T 136	P 137				Otaner - Rio		

EXPLICAÇAO — Para se achar a solução do **LIDERGRAMA, escrevem-se as** respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palvras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras. No quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras.

SOLUÇAO DO LIDERGRAMA N. 19 — LA ROCHEFOUCAULD — MAXIMAS — "Há, nas aflições, diferentes formas de hipocrisia: numa, sob pretexto de chorar a perda de um ente querido, choramos a nós mesmos; sentimos falta da boa opinião que êle tinha de nós."



Cristo ao despedir-se de sua Mãe, antes de iniciar a sua pregação, na interpretação do teatro medieval francês dos "Theophiliens" — cena da peça "Le mystere de la Passion".

TEATRO UNIVERSITÁRIO FRANCÊS

LES THEOPHILIENS ★ SUA HISTÓRIA, SEU PROGRAMA ★ VISITA AO BRASIL ★ REPRESENTAÇÃO AO AR LIVRE PARA O POVO ★ A EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA DO TEATRO MEDIEVAL ★ UM DOCUMENTÁRIO INTERESSANTE

Reportagem de LEONEL C. FERREIRA **Fotos de ALBERTO F. LIMA**

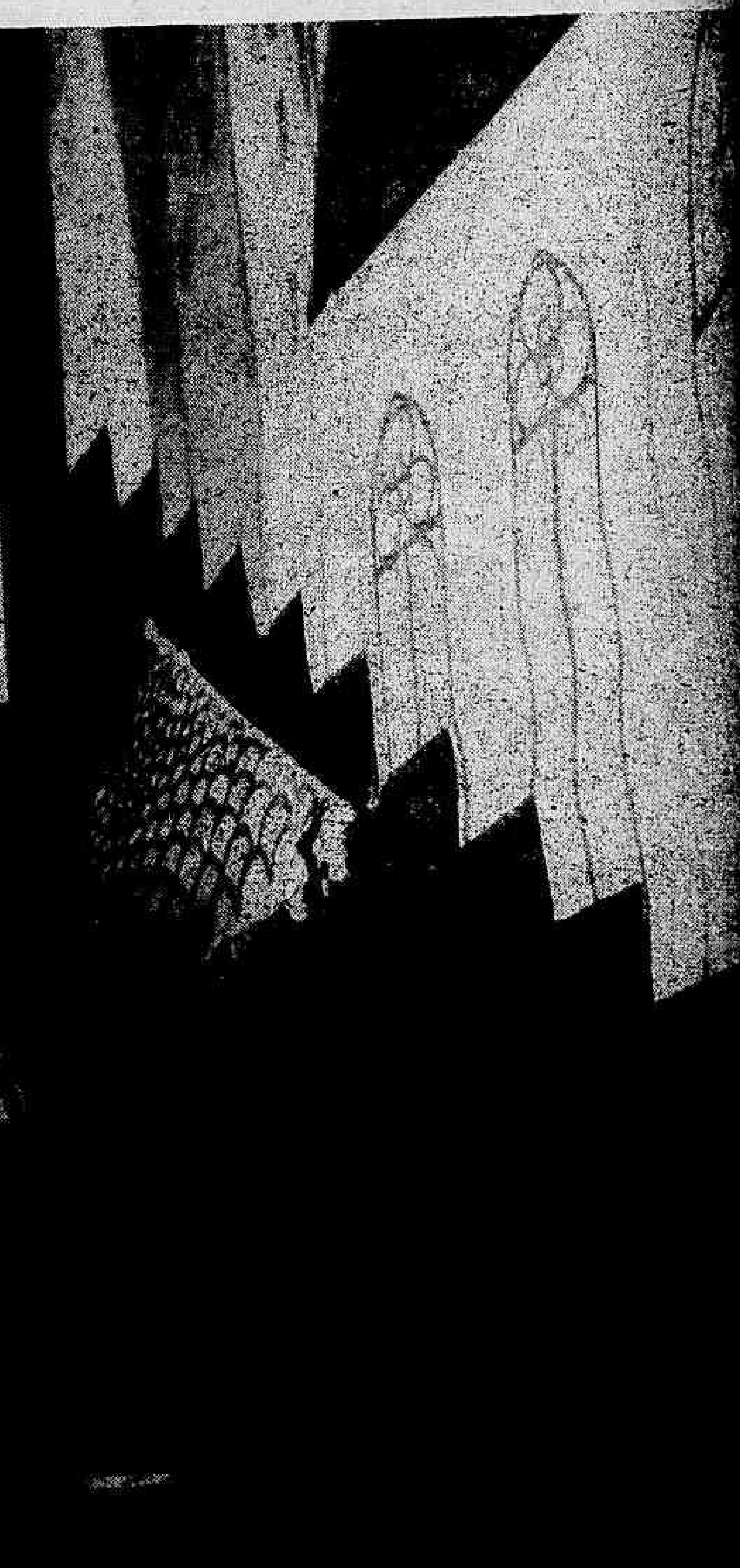
SOB o patrocínio da "Associação Francesa de Associação Artística" e com o apoio do Govêrno brasileiro, Embaixada da França, Serviço Nacional do Teatro e várias outras sociedades culturais do Rio, S. Paulo e outros Estados, estêve no Brasil o Grupo Dramático da Universidade de Paris, intitulado "Les Théophiliens", com grande repertório de peças medievais.

A história dos "Théophiliens" data de 1933, quando os discípulos de Gustave Cohen, sob a direção de René Clermont, levaram à cena "Le Miracle de Théophile", no pátio interno da Sorbonne. Nascia, então, "Les Théophiliens", cujo renome, dentro em pouco, abrangeria tôda a Europa. A peça de estréia, de autoria de Rutebeuf, data do século XIII. Daí por diante, o grupo foi-se aperfeiçoando cada vez mais, até culminar com as mais famosas peças teatrais da Idade-Média, como "Le Mystere de la Passion", adaptação literária de Gustave Cohen. Sob a orientação do prof. René Cohen, o grupo universitário tomou grande impulso. Para que o nosso povo e os próprios cultores da arte teatral tivessem uma idéia perfeita do que é o Teatro Medieval, o professor René Clermont pronunciou substanciosa conferência no auditório da Faculdade Nacional de Filosofia, ilustrada com representações de cenas de "Mistérios da Paixão" pelos artistas do mesmo elenco.

Os espetáculos levados no Rio, no Teatro Municipal, no Carlos Gomes, no "Copacabana" e, ao ar-livre, no estádio do Fluminense, constituíram grande sucesso pelo seu ineditismo, atraindo grande multidão que não se cansou de aplaudir os rapazes de René Clermont, em suas performances de "Les Mystere de la Passion", "Aucassin et Nicolette" e "Mystere de Théophile", havendo reprise da primeira, no Teatro de Copacabana. O teatro da Idade-Média não era mais do que reproduções de atos bíblicos, nos quais o sentimento religioso e a fé constituíam o centro de imaginação da obra literária e artística. E' curioso saber que, àquele tempo, uma representação teatral, como a dos "Mistérios da Paixão", levava apenas seis dias, compunha-se de trinta e seis mil versos, na mesma tomando parte cinco mil atores e mobilizava tôda uma cidade. E' claro, pois, que os jovens da Sorbonne não possam repetir hoje o que se fazia no século XIII, com o seu Teatro Medieval. Mas, dentro das restrições impostas pela carência de figurantes e com as dificuldades inerentes aos tempos atuais, peças daqueles recuados tempos são levadas à cena pelos "Théophiliens", com a maior fidelidade. No ambiente de tais ressurreições artísticas, devemos ressaltar a intervenção emocionante dos arranjos musicais de Jacques Chailley inspirados em temas medievais de impressionante efeito, dando às cenas as proporções das tragédias clássicas, conservando todo o valor dramático das representações dos séculos passados.

O nome "Les Théophiliens" nasceu do nome do bispo de Adana, na Sicília, que se chamava Théophilo. A ação se passa no VI século de nossa era e reproduz os sortilégios de enfeitiçadores e endemoniados, coisa tão vulgar naqueles tempos de crendices e fé robustecida pela idéia de milagres. O menestrel francês Rutebeuf compôs "Le Miracle de Théophile", o citado bispo que fôra despido de suas ordens sacras pelo arcebispo de sua região. Salatino, um mágico, consegue um pacto com o diabo, e o bispo passa a ser prestigiado por Satã, que o cobre de riquezas e gozos sem conta. Sete anos passa o ex-bispo de Adana entregue aos efeitos do Inferno e seus

A sabedoria do Filho de José confunde os rabinos e doutôres da lei, no velho templo de Salomão...



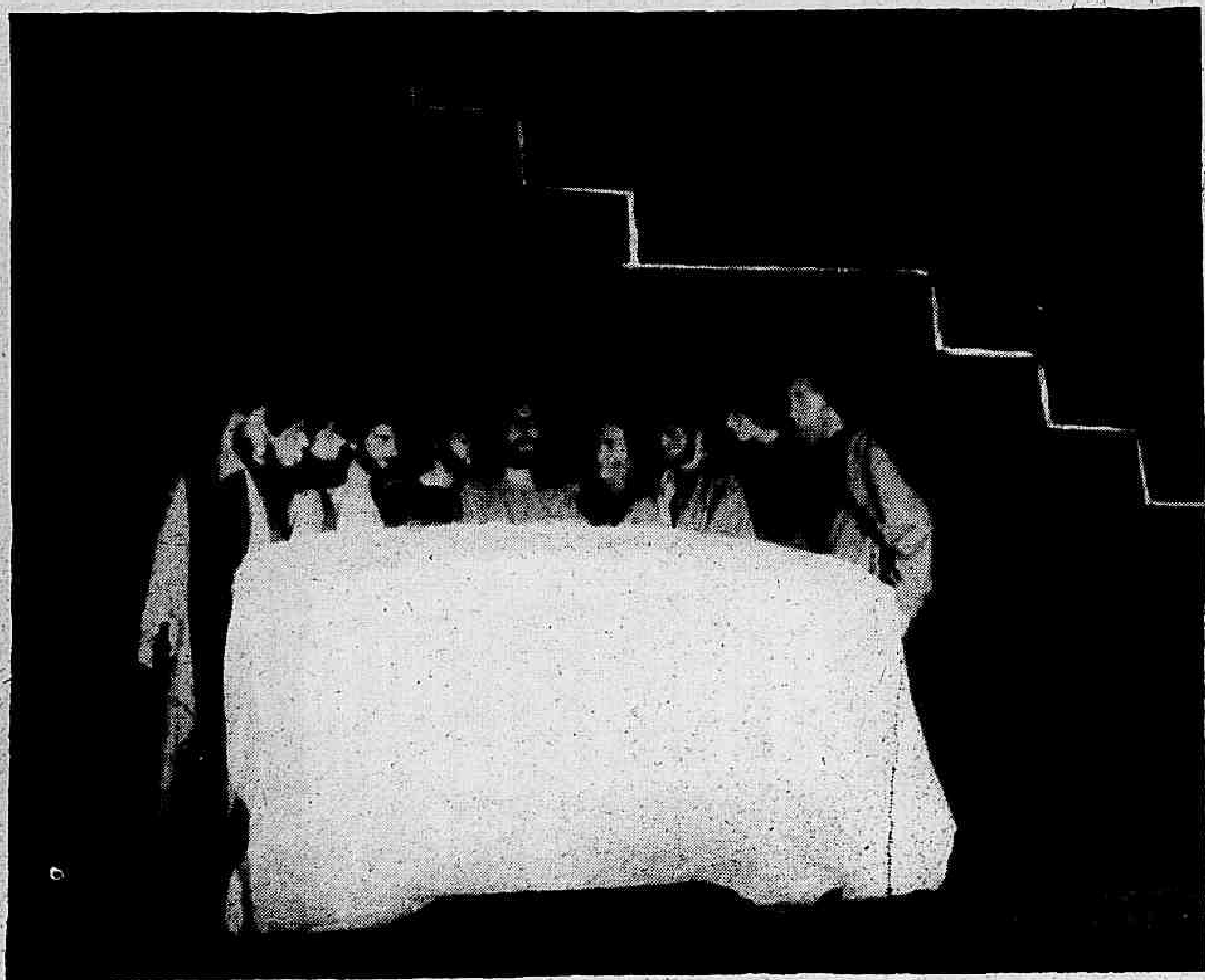
Mais outro quadro bíblico de grande ressonância: o perdão de Madalena interpretado pelos universitários franceses



Uma visão distante da cidade santa dos judeus, quando ao tempo de Cristo. E' bem característica a evocação do casario. Interessante a originalidade dos cenários aqui apresentados.

emissários, jungido a Satanás pelo documento firmado com seu próprio sangue. Mas Théophile durante sua missão apostolar, sempre fôra um fervoroso crente nos poderes da Virgem Maria. E é com a maior amargura n'alma que êle, arrependido, envergonhado, corre à capela em que está a imagem de Nossa Senhora, prosterna-se e lhe dirige uma prece repassada de angústia e fé.

Esta cena da peça é de uma beleza indescritível. A oração que o pobre monge dirige à Mãe de Jesus, comove os espectadores pela sua veemência e características medievais. Então sucede o milagre que dá o nome à peça: Nossa Senhora



O quadro da última ceia, quando o Cristo faz a sua despedida aos seus apóstolos, antes de ser levado ao pretório pelo apóstolo traidor, na apresentação do teatro medieval dos "Theophiliens".



Cristo encontrou nas irmãs de Lázaro uma grande amizade, tanto nas horas felizes como, também, no transe doloroso de sua paixão. O quadro é bem significativo e de grande expressividade.

deixar o Paraíso onde está ao lado de Deus, aparece àquele pecador que, dantes, tanto lhe servia, consegue anular o perigoso pacto infernal e ilumina, novamente, o espírito conturbado de Theóphilo, para as glórias da Fé Cristã. E a apoteose final é um "Te Deum" em que vemos o contraste entre a alma de um homem agitado e sob os tentáculos do ódio, e o convertido, na mansidão da Fé, na beleza da Paz espiritual, a contemplar as delícias da Vida Eterna.

Os jovens que a França nos mandou, deixaram em todos nós a mais inesquecível das impressões, e sua Arte deve ser continuada aqui, sob os auspícios do Teatro do Estudante.



Tudo está consumado... Num quadro da Idade-Média — o epílogo da paixão: — Os estudantes da Universidade de Sorbonne — interpretando a cena do calvário num drama religioso do século XIII.

FILHO, MEU FILHO

Texto e [illegible] de GUIDO MARTINA

PERSONAGENS:

JEAN	RENATO SCANZINI
MARIO	FRANCO FABRIZZI
ZAIRA	LUIZA ALLIANI
SOLANGE	LICIA NAPPO
DUPUIS	MAXIMO ALTAVILLA
JOANA	NIETTA ZOCCHI

CAPITULO 12 — (resumo da parte ja publicada)

MAS uma ai mãe desiludida os esperava na tenda do [illegible] vez. A medalhinha fôra vendida como objeto de facil identificação e de fino lavor. Mário ficou desolado e mais triste ainda. No circo, Jean se diverte com os netos de Joana Carlos e Manuel. Porém Mário não está contente. Acha que a sua presença ali, com aquêle menino, é um pêso para os bons ciganos. Resolve auxiliar nos espetáculos tocando sua sanfona. Enquanto isso, a mãe de Jean, delira inconsolável num campo de concentração, amargurando a cruel separação de seu filho e do seu marido [illegible]

NO CIRCO É HORA DE ESPETÁCULO...

—o—



HÁ VÁRIOS QUILÔMETROS FICA UMA CIDADE QUE ANTES DA GUERRA ERA UM CENTRO MUITO MOVIMENTADO E AGORA ABRIGA MUITAS FAMÍLIAS DE FLAGELADOS.

—o—









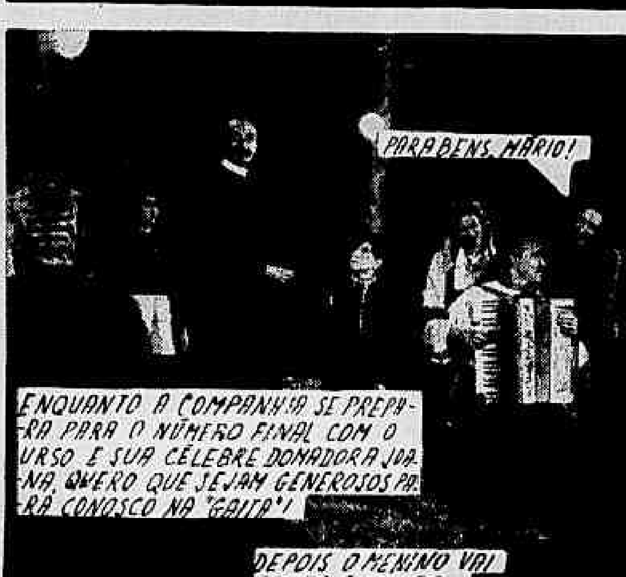
























ZAIRA ACOMPANHA MÁRIO À ENTRADA DO CIRCO, AÍ OS RECEBEM O SR. ESTEVÃO MORALES E SUA ESPOSA, D. MARIA CRUZ, A MESMA QUE DERA AO GARÔTO OS 20 PÊSOS.

—o—



OBTIDA A CONFIRMAÇÃO DE QUE O GARÔTO ERA ÓRFÃO SÓ NO MUNDO, PROSEGUE D. MARIA CRUZ, COMOVIDA: "LOGO QUE O VI SENTI UM PESAR NO CORAÇÃO..."

—o—



NO FIM DO ESPETÁCULO QUANDO O PÚBLICO SE RETIROU...

—o—









NO DIA SEGUINTE, JEAN ENTROU NAQUELA CASA QUE PARA ÊLE ERA UMA MARAVILHOSA CASA DE FADA.

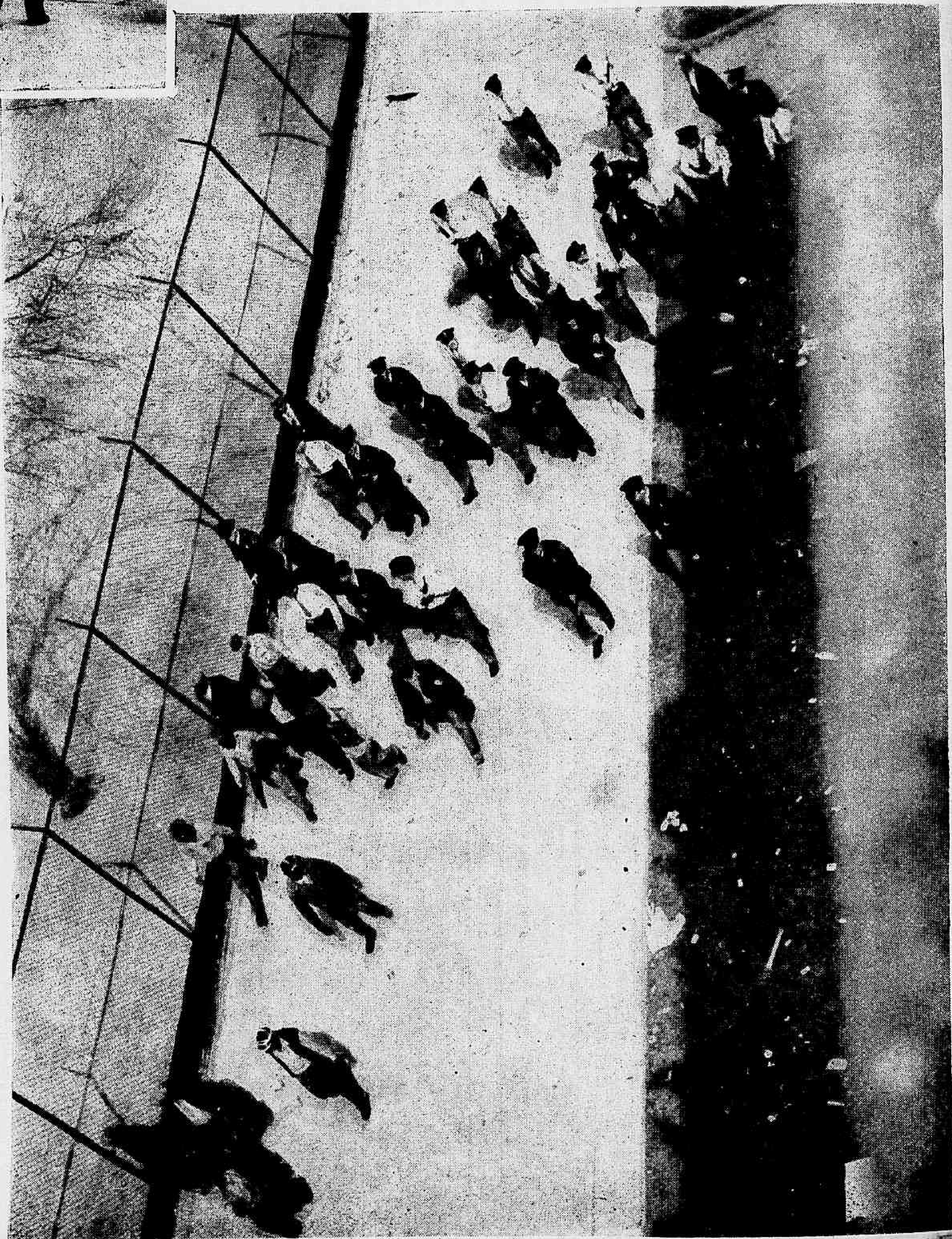
—o—

A IDÉIA DE LIBERDADE CONTRA A LEI

OS PRESOS QUEBRAM AS GRADES



Policiais do Estado de Michigan cercam uma ala da Penitenciária de Jackson, onde os rebeldes têm como reféns onze guardas. Dois mil e seiscentos presos se levantaram. A polícia fêz fogo — resultando um morto e sete feridos.



Dado o alarma, a polícia de Michigan atacou os revoltosos da Penitenciária de Jackson e os forçou a render-se. Muitos dos presos se mantiveram irredutíveis dentro e fora do edifício, enquanto outros se entregavam.

**Esta foto se refer
ergueram numa
fúria que se po**

NÃO são m
e sentencia
gramas e report
levantaram em
sentinelas, em p
sempre é um só
se diferencia mu
lizadas, ou mer
tornaram vulgar



**Soldados das
vados e os f
fazem com as**

DES



Esta foto se refere à revolta dos presos da Penitenciária de Ontário, no Canadá, a seis de julho próximo passado. Novecentos e cinqüenta prisioneiros se ergueram numa onda de revolta contra a prisão, destruíram grande parte do edifício, a começar pela cozinha, atacando os blocos de suas celas, numa fúria que se pode classificar de louca. As fôrças policiais intervieram prontamente e êles ficaram encurralados no lamaçal produzido pelas mangueiras.

NÃO são muito raras, em países estrangeiros, as rebeliões de presos e sentenciados. De quando em quando sabemos, por meio de tele- gramas e reportagens, que, em determinada penitenciária os condenados se levantaram em tumulto, subjugaram guardas e enfrentaram as balas das sentinelas, em pleno dia, ou durante a calma da noite. O motivo, quase sempre é um só: maus tratos. Pelo que parece, o sistema penitenciário não se diferencia muito de nação a nação, mesmo em se tratando de mais civi- lizadas, ou menos adiantadas. Nos Estados Unidos êsses levantes já se tornaram vulgares, e o cinema os tem aproveitado para diversas películas de grande efeito e encenação. No Brasil, o motim de maior vulto, com repercussão até no estrangeiro, foi aquêle da Ilha dos Porcos, atualmente conhecida como Ilha Anchieta, onde se encontra o presídio dêsse último nome, uma homenagem ao grande apóstolo dos gentios do nosso país. Nestas páginas apresentamos aos nossos leitores o que foram duas das mais recentes rebeliões de presos em penitenciárias dos Estados Unidos e do Canadá, através das quais podemos ver a idéia da Liberdade contra a imposição da Lei tem uma fôrça de coesão merecedora e estudos por parte de nossos penalogistas.



Soldados das fôrças de Michigan entram nos corredores dos presos subie- vados e os forçam a reentrar em seus cubículos, como os domadores fazem com as feras insubmissas. E' de se notar a atenção dos guardas.



Os amotinados — depois de depredarem a Penitenciária — são detidos pelos reforços que vêm de outros Estados vizinhos a Michigan, na revolta da prisão de Jackson, que rebentou no dia 21 de Abril próximo passado.

COMO APRENDER A DANÇAR



4ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRÁTICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas Livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

A MULHER SABE ESCOLHER

Na escolha da fazenda para o seu vestido, na escolha do seu sapato, de sua meia, de seu chapéu, dos produtos destinados à sua maquilagem, enfim, na escolha de todos êsses mil e um objetos que formam o cabedal de uma mulher elegante e moderna, ela põe tôda a sua atenção, todo o seu cuidado e medita às vêzes por vários dias. Pois muito maior cuidado, muito maior desvêlo, muito mais atenção deve merecer a escolha do remédio para os seus males intimos, porque aqui se trata de sua saúde, sem a qual a sua boa aparência e a sua beleza não subsistirão, por mais belos que sejam os seus vestidos, por mais vistosos que sejam todos os seus objetos de adôrno e por mais eficazes que sejam os seus cremes, batons, rouges, etc. Os males femininos são de duas naturezas diferentes: os que se manifestam pela abundância de regras e hemorragias e os que se manifestam pela falta ou diminuição de regras. Por isso exigem dois remédios diferentes: Esta a razão pela qual o Regulador Xavier é fabricado em duas fórmulas diferentes: O Nº 1 e o Nº 2. O Regulador Xavier Nº 1 só se aplica nos casos de regras abundantes e hemorragias. E o Regulador Xavier Nº 2 só se aplica nos casos de falta ou diminuição de regras. Ao adquirir, pois, o remédio para os seus males, exija o Regulador Xavier — o Nº 1 ou o Nº 2 — conforme o seu caso e esteja certa de que faz uma escolha sábia e feliz. O Regulador Xavier combaterá com eficácia os seus males e os afastará de maneira difinitiva garantindo-lhes assim a perpetuação de sua saúde o que equivale a dizer a conservação de sua alegria, de seu bem estar, de sua mocidade, de sua beleza. Não se esqueça, pois escolha bem os seus vestidos, os seus sapatos, enfim todos os objetos destinados a realçarem a sua beleza, mas escolha o remédio capaz de garanti-la de perpetuá-la exigindo o REGULADOR XAVIER.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. **BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.**



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. **Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda.** — Queram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.



WEEK-END NA COZINHA

PARA PERDER PÊSO

SE você necessita de perder pêso, leitora, comece no próximo domingo o regime que passamos a dar, somando 1.000 calorias diárias, exceto no primeiro dia, em que os alimentos escolhidos só vão a 600 calorias. Mas consulte antes o seu médico, pois embora se trate de um regime perfeitamente equilibrado, há pessoas que devem levar em consideração fatôres sôbre os quais só o médico tem a última palavra.

DOMINGO

Pela manhã

1 laranja
1 ôvo duro
1 torrada de pão completo
Café ou chá com limão

Almôço

1 fatia de carne magra
1 xícara de rodelas de pepino ao vinagre
1 torrada de pão completo
1/2 xícara de coquetel de frutas
1 copo de leite desnatado
Café ou chá com limão

Jantar

1 xícara de caldo magro de carne
2 fatias de carne branca ou galinha
1 xícara de couve-flor, espinafre ou repôlho
1 torrada de pão completo
1/2 xícara de pêssegos, ameixas ou morangos (crus ou em conserva)
Café

Na hora de dormir: 1 copo de leite desnatado

SEGUNDA-FEIRA

Pela manhã

1 laranja
1 ôvo quente
1 torrada de pão completo
Café pingado de leite

Almôço

1 fatia de "roast-beef"
1 xícara de salada de aipo, cenouras e alface com limão
1 fatia de pão completo
1 copo de leite desnatado ou 1 xícara de coalhada magra
1 pêssego
Café ou chá com limão

Jantar

1 xícara de sopa de legumes
1 costeleta
1 xícara de salada de pepinos com tomates
1/2 xícara de vagens ou cogumelos com 1 colher-de-chá de manteiga
1 torrada de pão completo
1 fatia de melão ou ½ xícara de amoras
Café

Na hora de dormir: 1 copo de leite desnatado com 1 torrada

TÊRÇA-FEIRA

Pela manhã

1 fatia de melão, ou 1 pêra, ou ½ xícara de caldo de maçã com canela
1 ôvo cozido
1 fatia de pão torrado levemente amanteigada
Café pingado de leite

Almôço

1 hamburger bem passado
1 xícara de verdura cozida com sumo de limão
1 tomate
1 fatia de pão completo com pouca manteiga
1 pêssego ou 1 laranja
Café ou chá com limão

Jantar

1 copo de suco de tomate
1 fatia de carne de fígado
1 xícara de repôlho
1 xícara de salada mista
1 fatia de pão torrado
1 xícara de morangos ou amoras
Café

Na hora de dormir: 1 copo de leite com 1 torrada

QUARTA-FEIRA

Pela manhã

1/2 grape-fruit
1 ôvo "poché"
1 fatia de pão completo
Café pingado de leite

Almôço

1 fatia de língua cozida
1/2 xícara de brócolos ou espinafre
1 xícara de salada de pepinos e alface com limão ou vinagre
1 torrada de pão completo com pouca manteiga
Café ou chá com limão

Jantar

1 xícara de caldo de galinha com 1 colher de salsa e cebolinha
Rabanetes, talos de aipo e galhos de agrião (4 de cada)
Cozido de cabrito com cenouras e cebolas
1 torrada de pão completo
1/2 xícara de morangos
Café

Na hora de dormir: 1 copo de leite com 1 torrada

QUINTA-FEIRA

Pela manhã

1 pêssego
1 ôvo cozido
1 fatia de pão completo com pouca manteiga
Café pingado de leite

Almôço

1 fatia de carne branca
1 xícara de salada com limão
1 torrada com pouca manteiga
1 laranja ou tangerina, ou ½ grape-fruit
1 copo de leite desnatado
Café ou chá com limão

Jantar

1 xícara de coquetel de legumes (caldo)
1 costeleta grelhada
1/2 xícara de pimentões cozidos
1 xícara de salada de tomates e pepinos
1 torrada com pouca manteiga
3/4 de xícara de gelatina de café (feita com sacarina)
Café

Na hora de dormir: 1 copo de leite com 1 torrada

SEXTA-FEIRA

Pela manhã

1/2 xícara de morangos, ou amoras
3/4 de xícara de trigo ou arroz cozido com 1/4 de xícara de leite completo
1 torrada com pouca manteiga
Café

(Cont. na pág. 51)

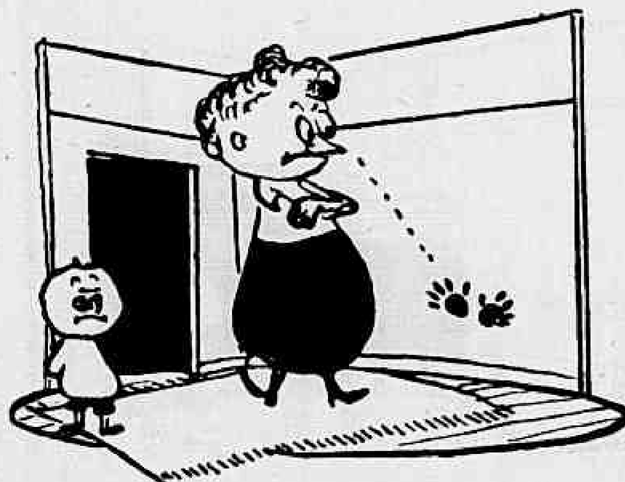
ESTE MUNDO E O OUTRO

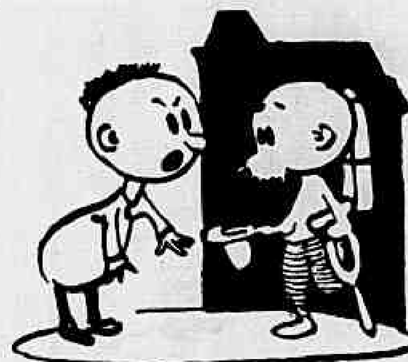
ADÁGIOS

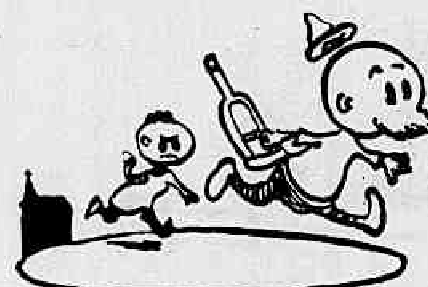
Criação de DARCY



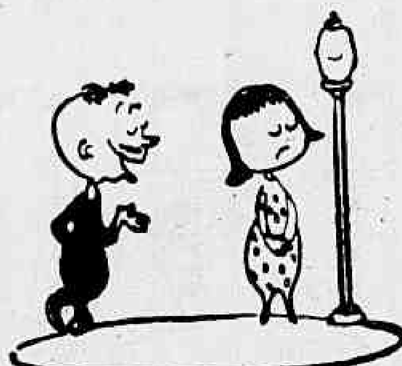


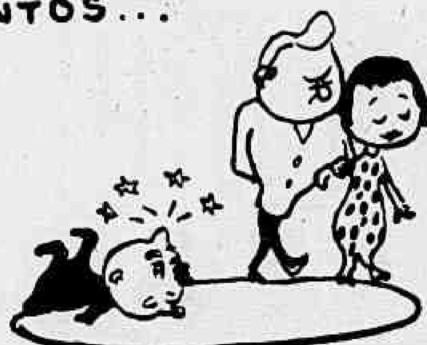




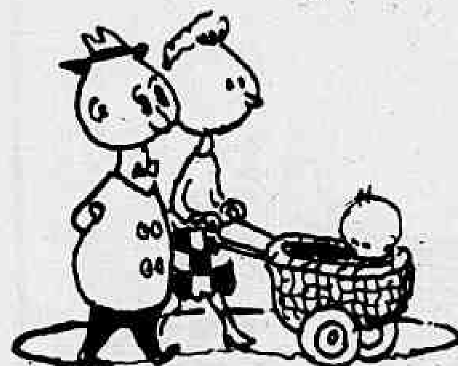














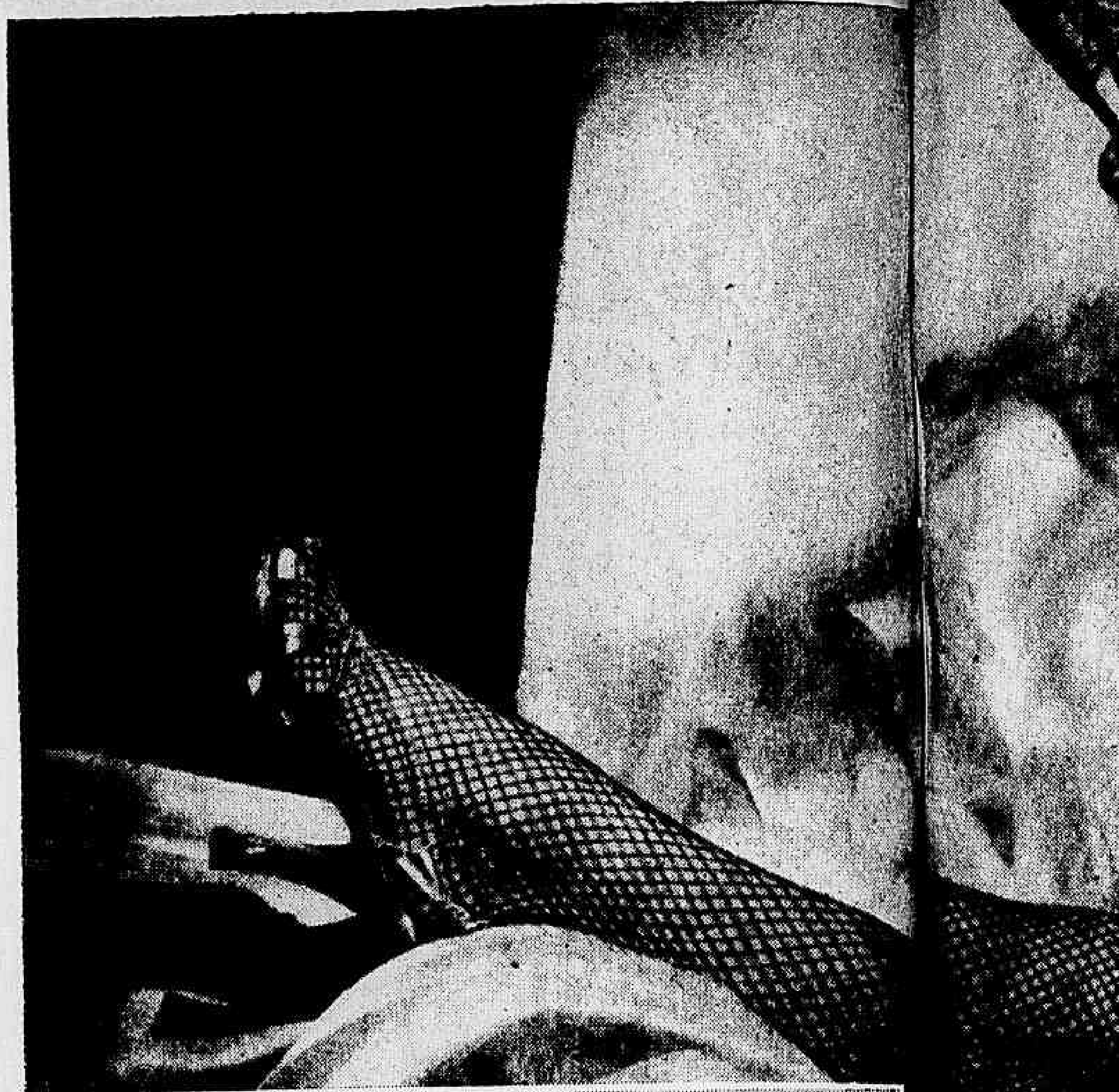






A batalha dos bustos

O DESAFIO das ESTRÊLAS





Dizem qu
essas ar
latório K

C OMO
meg
Augusto
célebre
O fato
e Hollyw
Corinn
que log
foi na
sucessos
Zsa Z
mosas,
de "ma
qual m
de ass
divorcio
esqueci
contrata
Pois
o mund
Corin
desafio:
"soutien
Virgem
lhores
Mas
excess
Paris,
sombra
célebre
Sua
mas in
Disse
contra
— P
que ti

Corinn
Corinn
fuman
era d
quem
já se



Dizem que Zsa Zsa Gabor usou de armas secretas para vencer tão ràpidamente, em um ano só. E uma revista francesa, sem usar de espionagem, revela essas armas: — "Soutien" e calcinhas de renda negra, luvas compridas, cujo "sex-appeal" é grandemente apreciado pelos homens — diz o célebre "Relatório Kinsley" sôbre a sexualidade. Aqui porém, como se pode observar, a arma empregada pela estrêla é o leque, que em inglês, por sinal, é "fan"...

COMO começou o duelo Corinne Calvet — Zsa Zsa Gabor? Por que começou? Não indaguemos das causas primárias, como mandava mestre Augusto Conte. Porque se o fizermos, talvez iremos parar na inversão do célebre refrão: **cherchez l'homme...**

O fato é que o tempo esquentou entre as duas européias que o cinema e Hollywood celebrizaram.

Corinne Calvet apareceu no cinema francês e seu sucesso foi tão grande que logo Hollywood a disputou e a trouxe, a pêso de ouro. "O marujo foi na onda" e ùltimamente "O Expresso de Pekin", da Paramount, são sucessos da loura e perturbadora estrêla.

Zsa Zsa Gabor, uma das três formosas irmãs Gabor, as húngaras famosas, que uma genialíssima mãezinha trouxe para a América, com perícia de "manager", colocando (que nos perdoem o prosaísmo do têrmo) cada qual melhor, casando-as espetacularmente com arquimilionários e tomando de assalto os maiores baluartes da publicidade, Zsa Zsa Gabor, que se divorciou de George Sanders, acusando-o do inominável crime de deixá-la esquecida em casa, acaba de entrar sensacionalmente para o Cinema, contratada pela Metro Goldwyn.

Pois as duas celebridades européias se desavieram e o telégrafo encheu o mundo com o bate-bôca das duas.

Corinne Calvet, depois de dizer poucas e boas da colega, lançou-lhe um desafio: — que essa gabada Gabor se mostre tal qual é, sem vestido, nem "soutien" e sustento eu que o meu busto é mais lindo do que o dela! Virgem Nossa Senhora, Dona Jane Russel (que tem a fama de ter os melhores do mundo) que nos acuda.

Mas Zsa Gabor, que está na Europa — e ali chegou com 150 quilos de excesso de bagagem e 50 vestidos (mãe do céu, levou tanto vestido para Paris, com quantos sairá?), e dando assunto para jornais e revistas, assombrados todos com a sedução dessa mulher linda, jovem, riquíssima e célebre, que até de "filósofa" foi chamada, não teve papas na língua:

Sua resposta: — Corinne Calvet, **messieurs**, não é francesa, como se diz, mas inglêsa e do West End (assim como quem diz, uma suburbana) sabem?

Disseram-lhe: — Miss Gabor, ela iniciou uma ação de perdas e danos contra a senhora no valor de um milhão de dólares!

— Pois, ouçam, é mais fácil arranjar isso com um casamento bom do que tirando de uma atriz, mesmo como eu!



Corinne Calvet, com sua piteira à la Marlene e Gloria Swanson (cuidado dona Corinne, olha que as duas das piteiras são vovós...), numa atitude de quem fumando espera... a resposta ao seu desafio. Disse uma cronista que ela era despeitada. Eu, hein? — parece perguntar. E o seu ar tranqüilo é de quem sabe as cartas com que joga. E para quem duvidar Corinne Calvet já se apresenta aqui de "maillot" e mostrando, apenas, parte de seu jôgo...

A SAÚDE DO BEBÊ

SINAIS DAS CARDIOPATIAS NA CRIANÇA

DR. SABOIA RIBEIRO

O reconhecimento de uma doença afetando o órgão central na criança é fácil em duas circunstâncias: nos quatro primeiros anos, e nas crianças já crescidas, diante de prova que ponha de manifesto uma insuficiência daquele órgão, ou seja o coração. Nos quatro primeiros anos, há sempre a certeza diagnóstica, salvo uma ou outra excepção, de uma afecção daquela natureza, quando da existência de sôpro, na escuta daquele órgão, significando, então, quase sempre, uma lesão cardíaca, e congênita.

A prova da insuficiência cardíaca, nas crianças mais crescidas, pode ser levada a efeito mediante um exercício moderado a que se submete a criança, após o qual aparecem dispnéa e cianose.

Pode ser, por exemplo, subir uma escada, abaixar-se e levantar-se 10 a 20 vêzes, etc. Um coração normal numa criança crescida, após tais exercícios, volta a seu funcionamento normal, decorridos 3 minutos, o que se vê pelo pulso. Êste reage cheio, e volta a bater 70 a 100 pulsações ao minuto, como antes do exercício.

Ao contrário, se o pulso se torna pequeno e mal percebido, e se perdura longo tempo acelerado, a debilidade cardíaca estará presente. Mais positiva é a conclusão a tirar quando se constata a dispnéa e a cianose, como efeito do exercício: certa falta de ar, lábios roxos. De fato, nas crianças nervosas, as variações do pulso nem sempre são fáceis de interpretar. A medida da pressão sanguínea pode fornecer um elemento precioso no diagnóstico da insuficiência cardíaca nessas crianças, quando se verifica que existe uma diferença da pressão de 10 a 20 mm. Hg. para menos, passando a criança da posição do decúbito para a posição ereta. Em que circunstâncias há desconfiar de uma afecção cardíaca na criança?

No menino de tenra idade, o que pode, de logo, fazer desconfiar dela é a côr azulada das unhas de mãos e pés, um circulo arroxeado em redor da bôca. "Quando o teu filhinho (são palavras de um mestre) apresentar a sua respiração normalmente acelerada e penosa após algum esfôrço, ou chôro, ou o ato de mamar por exemplo, deves suspeitar da existência de alguma fraqueza do coração e levá-lo imediatamente ao teu médico. A insuficiência é, às vêzes, tão ligeira que sòmente observações ulteriores poderão permitir a verificação de sua existência".

● A fadiga fácil, a diminuição do apetite, mau dormir, palidez ou cianose, são outros sinais que podem denunciar uma afecção cardíaca do menino. E' pela descoberta dos chamados sopros, durante o exame da criança, que muitas vêzes o médico se põe na pista de uma afecção cardíaca, até então desconhecida, na criança. A primeira coisa a fazer nessas circunstâncias é identificar o caráter do sôpro, que tanto pode ser devido a uma lesão, como simplesmente funcional. São de natureza lesional os audíveis à direita do esterno. Dentre os meramente funcionais destacam-se os anêmicos, melhor audíveis no 2º espaço intercostal esquerdo, mas também em tôda a área cardíaca, e se acompanham do chamado ruído do corrupio audível sôbre as veias jugulares, maxime à direita. Umas vêzes desaparecem passando a criança da posição do decúbito para a posição de pé, e vice-versa.

● Os sopros no primeiro tempo da revolução cardíaca, acompanhados de refôrço da segunda bulha pulmonar, são sempre de uma importância capital; se audíveis em tôda a área cardíaca e excluida a natureza anêmica, há sempre desconfiar de uma lesão congênita do coração, assim a *permeabilidade* do septo ventricular ou a *permanência do buraco de Botal*. Mas, não menos indicativa de uma afecção séria do coração, aliás, sem a existência de sôpro, é a que resulta da persistência do canal artério-venoso, e produzindo a doença azul, passivel de tratamento cirúrgico como única condição de cura. Torna-se ainda oportuna uma palavra, para dizer que mesmo na ausência de sopros podem-se deparar na criança cardiopatias das mais sérias: é o que justamente acontece nas lesões extensas do septo, em certos casos.

O ROUXINOL E A ROSA

(Cont. na pág. 27)

— Dá-me uma rosa vermelha — rogou — e eu te cantarei minha mais bela canção.

Mas a Roseira abanou a cabeça.

— Minhas rosas são vermelhas — respondeu — tão vermelhas como as patas das pombas, mais vermelhas que os leques de coral que se agitam incessantemente nas cavernas dos oceanos. Mas o inverno gelou minhas veias e o frio destruiu meus brotos e a tempestade quebrou meus galhos e eu não darei rosas êste ano.

— Mas eu quero uma rosa vermelha — exclamou o Rouxinol — apenas uma rosa vermelha! Não há nenhum meio de a obter?

— Há, realmente, um meio, — respondeu a Roseira — mas tão terrivel que não ouso te dizer qual.

— Diz — pediu o Rouxinol — não tenho mêdo.

— Se queres uma rosa vermelha — disse a Roseira — será preciso que a cries com música, ao luar, e que a tinjas com o sangue de teu próprio coração. E' preciso que cantes para mim com teu coração espetado num de meus espinhos. Por tôda a noite será preciso que cantes para mim e que o espinho vá entrando em teu coração e o sangue de tua vida deve correr em minhas veias e ser meu sangue.

— A morte é um alto preço a pagar por uma rosa vermelha — disse o Rouxinol — e a vida nos é muito cara a todos nós. E' agradável ficar no bosque verde vendo o Sol em seu carro de ouro e a Lua em sua gôndola de pérolas. Doce é o perfume das rosas silvestres e lindas são as campânulas que se escondem no vale e os arbustos que florescem na colina. Mas o Amor vale mais que a vida e que é o coração de um pássaro comparado ao coração de um homem?

E êle abriu suas asas pardas e alçou vôo.

Percorreu o jardim como uma sombra, e como uma sombra passou sôbre o bosque.

O jovem Estudante continuava deitado no relvado, onde êle o havia deixado, e tinha ainda lágrimas em seus belos olhos.

— Sê feliz — exclamou o Rouxinol — sê feliz; terás tua rosa vermelha. Eu a criarei com música, ao luar, e a tingirei com o sangue de meu próprio coração. Tudo que te peço em troca é que sejas um verdadeiro amoroso; o Amor é mais sábio que a Filosofia, se bem que ela seja sábia, e mais poderoso que o Poder, que no entanto é poderoso. Suas asas são côr de chama, côr de chama é seu corpo. Seus lábios são doces como mel e seu hálito é como incenso.

O Estudante ergueu os olhos e ouviu, mas não podia compreender o que lhe dizia o Rouxinol, pois só compreendia as coisas que estão escritas nos livros. Mas o Carvalho Verde compreendeu e ficou triste, pois amava ternamente o pequeno Rouxinol que tinha ninho em sua rama.

— Canta-me uma última canção — suplicou — ficarei muito só quando partires.

E o Rouxinol cantou para o Carvalho Verde e sua voz era como a água que corre, murmurando, de um jarro de prata.

Quando terminou sua canção, o Estudante se ergueu e tirou do bôlso um caderno e um lápis.

— Êle é dono de boa técnica — ia anotando ao atravessar o bosque — não se pode negar. Mas terá sentimento? Receio que não. Na verdade, êle é como a maioria dos artistas: todo estilo e sem sinceridade. Nunca se sacrificaria por outrem. Só pensa na música, e todos sabem que as artes são egoístas. Entretanto, é necessário admitir que sua voz tem algumas belas notas. Que pena que não signifiquem nada e que não sirvam para qualquer coisa!

E entrou em seu quarto, estendeu-se sôbre seu leito, ficou sonhando com seu amor; e depois de algum tempo adormeceu.

Quando a Lua brilhou no céu, o Rouxinol voou para a Roseira e encostou o peito num espinho. Cantou a noite tôda, com o peito contra o espinho, e a fria Lua de cristal curvou-se para o ouvir. Cantou a noite tôda, e o espinho foi penetrando mais e mais em seu peito e o sangue de sua vida fugiu de seu corpo.

Cantou primeiro o nascimento do amor no coração de um rapaz e de uma moça. E no galho mais alto da Roseira floriu uma rosa maravilhosa, pétala após pétala, como canção após canção. A princípio era pálida, pálida como as brumas suspensas sôbre o rio, pálida como os pés da manhã e prateada como as asas da madrugada. Como a sombra de uma rosa num espelho de prata, como a sombra de uma rosa num lago, assim era a Rosa que floriu no mais alto galho da Roseira.

Mas a Roseira gritou para o Rouxinol que fizesse mais fôrça contra o espinho.

— Chega-te mais fortemente, pequeno Rouxinol — gritou a Roseira — senão vem o dia antes que a Rosa esteja feita.

E o Rouxinol fêz mais fôrça contra o espinho, e seu canto se elevou mais e mais, pois êle cantava o nascimento da Paixão no coração de um homem e no de uma mulher.

E um rubor delicado apareceu nas pétalas da rosa, como o rubor no rosto do espôso quando beija os lábios da desposada. Mas o espinho ainda não atingira seu coração, de modo que o coração da rosa permanecia branco, pois só o sangue de um coração de Rouxinol pode tornar rubro o coração de uma rosa.

E a Roseira gritou para que o Rouxinol fizesse mais fôrça contra o espinho.

— Chega-te mais fortemente, pequeno Rouxinol — gritou a Roseira — senão o dia vem sem que a Rosa esteja feita.

E o Rouxinol fêz mais fôrça contra o espinho e o espinho tocou seu coração e uma dor cruel o traspassou. Quanto mais cruel era a dor mais feroz se tornava o seu canto, pois cantava o Amor que atinge a perfeição na Morte, o Amor que não morre no túmulo.

E a Rosa maravilhosa se tornou côr de púrpura como a Rosa do Oriente. Púrpura era a coroa de pétalas, e purpúreo como um rubi era o seu coração.

Mas a voz do Rouxinol foi enfraquecendo mais e mais e suas pequenas asas se puseram a bater e uma nuvem desceu sôbre seus olhos. Seu canto foi enfraquecendo mais e mais e êle se sentiu sem ar.

Mas seu canto se ergueu uma última vez. A Lua o ouviu, esqueceu a madrugada e se demorou no céu. A Rosa Vermelha o ouviu, tremeu tôda de êxtase e abriu suas pétalas à brisa fresca da manhã. O Eco levou o canto até sua caverna violeta, na colina, e despertou de seus sonhos os pastôres adormecidos.

— Olha, olha! — exclamou a Roseira — A Rosa está acabada, agora.

Mas o Rouxinol não respondeu, pois jazia morto na relva alta, com o espinho em seu coração.

E ao meio-dia o Estudante abriu a janela e olhou para fora.

— Que acaso miraculoso! — exclamou — eis uma Rosa Vermelha! Nunca em minha vida vi uma rosa assim. E' tão bela que deve ter, estou certo, um nome latino muito comprido.

E êle se inclinou e a colheu.

Depois botou o chapéu e correu para a casa do Professor, com a rosa na mão. A filha do Professor estava sentada no chão, com seu cãozinho aos pés.

— Prometeste dançar comigo se eu te trouxesse uma rosa vermelha — exclamou o Estudante — Eis aqui a Rosa mais vermelha do mundo. Tu a usarás

Respostas ao teste

1—Estado do Rio
2—Numa ilha
3—Uruguaiana
4—49
5—Sete
6—São Paulo
7—Santa Catarina
8—Pedro Ernesto
9—Glóbulos brancos do sangue
10—Tchaikokwsky
11—No Velho Testamento
12—No maranhão
13—S. Vicente
14—Santa Catarina
15—Revista da Semana



contra o teu coração, e enquanto dançarmos ela te dirá quanto te amo.

Ma sa moça tornou-se grave.

— Acho que ela não combina com meu vestido; — respondeu — e depois, o sobrinho do Ministro me mandou um aderêço verdadeiro, e qualquer um sabe que as jóias custam muito mais caro que as flores.

— Pois bem! Eu te juro que és uma ingrata — disse enraivecido o Estudante; e jogou a rosa na rua, onde caiu numa poça e foi esmagada por um carro.

— Ingrata! — disse a moça — Eu é que te afirmo que és muito pouco amável; afinal, quem és? Apenas um estudante. Palavra, nem acredito que tenhas fivelas de prata para teus sapatos, como o sobrinho do Ministro.

E ela lhe deu as costas.

— Que coisa absurda é o Amor — disse o Estudante, afastando-se. — Não é nem a metade útil como a Lógica, pois não prova nada, promete sempre coisas que nunca acontecem e força a acreditar em coisas que não são verdadeiras. Na realidade, não tem nada de prático, e como atualmente ser prático é o essencial, voltarei à Filosofia e estudarei Metafísica.

Retornou ao seu quarto, tirou um grande livro empoeirado da estante e começou a ler.

EVA PERÓN SERÁ . . .

(Cont. da pág. 6)

clamação dirigida ao povo, na qual enalteceu o papel de Eva Perón, no govêrno, salientando sua obra como a maior do mundo, no que diz respeito à ajuda social.

Terminada a leitura, marcavam os relógios, 20,25h. Fazia, sem tirar ou pôr um minuto, exatamente 30 dias que a primeira dama argentina falecera. Um clarim soou, melancólico e, em todo o território argentino, oficialmente, o povo fêz cinco minutos de silêncio. Os relógios públicos foram desligados, os ônibus, bondes, trens, autos e subterrâneos pararam. Impressionante silêncio debruçou-se sôbre Buenos Aires e, durante êsses cinco minutos, percebia-se apenas o respirar das pessoas mais próximas e um ou outro lamúrio de uma mulher mais emocionada.

A maior cidade da América do Sul parecia dormir. Não havia um bar, um restaurante, uma charutaria, sequer aberta Na penumbra da cidade, paira va apenas desolação. Passados os 5 minutos de silêncio, Espejo deu ordem ao povo, pelo altifalante, para acender as tochas, que, anteriormente, haviam sido distribuídas e a cidade se transformou num imenso mar de velas caminhantes, que percorreu inúmeras ruas, extinguindo-se nas portas da CGT, onde permanecerá o corpo de Eva Perón, até o dia em que terminarem seu mausoléu, quando, então, realizar-se-á seu último funeral.

Nessa noite, ninguém comeu na rua, ninguém foi ao cinema ou às "boites". A ordem da CGT foi clara. Todos os estabelecimentos do país, quer comerciais, quer industriais, deveriam cerrar suas portas às 17 horas da tarde, podendo, se quisessem, reabrir à meia noite, o que aliás, não sucedeu, porquanto poucos foram os donos de restaurantes ou "boites", que se animaram a descerrar seus estabelecimentos. Os turistas, apanhados de surprêsa, dormiram com fome e os mais conhecedores da cidade comeram sanduíches, depois das 2 da manhã, nos cafes da zona portuária. Ninguém poderia, portanto, esquecer Eva Perón, é claro.

Assim mantém Perón, acesa a chama da lembrança de Evita. Todo o dia, de hora em hora, de homenagem em homenagem, a despeito dos protestos estudantis, das blagues da oposição e da indiferença dos conformados.

Hoje, Eva Perón está quase santificada. As mulheres peronistas trabalham para isso. As opiniões, se bem que à bôca pequena, divergem, mesmo entre alguns membros categorizados do partido. No entanto, verdade é que Perón, pelo menos dentro de suas fronteiras, já venceu a batalha. Sua propaganda, esplêndidamente dirigida, cala fundo no povo. À frente da nação e da Ajuda Social — fundada e dirigida por Eva, até as vésperas de sua morte — êle cresceu ante os olhos dos seus "obreros descamisados", pois conseguiu fundir sua personalidade à lembrança da linda Evita, tornando-se mais forte e poderoso. Agora, vale esperar.

WEEK-END NA . . .

(Cont. da pág. 46)

Almôço

- 1 omelete de 2 ovos
- 1 xícara de repôlho, couve, couve-flor ou brócolos
- 1 xícara de pepinos em rodelas
- 1 torrada de pão completo
- 1 fatia de melão ou 1 laranja
- 1 copo de leite desnatado
- Café ou chá com limão

Jantar

- 1 xícara de consomé com 1 colher de salsa
- 1 fatia de peixe
- 1 tomate (grelhado)
- 1 alcachofra ou 1 xícara de salada de chicórea com agrião
- 1/2 xícara de maçã ralada com noz moscada ou gôtas de limão
- Café

Na hora de dormir: 1 copo de leite com 1 torrada

SÁBADO

Pela manhã

- 1 laranja
- 1 ôvo quente
- 1 torrada de pão completo
- Café pingado de leite

Almôço

- 3 colheres-de-sopa de queijo branco amassado com temperos verdes
- 1 xícara de salada de maçã, aipo e alface
- 1 torrada de pão completo com manteiga
- 3/4 de xícara de gelatina de limão
- 3/3 de xícara de gelatina de limão (feita com sacarina)
- Café ou chá com limão

Jantar

- 1 xícara de caldo magro
- 1 xícara de tomates cozidos no bafo com tempêro verde
- 1 xícara de salada de brócolos (só a flor) com agrião e alface

HEMORRÓIDAS
E VARIZES
TRATAMENTO SEM OPERAÇÃO
HEMO-VIRTUS
VARIZES: FRICCIONE A POMADA NAS VARIZES E TOME O LÍQUIDO.
HEMORRÓIDAS: TOME O LÍQUIDO E APLIQUE A POMADA NO LOCAL
USAR DURANTE TRÊS MESES.

À LUZ DA PSICANÁLISE

A ENFERMEIRA

DR. LUIZ FRAGA

TERESA de Lima concluiu há três anos um curso de enfermeira numa capital do norte. Veio para o Rio com sua família e, tendo lido o nosso trabalho sob a mestra, publicado nesta coluna, procurou-nos em busca de conselhos, pois estava, como Ione, desejosa de esquecer a sua missão.

TERESA — O doutor concitou a sta. Ione a continuar no magistério. Tenho quase um complexo quando escuto falar em minha profissão: sou enfermeira. Todos me dizem que a enfermeira, no Brasil, é uma profissão inferior. — Todos quantos desconhecem o valor inigualável duma enfermeira. Nenhuma profissão feminina é tão espinhosa, nenhuma tão cheia de sublimes renúncias como a da enfermeira. Heroínas anônimas, vivem elas tôda uma gama de inauditos trabalhos, desde o mostrar o recém-nascido à luz do dia, até o fechar dos olhos dos moribundos; desde o riso de alegria com que recebem a melhora do doente a seus cuidados, até à dorida palavra de consôlo aos aflitos, aos desventurados no leito de dor.

Diante do enfêrmo estranho, ela se torna, de súbito, por milagre de sua profissão, a mãe que acalenta, a irmã que serve, a espôsa que se dedica, a filha que acaricia, a amiga que aconselha e até a austera senhora que impõe, enérgica, dolorosos métodos terapêuticos necessários. A enfermeira sabe, como ninguém, transformar-se, a um tempo, em tôdas essas mulheres, diante de qualquer enfêrmo a seus cuidados, despersonalizando-se, sublime, no supremo exercício de sua nobilíssima profissão.

No contacto permanente com a dor, redobra e retesa as fibras de resistência física, sem se tornar impedernida, antes, cada vez mais receptiva ao sofrimento alheio. Como médico, tenho visto fios d'água de bondade sulcando faces de velhas enfermeiras ao saírem do quarto de doentes, dando as costas ao leito dos enfermos a quem acabaram de levar palavras de contentamento, promissoras esperanças. São lágrimas de dor que estuam, exprimidas do coração, onde o dever do ofício acaba de recalcar o da compaixão, para dar, num penoso esfôrço, o derradeiro consôlo, a doce esperança, que ajuda a viver, e que, também ajuda a morrer. Ajudar a morrer tranqüilo, morrer sem o saber, morrer sem sentir a morte, morrer, enfim pela vida, morrer como quem vai viver... ajudar assim tão nobre e tão docemente, o último transe do ser humano sôbre a terra, eis a grande missão da enfermeira; eis o ideal, eis o sublime papel da enfermeira.

TERESA — E, que ganhamos com tudo isto?

— A gratidão. A satisfação íntima de haver servido. Só por milagre do coração feminino, por elevada formação da alma da mulher, pode ela avir-se com tôda essa tarefa ingente, pensando nas dificuldades financeiras que lhe vão em casa, no filho que passa privações, ou na mãe velhinha que não tem confôrto.

Prossiga nos seus estudos, certa de que o Brasil acorda para melhores dias; enfêrmo de velhas mazelas, nosso país recobra-se para uma vida radiosa, tendo à cabeceira, entre os grandes profissionais da sua recuperação ciclópica, a enfermeira brasileira, as queridas auxiliares dos hospitais, as que sabem ser filhas diletas, irmãs pacientes, espôsas zelosas, as mães amantissimas de todos os enfermos do Brasil que cai sob os seus cuidados. Quando o Brasil abrir os olhos de seu longo estado de enfermidade, há-de sorridente, deparar com vocês, à sua cabeceira e, eternamente agradecido, há de lhes dar o lugar de honra que vocês merecem, entre os seus filhos.

C U P Ã O

Nome ....

Pseudônimo ....

Data do nascimento ....

Estado civil .... Profissão ....

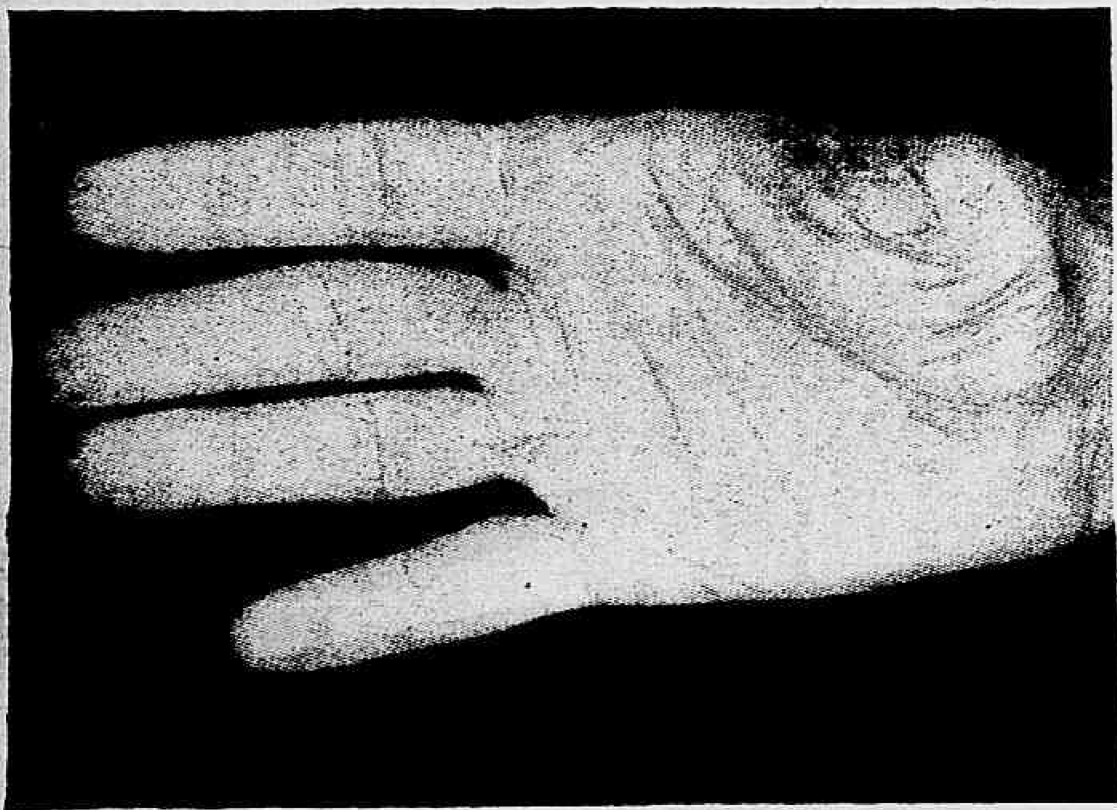
Residência ....



Usando o seu novo polegar o tenente Campisi faz fogo com sua Colt 45. Sem o polegar a arma, com o "coice", rolava-lhe da mão. Um dedo faz falta...

...E O INDICADOR PASSOU A POLEGAR

O DEDO NA VIDA DE UM HOMEM ★ MILAGRES DA CIÊNCIA MÉDICA



A mão quando estava sem o polegar, perdido na batalha da colina setecentos e setenta e três, em agôsto do ano passado, na guerra da Coréia.



A fotografia mostra-nos o polegar, que fôra um indicador da própria mão direita do mutilado de guerra, já exercendo as suas novas funções.

A cirurgia de guerra tem trazido à ciência ortopédica grande número de aperfeiçoamentos. Publicou a grande revista "Life", num de seus últimos números, interessante página ilustrada mostrando como um cirurgião norte-americano do Valley Forge Army Hospital, conseguiu transplantar o dedo indicador da mão do mutilado da guerra na Coréia, tenente Orlando Campisi para o lugar do polegar, que fôra amputado. A falta do polegar impedia que o tenente Campisi continuasse nas fôrças armadas de Tio Sam, uma vez que a falta dêsse dedo dificulta de forma radical o uso de uma arma portátil automática. Atirar com revolver ou pistola requer a presença do dedo polegar, sem o que a mão não pode fixar o coice da arma para a pontaria. Então os cirurgiões do hospital militar de Valley Forge resolveram retirar da mão direita do mutilado, o dedo indicador e recolocá-lo no lugar em que estava o polegar. A operação se processou com a maior técnica e perícia, sob a direção do dr. Peacock, ajudado por outros colegas. Primeiramente os médicos operadores removeram tudo o que dizia respeito à secção do osso entre a base do dedo indicador e o pulso. Em seguidas retiraram os tecidos das vizinhanças até ficarem apenas os tendões, vasos sanguíneos e nervos. Feito isto, transplantaram o dedo indicador e o colocaram na sua nova base, como o agricultor que leva a novo local, uma plantinha tenra para que ali se radique. Feito isto, coseram as incisões e duas semanas mais tarde o dedo que se chamava indicador, passou a exercer as funções de polegar. Dentro de mais alguns dias, pode voltar ao serviço ativo o ex-mutilado de guerra, tenente Orlando Campisi. Ficou apenas com quatro dedos, mas em condições de atirar com sua pistola automática com a precisão com que fazia anteriormente.

Mas sua mão restaurada não se limita exclusivamente à arte da guerra. O tenente está apto a fazer uma série de coisas que só o conseguia quando estava de posse de seu saudoso polegar levado pela metralha na frente coreana. Assim é que ele pode enfiar os cordões de seus sapatos, dar-lhes o competente lacinho; empunhar a pena ou o lápis e escrever como antes de ser mutilado; segurar um copo e levá-lo à boca sem nenhuma dificuldade; servir-se do garfo para alimentar-se como se fosse um homem de mão normal. E se fôr maçon, poderá reconhecer os seus irmãos com o toque da famosa Ordem que tanto usa o polegar.

O tenente Campisi está no Exército norte-americano desde 1942. Sua atuação sempre se caracterizou pela maior disciplina e dedicação às armas. Quando foi ferido na batalha em que perdeu o polegar da mão direita, recebeu a promoção ao pôsto de tenente. Mas o bravo militar não ocultava seu desgosto pela falta do dedo. Uma coisinha tão insignificante o impediu de fazer uma série de trabalhos profissionais e de utilizar-se de objetos até para sua alimentação.

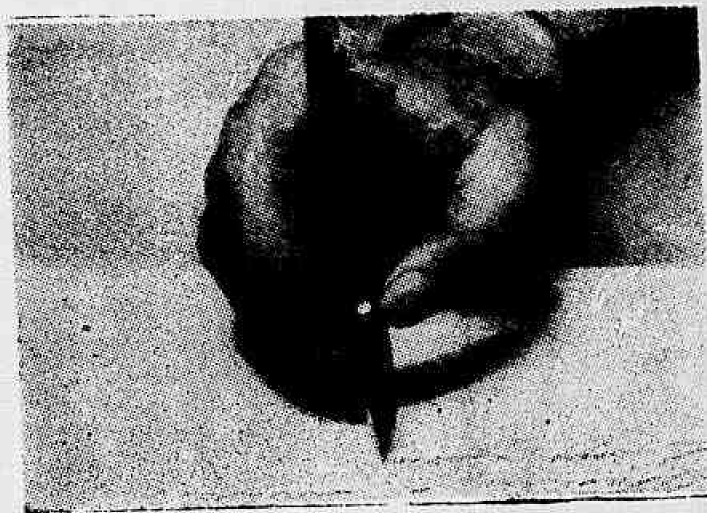
Se continuasse assim, o jeito seria reeducar a mão esquerda, tornando-se ambidextro; mas isso requeria um aprendizado lento, fatigante, desesperador. Foi quando lhe acenaram com uma esperança: retirar o indicador da mão defeituosa para o lugar exato em que estava o polegar perdido. Como fazer isso? E os vasos sanguíneos? E os nervos diretores do metacarpo? Não era possivel!

O tenente conversou com os cirurgiões do Hospital Militar de Valley Forge e teve que convencer-se de que êsse milagre seria possível sem nenhum perigo. Mas, e se o indicador teimasse em não aceitar o despejo que lhe impunham, fazendo greve no local em que estava o seu vizinho levado pela guerra? Se os tendões não funcionassem direito? Estaria, então, com a história da "emenda pior que o sonêto", e no seu caso, uma tentativa deplorável, pois perderia outro dedo importante. Mas tudo correu às mil maravilhas.

Seu indicador é agora um circunspecto polegar. E se precisar de mostrar direções, ninguém irá dizer que o caminho está errado, simplesmente porque o dedo indicante é um polegar. Nem com isso a distância vai diminuir...



O tenente, depois de operado e consolidada a intervenção cirúrgica, já pode enfiar o cordão do sapato e dar o respectivo lacinho.



E já escreve cartas com o auxílio indispensável do polegar, que se apresenta com as mais variadas funções em nossas mãos.



Sem o polegar o tenente Campisi era incapaz de agarrar e levantar um copo. Depois que lhe envertaram o polegar a coisa é outra.



Sua satisfação cresce ainda mais ao verificar que não está apto, apenas, a atirar com suas pistolas automáticas, mas, também, em poder saborear os seus pratos preferidos, como fazia antes de perder o dedo na Coréia.

FILIPETA E OS CREDORES



QUANDO A PRISÃO SE CONVERTE EM SEGURANÇA...

CORREIO DA REVISTA

Weber van Dick (Rio) — Está aprovado o seu conto "Memórias de uma calça".

Iglésias Fernandes (Piracicaba — S. Paulo) — Já está com os ilustradores o seu conto "A Mãe Solteira".

Clélia Assis (Quipapá, Pernambuco) — Foi aproveitado o seu trabalho, "A Menina do Cais".

F. Moreira (S. Luis, Maranhão) — Seu conto "Lidia Morta" foi aprovado.

Péricles Leal (Rio) — Vai sair o seu "O Grande Fantomas".

O. Gomes de Castro (Rio) — Seu conto "A Dúvida" foi aprovado.

Wenceslau Rosa (Rio) — "A Senhora Deputada" está aprovado.

G. L. (Recife) — Não foi aprovado "O Cachorro".

R. L. (Belo Horizonte) — Não póde ser aprovado o seu "Angela Sonhadora".

A quem couber — Os contos "A Coroação da Velha Leocádia" e "Sonho digno de ser contado", sem assinatura nem origem, não foram aprovados.

C. C. (Juiz de Fora) — "Pega! Pega o ladrão!" não foi aproveitado.

D. P. (Rio) — Não póde ser aprovado o seu conto "Regina".

Manoel Moreira (Rio) — "História de uma flor que quis beijar a lua" não póde ser aprovada. Não aceitamos traduções em tais condições.

C. B. de P. (Belo Horizonte) — Não foi aprovado o seu conto "Aqui sou eu".

Mario Rosas (Higienópolis, S. Paulo) — Seu conto "A Mulher Ideal" deixou de ser aprovado. O português está muito defeituoso e o trabalho muito curto.

V. L. L. (S. Paulo) — Seu "A Verdade" não foi aprovado.

Rosita Amarante (Rio) — Gratos e sempre às ordens.

TURANDOT

(Cont. da pág. 21)

ra e a mais difundida de tôda a ópera? Também achamos muito pobre o guarda-roupa de Turrini.

Coube à nossa Aracy Bellas Campos, a quem não falta talento para o teatro lírico, interpretar o papel de Liú, jovem escrava que se mata perante a multidão e na presença de Turandot, por temer não resistir às torturas a que vinha sendo submetido para revelar o nome do desconhecido Calaf, pretendente ao amor de Turandot.

Aracy cantou com louvável perícia a grande ária que precede à morte de Liú, arrancando da assistência calorosos aplausos. Sua dicção se nos afigurou excelente. Seus pianissimos foram conduzidos com bom gôsto e segurança. Chamamos, porém, sua atenção para as duas últimas notas do registro agudo na ária que marcou seu ponto alto em Turandot, as quais nos pareceu mal colocadas, contribuindo para modificar o timbre da voz.

Aracy também não foi muito feliz na queda: de certo os aplausos a transtornaram. Foi por demais precipitada.

Ping, Pang, Pong e um Mandarim, foram interpretados, respectivamente, por Arturo La Porta, Adelio Zagonara, Nino Crimi e Antônio Lembo, com real agrado.

Os cenários de Camillo Parravicini satisfizeram muitissimo.

O côro, embora numeroso, dava-nos em certas ocasiões a impressão de insegurança. Noutras, porém, se ouve de modo louvável.

A orquestra dirigida por Oliviero de Fabritiis, regente seguro e consciencioso, portou-se geralmente muito bem, salvo nos exageros, com que eram tratados os tutti, os quais prejudicaram a compreensão de certas passagens da ópera.

EM LOUVOR AO TRABALHO

Luiz Alves Thomaz foi grande lutador: conhecedor dos princípios racionalistas cristãos e dileto amigo de Luiz de Mattos, a êste se uniu para a fundação do Centro Redentor, num esfôrço de evolução espiritual: à custa de sua operosidade e dedicação ao trabalho, galgou elevados postos no comércio e na lavoura, desencarnando milionário. Altruista legou grande parte de sua fortuna ao mesmo Centro, com a obrigação dêste continuar a obra de Luiz de Mattos: a explanação do RACIONALISMO CRISTÃO. A página que vamos ler, verdadeiro hino ao trabalho honesto e perseverante, é uma comunicação dada em Sessão Pública, em abril de 1945, pelo espírito de Luiz Alves Thomaz. Leiamo-la:

Tôda a criatura que emprega sua atividade para o Bem, que age com critério, e laboriosamente procura independenciar-se com a remuneração merecida pelo desempenho de suas obrigações, procedendo com lisura em seus atos e empreendimentos, galga posições elevadas, consegue à custa de seu próprio esfôrço dar confôrto aos seus, sente-se, enfim, feliz, e tem orgulho em ser honesto e útil aos seus semelhantes.

Ninguém deve deixar pairar em seu espírito as idéias de subôrno, do aproveitamento de ocasiões de [illegible] para locupletar-se com os bens alheios, entendendo que o dinheiro obtido por outrem com os sacrifícios, lutas e canseiras de longos anos de trabalho, também lhe pertence, e que, por isso, não precisa esforçar-se na luta pela vida nem fatigar-se muito, porque, mais dia, menos dia, as fortunas serão repartidas igualmente entre todos.

Falsas idéias que, infelizmente, obcecam muitas criaturas, inimigas do trabalho.

Todos devem procurar a independência pelo trabalho honesto e perseverante e pelas suas atitudes de valor, pois é notório que só quem vive parasitária e indolentemente é que não progride na vida.

E' necessário que haja melhor noção do cumprimento do dever, do que seja a vida neste planêta, e como deve ser ela vivida, com inteligência, critério e honradez, para que seja restringida ao mínimo a infelicidade que existe na Terra.

Grande consolação e satisfação íntima sente quem, ao fim do dia, verifica que empregou bem seu tempo, desempenhando com critério suas obrigações materiais e morais.

O trabalho dá bem estar, saúde e vigor ao corpo e satisfação e tranqüilidade ao espírito.

O indolente passa os dias a pensar no que não deve, e tais pensamentos inferiores levam-no a uma existência desordenada, aos distúrbios mentais que culminem em avassalamentos.

Em suas variadas atividades os homens precisam respeitar-se a si próprios e aos outros, impondo-se pelas maneiras corretas de agir, trabalhando com honradez, respeitando o alheio e nunca se servindo das ocasiões fáceis de se apoderarem do que, de fato, não lhes pertence.

Há, atualmente, no mundo, grande crise de caráter. As criaturas se acomodam a situações dúbias, que arrastam à prática de atos indignos. Tais criaturas não podem ter a consciência tranqüila, e daí os desequilíbrios mentais, as obsessões, os avassalamentos, tão comuns nos dias que correm.

O homem que trabalha, seja êle um proletário ou um administrador milionário, desde que trabalhe com satisfação, com a vontade ardente de cumprir o seu dever, ao fim do dia chega ao seu lar, feliz, embora fatigado, e à noite, ao deitar-se, gosa dum sono reparador, de quem sabe amar o trabalho e sabe produzir.

E' bem sabido que a felicidade não está em possuir-se fortuna material, pois, os milionários, ou os ricos, muitas vêzes, não são os mais felizes.

E' bem mais fácil constatar-se a felicidade num lar modesto, onde a mulher trabalhe nos arranjos de casa e procure realmente cooperar para o bem estar dos seus, e o marido e os filhos saem pela manhã e voltem à noite, cansados da labuta dum dia de trabalho, do que nos palácios, onde, muitas vêzes, seus moradores não têm a consciência tranqüila e a vaidade, a inveja e o egoismo imperam, criando desgostos e enfermidades.

O homem que trabalha não deve se julgar pobre, porque produzindo, terá êle tudo de que necessita, embora modestamente. E quem trabalha sente-se feliz, nada inveja de quem tem mais do que êle, nem troca sua tranqüilidade pela dos que são ricos de haveres, mas muitas vêzes, pobres de espírito.

E' preciso, por êsses motivos, saber dar valor ao Trabalho, saber bem empregar o tempo, porque todos podem chegar à velhice possuindo independência material e tendo a consciência tranqüila pelo cumprimento do dever.

Isso é que deve preocupar a todo aquêle que trabalha, luta e procura vencer, galgando as escadas da vida à sua própria custa e sendo útil à Família e à Pátria.

Com isso nos sentiremos felizes, vendo que os que nos ouvem sabem pôr em prática os ensinamentos do **Racionalismo Cristão** que esta Casa explana, e que tanto nos foram úteis quando de nossa última encarnação.

LUIZ ALVES THOMAZ

ALBUM DE

a Cena muda

PARA 1952



★ ★

AGUARDEM A GRANDE EDIÇÃO DO ÁLBUM DE A CENA PARA 1952

E' mais um maravilhoso presente aos fãs do Cinema, do Teatro, do Rádio e da Música. Fotografias dos artistas em tamanho grande com biografias completas. E muitas páginas coloridas, embelezam extraordinàriamente esta edição do «Álbum». Páginas de texto com história, notas e informações preciosas. Estará à venda no fim de setembro em todos os vendedores de revistas do Brasil, nas Capitais dos Estados e nas cidades do interior.

COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA ★ RUA MARANGUAPE, 15 ★ RIO

★ ★

SEU CACHORRO SABE LER?

O PROFESSOR DEL MAR E O SEU CURSO DE ALFABETIZAÇÃO DOS CÃES ★ ATÉ ONDE VAI A MEMÓRIA CANINA



A cadelinha procura o D, que o professor pediu. Mas, que d...iabo! a letra não aparece e ela se afoba.



Ah! Aqui está o d...anado do D. Espero que, dentro de alguns meses eu esteja d...ando no couro.

NÃO sabemos se os leitores vão acreditar nesta reportagem; mas que o fato se deu, lá isso não há a menor dúvida.

O sr. Del Mar é um italiano que tem a paciência de alfabetizar as suas cachorrinhas. Uma delas, de nome Bonnie, fêz progressos espantosos com o sistema de educação intelectual do treinador. E a outra, uma cadelinha negra, de pêlo todo felpudo, chamada Dana, fêz os mais espantosos progressos na arte de aprender a "ler" e de "somar". Fato curioso: Bonnie chegou a resolver problemas das quatro operações fundamentais da aritmética: somando, diminuindo, multiplicando e dividindo.

O paciente educador de cães teve, inicialmente, a idéia de usar os conhecidos métodos de Mme. Moeckel, quando esta senhora procurou, com êxito, ensinar ao seu cão **Rolf**. Mas o sistema era muito demorado e exigia grande poder mnemônico dos cães. Ela associava a cada letra, um certo número de pancadinhas que o cão teria que dar com a patinha. Ora, por êsse processo muito lento e fatigante, teria o cachorro que bater 47 vêzes a pata, se quisesse transmitir a palavra "biscuit". Diante dêsses obstáculos, o sr. Del Mar resolveu usar outro sistema: ensinar diretamente as letras do alfabeto aos seus alunos caninos.

Comprou todo um alfabeto de letras maiúsculas e de tamanho vistoso, e começou o curso para alfabetização de seus cães. Como fêz êle? O que se faria para ensinar o alfabeto a qualquer criança. Nada de miraculoso ou de mágico. Tomando de um A, êle o mostrou a Dana e disse: "Isto é um A". Mas o joga por terra, como se quisesse que o animal o vá buscar. O procedimento é, mais ou menos, o usado para ensinar a crianças. Sabemos que o cão muito aprecia êsse jôgo de lançar-se a certa distância um objeto qualquer, para que êle o vá buscar. Muitas vêzes isso se faz nas águas de um rio ou do mar, e o cachorro se lança à corrente ou enfrenta as ondas com uma coragem e dedicação surpreendentes.

Com o alfabeto se faz da mesma forma, com a diferença, porém, de que se diz em voz alta o nome da letra. Não se trata apenas de um brinquedo, de uma farrinha, mas de um aprendizado com fixação intelectual por associação de idéias. O cão não brinca apenas; se instrui...

Para compensá-lo do trabalho o instrutor oferece um biscoitinho. O cão o devora e fica à espera de outra lição. Ou de novo biscoito. A cada letra lançada a certa distância, o educador repete: "Vá procurar a letra tal". Mas isso, depois que o cão já conhece a letra. O treino é de tal forma convincente que, se misturarmos certo número de letras e pedirmos que o cão vá buscar uma determinada, êle a procurará dentre tôdas a que pedimos. Não há truque. É o produto real e efetivo de uma aprendizagem consciente.

Descobriu o treinador que a ortografia francesa é muito inconveniente para a alfabetização canina. Diante disso criou uma base convencional absolutamente fonética e não gráfica. As letras não devem ser designadas pelos seus nomes, e sim pela sua pronunciação. Dest'arte, o S, por exemplo, não deve ser pronunciado "éss", mas "sss", como quem pede silêncio. A "R" não deve ser ensinado "érr", ao cão, e sim "rrr". É interessante ainda ver como o cão aprendeu a conhecer a palavra "eau" (água): simplesmente "o". Pura fonologia.

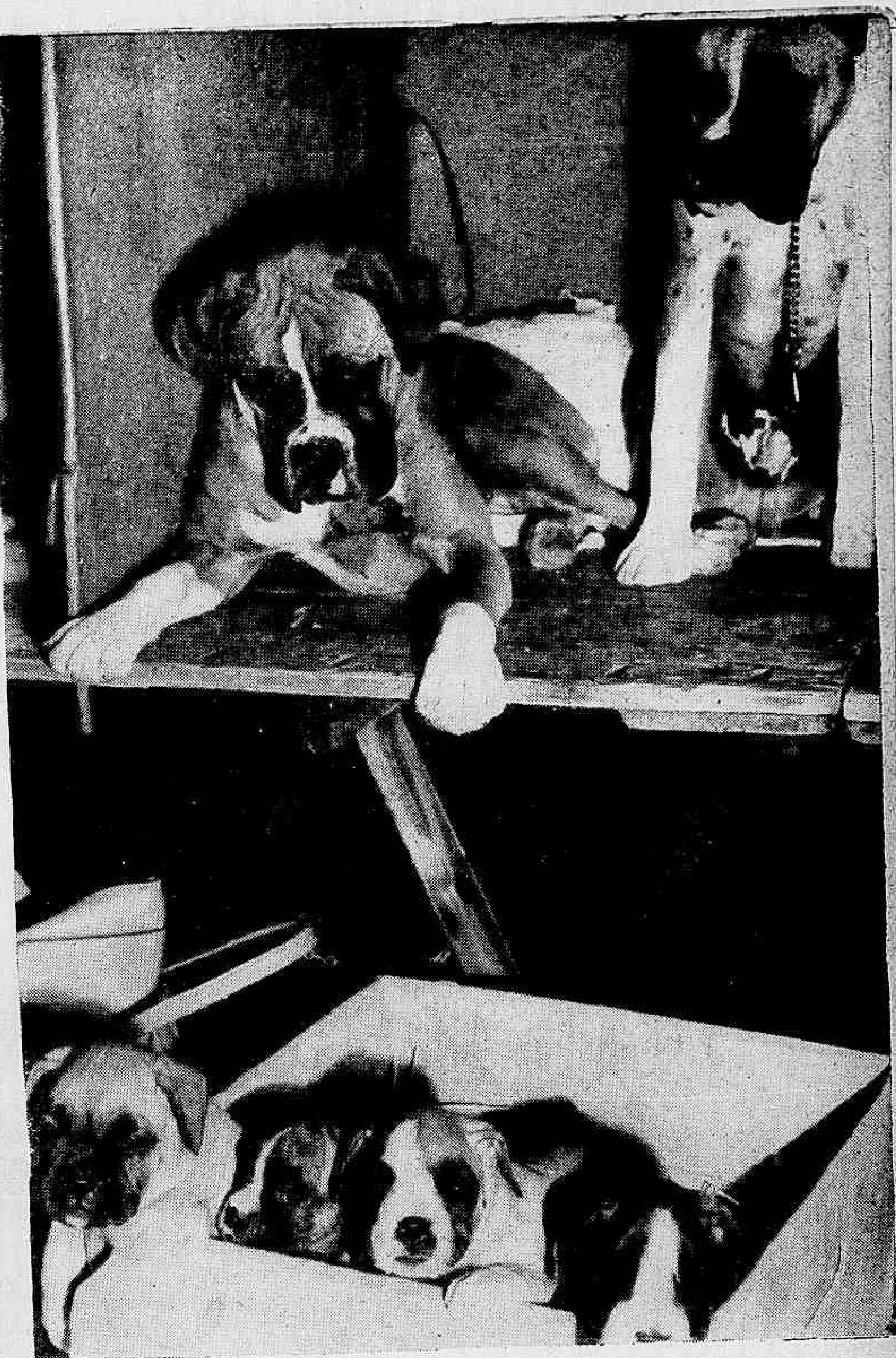
Quantas palavras pode um cão, assim ins-



O sargento Marius Scala, da Guarda Republicana, de Paris, antes da hora da aula, ensina um pouco de música ao seu cãozinho, cuja canção preferida é "Ouço ruído de osso". A vida está prá êles.



O S. Bernardo, pelo modo em que se apresenta, parece estar dizendo: "Mas, minha querida Lulùzinha, você precisa também ser uma moça instruída..."



Você não acha — minha querida mulher — que já é tempo de mandar os nossos travessos pequenos para a escola? A ignorância não ajuda.

truído, chegar a conhecer em determinado tempo, digamos seis meses? De seiscentas a mais! Depois de ensinar o alfabeto e a compor palavras, pode-se ensinar as quatro operações fundamentais da aritmética, por meio daqueles conhecidos aparelhos de bolinhas em filas. Os estudos sôbre tais aprendizagens se baseiam no poder do cérebro de um cão. Ora, o cão é um animal possuidor de um cérebro e de memória que lhe permite guardar imagens às quais êle associa sensações exatamente como sucede com o indivíduo humano. O que é preciso, naturalmente, é encontrar um processo que ajude o cão a mostrar sua inteligência e sua mnemônica...

Quem tiver cão, de agora em diante, e quiser tirá-los do analfabetismo, pode aplicar o processo de Del Mar. Mas não se esqueça de ensinar princípios de civilidade e discrição, para evitar inconveniências...



Êste fêz "gazeta". Com êle nada de estudar letras. Quer boa sombra e água fresca. E tem lá a sua maneira de pensar, embora prejudicial.



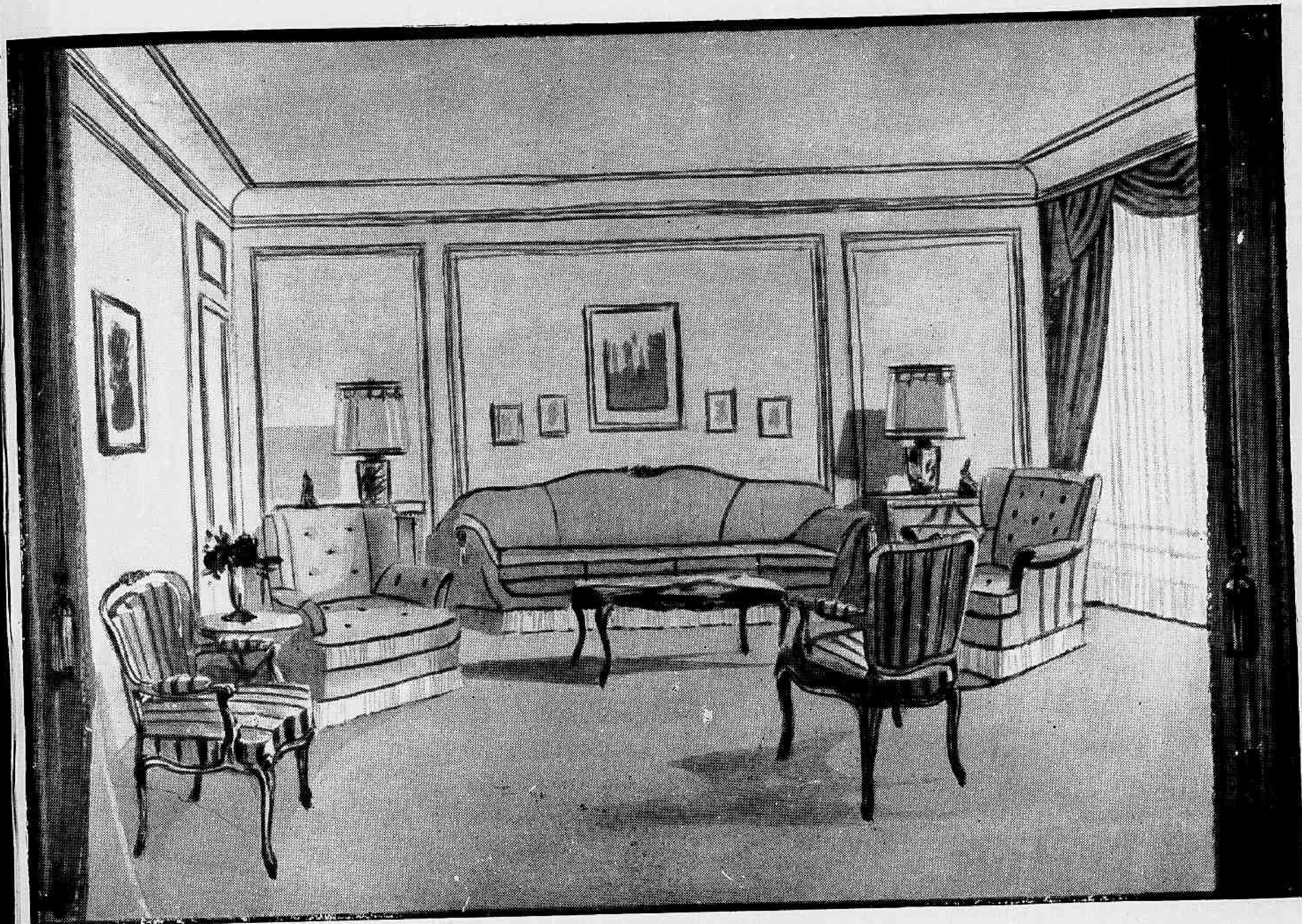
Como? Contar também? Mas isso são outros quinhentos cruzeiros. E a encantadora Dana dá tratos à bola, procurando resolver os problemas.



ÚLTIMO FLASH

DALVA DE OLIVEIRA, cuja fama dá aos fãs o direito de se meter na sua vida, a *estrelíssima*, andou rodando pela Europa, sempre num sucesso louco no rádio e nas gravações. Dalva, a fantástica que tem discos gravados em Londres (só com Roberto Inglês, [illegible]) e tem celebridade até para rotular um felisardo com o título de "Aquêle é o marido de Dalva de Oliveira", acaba de dar esta honra, agora, a Tito Climenti, com quem se casou no religioso, em Paris, na Igreja de Montmartre. Aqui vemos a estrêla e o felissimo Tito Climenti, astro argentino, no momento de saltarem do avião. Os maiores sucessos de Dalva, agora (propaganda grátis, viu Dalva?) — são "*Kalu*" e "*Fim de Comédia*". Será?

MÓVEIS E DECORAÇÕES



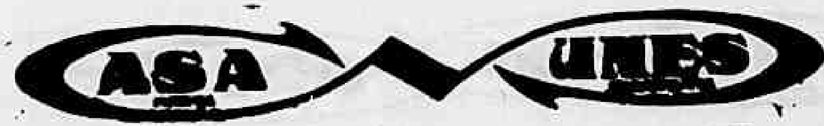


TAPÊTES e
PASSADEIRAS de FORRAÇÃO

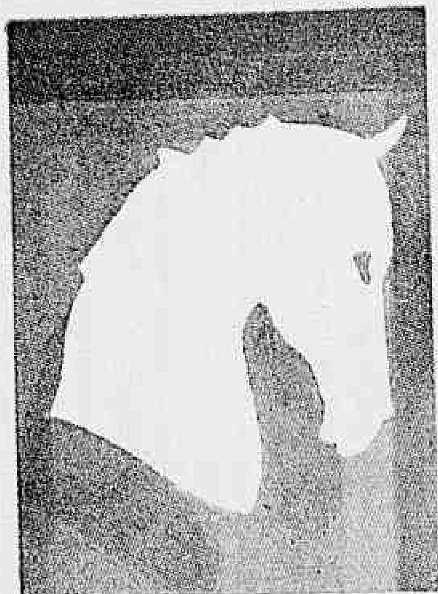
durante as obras
a PREÇOS DE ARRAZAR!

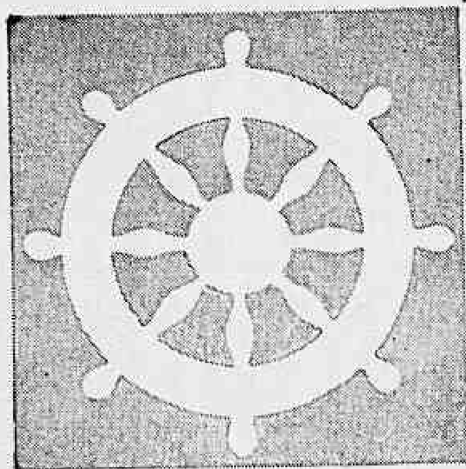
GRUPOS ESTOFADOS

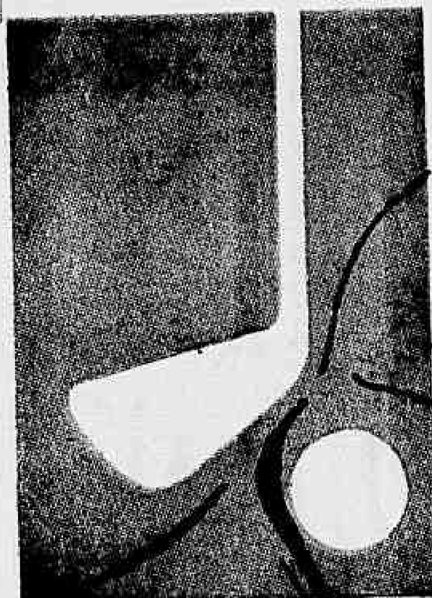
especialidade de nossas oficinas



65, RUA DA CARIOCA, 67 — RIO

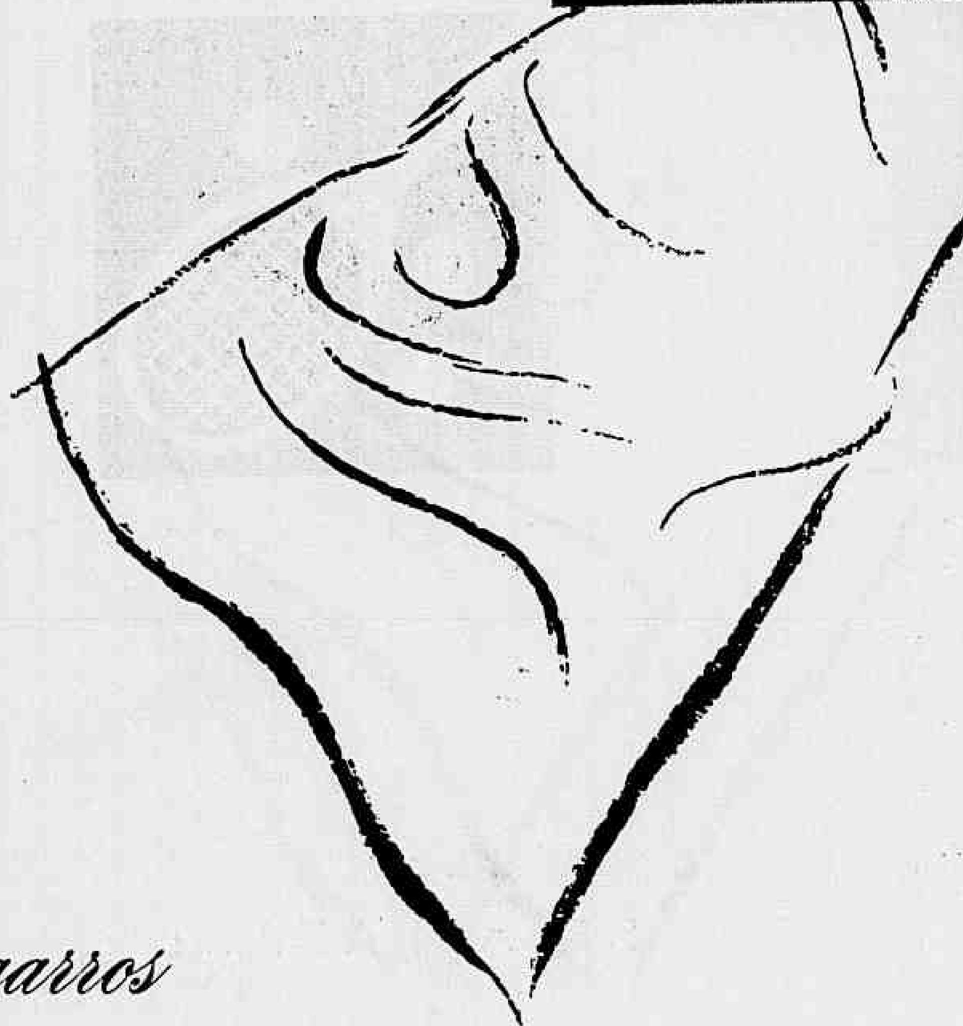














o mais procurado em sua classe!

O prestígio ímpar
dos cigarros Hollywood
é o resultado
da consagração unânime
das pessoas
de bom gosto... amantes
da arte e dos
esportes aristocráticos.

cigarros
Hollywood
uma tradição de bom gosto

H-88.093

UM PRODUTO SOUZA CRUZ